

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MARLI MARIA VELOSO

**A RECEPÇÃO DA LITERATURA JUVENIL DE ASSIS BRASIL NA BIBLIOTECA  
DE VILA NOVA DO PIAUÍ, CIDADE POESIA**

TERESINA

2018

MARLI MARIA VELOSO

**A RECEPÇÃO DA LITERATURA JUVENIL DE ASSIS BRASIL NA BIBLIOTECA  
DE VILA NOVA DO PIAUÍ, CIDADE POESIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura e Outros Sistemas Semióticos

Orientador: Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho

TERESINA

2018

V432r Veloso, Marli Maria.

A recepção da literatura juvenil de Assis Brasil na biblioteca de Vila Nova do Piauí, Cidade Poesia / Marli Maria Veloso. - 2018.  
176 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,  
Mestrado Acadêmico em Letras, 2018.

Linha de Pesquisa: Literatura e outros Sistemas Semióticos.  
“Orientador: Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho.”

1. Assis Brasil. 2. Literatura juvenil. 3. Estética da recepção. 4. Formação de leitores. I. Título.

CDD: PI869



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A RECEPÇÃO DA LITERATURA JUVENIL DE ASSIS BRASIL NA BIBLIOTECA DE VILA  
NOVA DO PIAUÍ, CIDADE POESIA  
**MARLI MARIA VELOSO**

Esta dissertação foi defendida às 09h, do dia 21 de setembro de 2018,  
como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade  
Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora  
composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora  
considerou o trabalho APROVADO..... (Aprovado, não aprovado).

Diógenes Buenos Aires de Carvalho  
Professor Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho – (UESPI)  
Orientador

João Benedito de Moura  
Professor Dr. João Benedito de Moura  
1º examinador – UFPI

Douglas Rodrigues de Sousa  
Professor Dr. Douglas Rodrigues de Sousa  
2º examinador – UESPI

Visto da Coordenação:

Feliciano José Bezerra Filho  
Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras  
da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI  
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

À minha mãe, Maria Mercêdes ~~ROCHA~~,  
pela orientação sem a qual  
eu não teria encontrado o meu caminho.

*In memoriam*, às amigas-irmãs Firmina e Ana Márcia,  
alegria e companheirismo que me fazem muita falta.

À Ana Clarissa e Henrique,  
companheir@s nas leituras diárias.

## AGRADECIMENTOS

(...) aquilo que lemos de mais belo deve-se,  
quase sempre, a uma pessoa querida.  
E é a essa mesma pessoa querida que falamos primeiro.  
Talvez porque, justamente,  
é próprio do sentimento,  
como do desejo de ler, preferir.  
Amar é, pois, fazer dom de nossas preferências  
àqueles que preferimos.  
E esses partilhamentos povoam  
a invisível cidadela de nossa liberdade.  
Somos habitados por livros e amigos.

Daniel Pennac

A meu pai, Firmino e à minha mãe Maria, que foram os únicos que tiveram coragem de ler o que eu escrevia e eu “nem imagino” os porquês. E, por terem sido pai e mãe dos meus filhos também.

A Vilebaldo Rocha e Rozângela Rocha, pelo apoio decisivo, pelas músicas e pelas poesias com as quais diariamente preencheram os corações do meu pequeno e da minha pequena durante a minha ausência na peleja para estudar.

Aos estudantes egressos, auxiliares de biblioteca, professores e famílias vilanovenses pela acolhida, pela colaboração, por compartilharem suas experiências e por ampliarem meus horizontes.

À equipe da Biblioteca Patativa do Assaré com quem essas reflexões ganham forma e conteúdo.

Aos grandes amigos e companheiros de trabalho: Jhônatas Luz, Irismar Leal, Angélica Thaine, Taynara Oliveira e Iago Sousa.

A Arinaldo Leal, faço minhas as palavras que ele certamente não lembra que proferiu: “meu amor por você está acima de todos os problemas.”

À Alice Júlia, pelo apoio “moral” desde quando o projeto começava a ser desenhado.

A Sidnei, por compartilhar e aliviar as angústias durante o processo de seleção do Mestrado.

A Manoel Lino, meu clone, e a Michel Augusto, meu anjo, que só não escreveram meus trabalhos e nem assistiram aula por mim, mas retiraram todas as pedras que a burocracia plantou em meu caminho.

Ao NEPA e aos Les Chats, pelas lições de companheirismo ao longo do curso.

Pelo incentivo para que eu trilhasse esse caminho e por acreditarem em mim (embora não devessem!), agradeço às minhas irmãs: Isabel Lima, Núbia Rocha, Gorete Sousa (Cumadi), Adriana Rocha, Thays Rocha (Tata), Rozângela Rocha e Suzy Liberalina (a caçula).

A Ricardo, pelos batons Garoto para acalantar Ana Clarissa.

A Alcides Neto, fonte de inspiração.

À Maria Cândida e a Rafael Santos, exemplos que arrastam.

À Luzia Eremita, Angélica Thaine e Taynara Oliveira, pelo apoio e torcida, por se preocuparem com o andamento da pesquisa e se tornarem parte tão importante dela.

A Edilson Brito, pela compreensão e apoio indispensáveis.

À Zefinha Lima, regente que me preparou para desafinar o coro dos contentes e me ensinou a questionar os professores sem compromisso com as questões sociais.

Aos mosqueteiros que asseguram a dimensão da beleza em minha vida: Flávio Guedes, Jesualdo Alves, Nonato Fontes e Sávio Barão.

À Kelly Leal, que num sopro divino apareceu num dos momentos mais estressantes como alento para meu coração.

À Ana Clarissa e Henrique, por não me deixarem “enrolar minha bandeira e dar no pé”.

A Felipe e Janete, que tão bem representam as pessoas que mesmo geograficamente distantes se mantêm presentes em nossa vida.

À Secretaria de Estado da Educação (SEDUC-PI), pela concessão de bolsa.

À Coordenação e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí, em especial, aos professores cujas disciplinas foram essenciais: Diógenes Buenos Aires, Elio Ferreira, Fabrício Fernandes, Feliciano Bezerra e Wanderson Torres.

À Iara Shimizu, do Comitê de Ética em Pesquisa da UESPI, pela orientação essencial à pesquisa de campo.

Ao professor Diógenes Buenos Aires de Carvalho, por ser o mediador da construção dessa dissertação, por mediar a dor (ora aumentando, ora diminuindo).

Ao Professor Douglas Sousa, cuja leitura minuciosa do projeto de pesquisa resultou em críticas e comentários construtivos no Seminário de Qualificação do Projeto.

Aos professores da fase de Qualificação: Silvana Calixto e Douglas Sousa, pelas sugestões e preciosas contribuições na qualificação da dissertação.

Aos professores da banca examinadora: Douglas Sousa e João Benvindo, pelo olhar arguto através do qual contribuíram para enriquecer minha pesquisa.

A Assis Brasil, por sua biografia, bibliografia e disponibilidade. Por ter, desde a minha infância, tornado a minha vida repleta de encanto e por ser fonte de luz para que eu ilumine o caminho dos meus alunos, dos meus amigos e dos meus filhos.

À Sandra, que cuida do Assis Brasil e de nós seus amigos e leitores.

Mais uma etapa se encerra e em mim permanece a certeza de que o mais valioso e o que eu mais quero é *“uma casa no campo, onde eu possa plantar meus amigos, meus livros, meus discos e nada mais.”*



*Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético.  
O que são as palavras dormindo num livro?  
O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente.  
O que é um livro se não o abrirmos?  
Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas;  
mas se o lemos acontece algo especial,  
creio que muda a cada vez.*

*Jorge Luís Borges*

## RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa bibliográfica, de campo e analítico quantitativa com o objetivo de analisar a recepção da obra de Assis Brasil e sua contribuição na formação do leitor do texto literário juvenil a partir da mediação da Biblioteca Municipal de Vila Nova do Piauí. Optou-se por um aporte teórico consonante com a Teoria Recepcional e a Sociologia da Leitura, para conhecermos o comportamento do leitor, sua atuação individual e vinculada ao extraescolar, atentando para os mediadores de leitura e focalizando o contexto social e educacional e suas implicações na formação do leitor. Para tanto, inicialmente, esboça-se o papel do leitor na perspectiva da Estética da Recepção consoante Jauss (1994), Zilberman (1989), Bordini e Aguiar (1993). No tocante ao papel da biblioteca como mediadora de leitura pelo viés da Sociologia da Leitura pauta-se nos estudos de Candido (1995, 2004, 2014), Petit (1999, 2008), Bamberger (1995), Colomer (2007) e Azevedo (2003). A concepção e as especificidades do gênero literatura juvenil delineiam-se a partir dos pressupostos teóricos de pesquisadores como: Martha (2010), Groppo (2000), Ceccantini (2000, 2004, 2010), Ferreira (2008), Cosson (2007), Carvalho (2011) e Aguiar (2014). Concernente à metodologia estabeleceu-se a coleta dos dados contidos nos documentos oficiais, o questionário de identificação do nível socioeconômico e cultural dos participantes da pesquisa e entrevistas semiestruturadas com docentes, estudantes egressos e auxiliares de biblioteca. Em seguida, aborda-se, de modo panorâmico, o contexto histórico, educacional e sociocultural do universo da pesquisa, o perfil dos participantes, os instrumentos e os passos da pesquisa. Por fim, alinhavam-se os horizontes de expectativas dos leitores da obra juvenil de Assis Brasil, o diálogo estabelecido entre a tríade autor, texto e leitor a partir da mediação da biblioteca concernentes à leitura literária e sua contribuição para a formação de leitores. Através da investigação foi possível identificar que a literatura juvenil de Assis Brasil tem ampla recepção da comunidade vila-novense e que houve momentos nos quais os horizontes de expectativas dos leitores foram atendidos e outros nos quais houve uma ruptura, ora gerando ampliação dos horizontes, ora questionamentos sobre a abordagem de determinadas temáticas. No universo pesquisado a ação dos mediadores aliada à democratização do acesso ao livro, à leitura e à literatura, são decisivas no processo de formação de leitores perenes.

**Palavras-chave:** Assis Brasil. Literatura Juvenil. Estética da Recepção. Formação de Leitores.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of a quantitative-qualitative bibliographical, field and analytical research with the objective of analyzing the reception Assis Brasil work and its contribution in the formation of the youth literary text reader through the Municipal Library mediation, in Vila Nova do Piauí. We opted for a theoretical contribution consonant with the Receptive Theory and Reading Sociology, to know the behavior of the reader, its individual performance and linked to the out-of-school context, paying attention to the reading mediators and focusing on the social and educational context and its implications in the reader training. In order to do so, initially, we drafted the role of the reader in the perspective of the Reception Aesthetics according to Jauss (1994), Zilberman (1989), Bordini and Aguiar (1993). Regarding the role of the library as reading mediator through the bias of Reading Sociology, the research is based on the studies of Candido (1995, 2004, 2014), Petit (1999, 2008), Bamberger (1995), Colomer (2007) and Azevedo (2003). The conception and specificities of the youth literature genre are based on the theoretical assumptions of researchers such as: Martha (2010), Groppo (2000), Ceccantini (2000, 2004, 2010), Ferreira (2008), Cosson (2007), Carvalho (2011) and Aguiar (2014). Concerning the methodology, we established data collected in the official documents, socioeconomic and cultural level identification questionnaire of the research participants and semi-structured interviews with teachers, graduates and library assistants. Then, we broached, in a panoramic way, historical, educational and sociocultural context of the research universe, participants profile, instruments and steps of the research. Finally, we aligned the horizons of expectations of Assis Brasil youth work readers, the dialogue established between the author, text and reader triad from school and library mediation concerning literary reading and its contribution to the readers training. Through the investigation it was possible to identify that Assis Brasil youth literature has wide reception in the vila-novense community and there were moments in which the horizons of readers expectations were met and others in which there was a rup sometimes generating broadening horizons, sometimes questions about the approach certain themes. In the universe researched, the mediators action and democratization of access to books, reading and literature, are decisive in the readers perennial training process.

**Keywords:** Assis Brasil. Youth Literature. Reception Aesthetics. Readers Training.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AB: ASSIS BRASIL

ABL: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ALERP: ACADEMIA DE LETRAS DA REGIÃO DE PICOS

APL: ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

BN: BIBLIOTECA NACIONAL

BPA: BIBLIOTECA PATATIVA DO ASSARÉ

CF: CONSTITUIÇÃO FEDERAL

CNE: CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CNTE: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO

DCN: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

ECA: ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

FIRJAN: FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FNLIJ: FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

FUNAI: FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

GPC: GRUPO PROTAGONISTA DA CULTURA

IDH: ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

INEP: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

IPL: INSTITUTO PRÓ-LIVRO

MEC: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MINC: MINISTÉRIO DA CULTURA

PCCP: PONTO DE CULTURA CIDADE POESIA

PCNS: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

PDE: PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

PISA: PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DOS ESTUDANTES

PME: PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

PMLL: PLANO MUNICIPAL DO LIVRO E LEITURA

PNE: PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PNLL: PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA

PPPE: PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA ESCOLA

SAB: SOCIEDADE AMIGOS DA BIBLIOTECA PATATIVA DO ASSARÉ

SAEB: SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

SAEVIN: SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE VILA NOVA

SGL: SABINO GOMES DE LIMA

SECULT/PI: SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO PIAUÍ

SEME: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

SNBP: SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

UESPI: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

UFPI: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

UNESCO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA

ZMS: ZACARIAS MANOEL DA SILVA

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	15
<b>1. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR</b> .....	22
1.1 A Estética da Recepção: redimensionando o papel do leitor.....	22
1.2 A Sociologia da Leitura: a Biblioteca enquanto mediadora de leitura .....	29
1.3 Literatura Juvenil: concepções e especificidades .....	41
<b>2. ROTEIRO DO OLHAR</b> .....	54
2.1 Metodologia da Pesquisa.....	54
2.1.1 Caracterização da Pesquisa.....	55
2.1.2 Instrumentos da Pesquisa.....	56
2.1.3 Passos da Pesquisa.....	57
2.1.4 Universo da Pesquisa.....	58
2.1.4.1 Vila Nova – Cidade Poesia.....	58
2.1.4.2 O Direito à Literatura na Cidade Poesia – Marcos Legais.....	65
2.1.4.3 Perfil Socioeconômico e Cultural dos Participantes.....	73
<b>3. HORIZONTES DE EXPECTATIVAS DOS LEITORES DA OBRA DE ASSIS BRASIL</b> .....	82
3.1 A Práxis Literária de Assis Brasil.....	82
3.2 A Literatura Juvenil de Assis Brasil na Biblioteca Patativa do Assaré.....	88
3.3 A Literatura Juvenil de Assis Brasil na voz de seus leitores.....	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120
<b>ANEXOS</b>	
<b>APÊNDICES</b>	

*Há aqueles que não podem imaginar um mundo sem pássaros;  
Há aqueles que não podem imaginar um mundo sem água;  
Ao que me refere, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros.*

*Jorge Luís Borges*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro faz a gente imaginar  
E depois humanizar  
Faz a gente mobilizar  
Sonhar  
E ler até cansar.

Henrique Veloso– 10 anos<sup>1</sup>

Quando eu tinha 10 anos e cursava a 4ª série do ensino fundamental a professora da turma solicitou que cada estudante escolhesse e comprasse um livro a partir da relação de títulos por ela previamente selecionados. Éramos 40 alunos e 40 títulos compuseram o acervo de leitura da turma. Com um poder de encantamento inesquecível a professora realizou o circuito do livro na sala de aula e ao final do ano tínhamos lido sob sua orientação 40 livros de literatura. A experiência ampliou os meus horizontes, fez com que eu me tornasse uma leitora voraz e compreendesse a relevância de assegurar às crianças e aos adolescentes o direito à literatura por, entre outros motivos, sua dimensão humanizadora. À época, dentre os autores lidos além de Pedro Bandeira, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Betinho, Lygia Bojunga, José Mauro Vasconcelos, Érico Veríssimo, diversos autores da série Vagalume: Marcos Rey, Maria José Dupré e Assis Brasil (com Tonico e Carniça).

Começava, então, uma relação de encantamento que a cada dia se fortalece e se estende para além da fruição pessoal e se faz presente na minha relação com os meus filhos, amigos, filhos de amigos, afilhados, sobrinhos, alunos e colegas de trabalho. Eis que, ao pensar no Mestrado a área não poderia ser outra e o tema do projeto de pesquisa já estava delineado no coração. Defini o meu lugar nos estudos literários como estudiosa da Literatura Infantil e Juvenil por acreditar na importância de contribuir para que essa literatura tenha seu lugar ampliado nas famílias, nas escolas, nas bibliotecas, nas políticas públicas e no âmbito acadêmico dos estudos literários.

A pertinência acadêmica do estudo perpassa aspectos multidisciplinares de cunho literário, educacional, geográfico, histórico e cultural. No entanto, nosso recorte está circunscrito às questões concernentes ao processo de formação de leitores e a função da biblioteca como mediadora de leitura literária. Considerando a assertiva de Zilberman (1982), de que a literatura juvenil se constrói enquanto gênero por meio do destinatário especial que possui, assumindo o papel de ampliar o horizonte do leitor e suscitar sentimentos críticos por meio de personagens com os quais se identifique e como os mediadores podem colaborar no

---

<sup>1</sup> VELOSO, Henrique. *Leitur'artes X*, Picos: IMH, 2016.



cerne desse processo, recorremos aos conceitos da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura como aportes para a nossa caminhada.

No tocante à relevância social, sabemos que, na realidade piauiense, historicamente tivemos poucos e descontínuos registros consistentes de difusão da leitura, uma vez que, segundo Magalhães (2016), até meados do século XX inexistiam bibliotecas, livrarias e tipografias e a quantidade de escolas era irrisória.

Em função desse processo histórico, muitos desafios se impõem ao trabalho com o texto literário – sobretudo de autores piauienses – nas nossas escolas. Destarte, podemos afirmar que temos uma produção profícua de literatura e um exemplo dessa produção de elevado nível estético é a extensa obra do escritor Assis Brasil que aborda várias temáticas e para diversos públicos, inclusive para crianças e jovens. A delimitação da recepção da obra juvenil de Assis Brasil no processo de formação de leitores perenes como objeto de estudo da presente pesquisa deu-se em função de que, a partir de 2007, a BPA adquiriu o acervo e passou a desenvolver projetos e ações de formação de leitores literários envolvendo diversos segmentos sociais e desvelando uma experiência ímpar no semiárido piauiense.

Vale ressaltar que a literatura infantil e juvenil contemporânea em terras piauienses revelou nos últimos anos uma significativa produção literária. Dentre os nomes que despontam podemos citar, cientes de que cometeremos omissões ao arrolarmos autores e obras: Cineas Santos, com *O menino que descobriu as palavras* (2007) e *Ciranda Desafinada* (2008); José Airton, com *Alquimia Maluca, Caras e Tipos, O Pato Vaidoso, Cantigas de Roda, Frevo Ação, O Último Trem do Forró, Parlendas e Cantigas de Roda*; Bruna Medeiros, com *Viver sendo Criança* (2002); Samid Ingrid, com *A Poesia e Eu* (2009); Isaac Folha, com *Cantigas de Valor* (2014); Marleide Lins, com a adaptação do conto do escritor Assis Brasil *A fala da cor na dança do beija-flor* (2015) e *A galinha desamorosa* (2015), em parceria com Avelar Amorim; Maria Letícia Mendes Araújo, com *Pensamentos para Poesias(?)*; Danilo Almeida com adaptação das lendas piauienses: *Cabeça de cuia* e *A Porca do dente de ouro* (2015); Sônia Rosano, com *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (2012); Raimundo Lima, com *A Menina do Bico de Ouro* (2017); Talita do Monte, com *Malu Maluca* (2016); Marcelo dos Anjos, com *Perguntas que a Júlia me faz* (2016); Márcia Evelin, com *O segredo da chita voadora* (2017); Deolinda Marques, com *O canção e a raposa: nunca vi terra com dente, e, O gato e a lagartixa* (2018).

A força da tradição oral alimenta a produção literária piauiense, no gênero cordel encontramos *O Pequeno Príncipe* (2016), por Raimundo Clementino; *Romeu e Julieta* (2007), por Ilza Bezerra; *Aventura Maldita* (2012), de Josefina Lima; *ABC da Ecologia* (2014), de

Cineas Santos. Além dos cordéis, ecoam causos, lendas, repentes que povoam o imaginário dos piauienses e que ganham espaço no cinema com produções como *O sonho de Felismino* (2015), *Eita Píula* (2017), *O Pescador e o Rio* (2018), ambos sob direção de Flávio Guedes.

A esses nomes se somam dezenas de outros espalhados pelo território piauiense por onde encontramos produções musicais como *Coração de Mamulengo*, de Chagas Vale e diversos grupos teatrais com espetáculos montados a partir de textos literários voltados para crianças e adolescentes. Destacam-se produções de Chagas Vale, Afonso Miguel, Walfrido Salmito, Grupo Abracadabra, Projeto Bar Cultural (PBC), dentre diversos artistas e grupos que estabelecem um diálogo com a literatura infantil e juvenil e que ampliam o panorama literário piauiense.

Contudo, percebemos uma série de problemas que emperram o aumento da difusão da produção literária local do nosso estado. Entre as dificuldades enumeráveis podemos citar a falta de levantamento bibliográfico de escritores piauienses que produziram/produzem literatura infantil e juvenil; excessivo distanciamento entre esses produtores de literatura e os potenciais leitores; a falta de políticas públicas de incentivo à leitura, sobretudo da produção local; poucos estudos sobre a recepção do texto literário juvenil pelo jovem.

Referente às pesquisas sobre a recepção do texto literário juvenil pelo adolescente, catalogadas no Banco de Dissertações e Teses da Capes, constatamos que as instituições que concentram o maior número de estudos dessa abordagem são: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao lado das quais se destaca pelo número de pesquisas (dissertações e teses) a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

No tocante à contribuição da Estética da Recepção à literatura infantil e juvenil encontramos no livro *As crianças contam as histórias*, de Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2011), uma abordagem que parte dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e dos horizontes de leitura das crianças, na qual o autor nos aponta o fato de que os estudos que consideram a criança e o jovem enquanto receptores do texto literário são incipientes e nos apresenta alguns estudos que exploram esta linha de pesquisa.

Segundo Carvalho (2011, p. 18-19),

A recepção do texto literário infantil pela criança ou jovem, no entanto, é ainda pouco explorada pelos estudiosos da literatura infantil e juvenil,

confirmando isso pela existência de um reduzido número de trabalhos nesse âmbito, podendo-se, destacar *Narrativa em criança e processos de leitura*, de Leonor Scliar Cabral (1983); *Comunicação literária na pré-escola: elementos históricos e ficcionais do ato narrativo*, de Vera Teixeira de Aguiar (1988); *Vida e paixão de Pandomar – o cruel*, de João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção, de João Luís Cardoso Tápias Ceccantini (1993); e *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*, de Maria Alice Faria (1999).

Pesquisas ao lado das quais acrescentamos *A produção cultural juvenil e a contemporaneidade: a coleção Primeiro Amor*, de Jesiane Marion Fernandes (2010), que examina as preferências e/ou contingências de leitura de adolescentes no contexto pós-moderno da globalização cultural e da indústria cultural de massa. Sobre a formação do leitor literário e do mediador de leitura literária encontramos os trabalhos *Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura*, de Katiane Crescente Lourenço (2010), *Entre o livro e a leitura: um CLIC de mediação*, de Ana Elisa Prates (2009), *Um CLIC para perpetuar a felicidade clandestina: reflexões sobre a mediação de leitura*, de Cristine Lima Zancani (2008), e, *Por uma leitura literária crítica e transformadora na escola de 1º grau*, de Mercedes Formigo Fariña (2006).

Com o objetivo de compreender como está sendo representada a criança na narrativa infantil brasileira do século XXI encontramos *Narrativa infantil brasileira no século XXI: a personagem criança e a sociedade*, de Luana Bitencourt Gomes (2008). Discutir até que ponto o ensino de literatura no ensino médio garante a formação do leitor literário, procurando demonstrar que o modo como a literatura vem sendo lida na escola tem provocado a incompreensão do seu valor estético é o foco da pesquisa *O curto-circuito do fenômeno poético (ou Reflexões sobre o ensino de Literatura)*, de Myrtes Maria da Silva Folegatti (2007).

No intuito de questionar os modos como os leitores receberam a leitura da obra e estudar as contribuições da Estética da Recepção para o ensino de literatura e para a formação do leitor, além de investigar a compreensão dos principais aspectos que levavam à aceitação, ou não, da obra e como ocorre a recepção literária são os fios condutores de trabalhos como *Lygia Bojunga: a recepção de Corda Bamba por crianças e adolescentes*, de Fernanda Magalhães Boldrin Schubert (2007).

A pesquisa aqui apresentada insere-se no rol dos estudos sobre a recepção do texto literário juvenil enleado aos aspectos sociológicos, de acordo com Ceccantini (2010) apesar de essa não ser uma área nova da pesquisa literária, a literatura para jovens encontra resistência, embora seja de vultuosa riqueza para os estudos atuais do texto literário.

Para a consecução dos objetivos nos propusemos a investigar acerca da experiência vivenciada no município de Vila Nova do Piauí, localizado a 373km ao sul de Teresina, capital do Estado do Piauí, no semiárido piauiense e pertencente à microrregião do Alto Médio Canindé e ao território do Vale do Guaribas e carinhosamente chamado de “Cidade Poesia”.

O propósito é perscrutar o impacto provocado pela iniciativa da Biblioteca Municipal Patativa do Assaré no processo de formação dos leitores vila-novenses a partir da recepção aos textos literários de Assis Brasil, através de uma pesquisa de campo, de cunho bibliográfico e analítico quanti-qualitativo, com o intuito de conhecer os efeitos e horizontes de expectativas que a obra produz na formação do leitor do texto literário juvenil.

Nortearam nossa investigação as seguintes questões:

- Como a biblioteca municipal realiza a mediação da leitura literária da obra de Assis Brasil?
- Como se configura a recepção da obra juvenil de Assis Brasil por estudantes egressos do ensino fundamental?
- Quais os horizontes de expectativas presentes na obra de Assis Brasil e nos jovens leitores?

Com o objetivo de analisarmos a recepção da obra de Assis Brasil, a partir da mediação da biblioteca, para conhecermos os efeitos e horizontes de expectativas que a obra produz na formação do leitor do texto literário juvenil procuramos conhecer como a Biblioteca de Vila Nova do Piauí realiza a mediação da leitura literária, constatar como se configura a recepção da obra juvenil de Assis Brasil por estudantes egressos do ensino fundamental, observar como professores da rede municipal de ensino e biblioteca dialogam e como compreendem os horizontes de expectativas que constituem o texto literário voltado para os adolescentes a partir das estratégias da biblioteca vila-novense.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro intitula-se *A Literatura e a Formação do Leitor*, no qual esboçamos a importância do texto literário para a formação do leitor, à luz da contribuição da Estética da Recepção que redimensiona o papel do leitor, da Sociologia da Leitura, que analisa o comportamento do leitor na sua atuação social e o papel da biblioteca como mediadora de leitura; e, a concepção e especificidades da literatura juvenil e o entrelaçamento com as concepções de juventude.

No segundo capítulo – *Roteiro do Olhar* - trazemos à baila, de modo panorâmico, o contexto histórico, educacional e sociocultural do universo da pesquisa, analisamos os marcos legais concernentes ao direito à literatura e o perfil socioeconômico e cultural dos

participantes, delineamos o roteiro que conduziu nosso olhar e no qual estão inseridos a metodologia da pesquisa, com seus instrumentos e passos, de forma a nortear o leitor quanto aos caminhos científicos eleitos para direcionar nossa caminhada.

No terceiro capítulo – *Horizontes de Expectativas dos Leitores da Obra de Assis Brasil* – fazemos uma breve incursão sobre a práxis literária de Assis Brasil; apresentamos, analisamos e discutimos os dados obtidos através das entrevistas, dos questionários e, alinhavamos os resultados das análises concernentes aos horizontes de expectativas dos leitores da obra juvenil de Assis Brasil e o diálogo que se estabelece entre a tríade autor, texto e leitor a partir da mediação da biblioteca.

Logo após as análises, apresentamos as *Considerações Finais*, nas quais retomamos as questões norteadoras da pesquisa e procuramos identificar a partir das constatações da pesquisa e à luz do arcabouço teórico que a norteia, se os objetivos foram alcançados. Em seguida elencamos as referências bibliográficas, anexos e apêndices.

Eis que a presente pesquisa ao analisar a recepção da literatura juvenil de Assis Brasil e o processo de formação de leitores, a partir da mediação da biblioteca no município de Vila Nova do Piauí, espera contribuir de modo a provocar reflexões sobre a importância de estudos que tenham por base a investigação sobre a recepção literária de adolescentes.

*É por meio da leitura  
Que poderá a criatura  
na vida desenvolver,  
O livro é companheiro  
mais fiel e verdadeiro  
que nos ajuda a vencer.*

*Patativa do Assaré*

## 1. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Meu coração se engrandece,  
 Em poder participar.  
 Com vocês ao recitar,  
 Versos de nossa cultura.  
 Defendendo a leitura,  
 Nesta terra de alegria.  
 Que dia e noite, noite e dia,  
 Cresce mais e se renova.  
 Assim segue Vila nova,  
 Dando voz à poesia.

Samuel Nascimento

Neste capítulo, são discutidos aspectos que sintonizam educação e cultura concernentes à importância do texto literário para a formação do leitor, à luz da contribuição da Estética da Recepção, que redimensiona o papel do leitor; o processo social presente na leitura pelo viés da Sociologia da Leitura, que analisa o comportamento do leitor na sua atuação social e o papel da biblioteca como mediadora de leitura para jovens, professores e auxiliares de biblioteca; e, a concepção e especificidades da literatura juvenil e o entrelaçamento com as concepções de juventude.

Consideramos imprescindível investigar a recepção da literatura juvenil de Assis Brasil num universo permeado de contribuições de uma prática social diferenciada que dá voz ao leitor e fomenta o processo de formação de leitores literários.

### 1.1 A Estética da Recepção: redimensionando o papel do leitor

Mas numa história sempre há um leitor,  
 e esse leitor é um ingrediente fundamental  
 não só do processo de contar uma história,  
 como também da própria história.

Umberto Eco

A obra literária tem historicamente gerado investigações sobre sua natureza e seu funcionamento. De pensadores gregos como Aristóteles e Platão aos teóricos contemporâneos, a pergunta “Para que a arte existe?” continua em busca de respostas. Entre as respostas plausíveis, o poeta Ferreira Gullar (2013) nos ensina que “A arte existe porque a vida não basta” e o escritor Assis Brasil (2007) manifesta a relação inexpugnável entre a arte

e a vida ao afirmar que “Sem arte uma sociedade não sobrevive. Tomamos conhecimento de vários países através de sua arte, e não de sua política ou economia.”

Dentre tantas questões que permeiam a obra literária, a criação de um novo leitor, não mais passivo, mas parte integrante do processo de construção da história, é tema recente e a relação entre literatura e leitor perpassa os estudos de autores como Ingarden (1931), Barthes (1937), Escarpit (1958), Iser (1976), Eco (1979), Fish (1980), Chartier (1992). Para a compreensão do arcabouço conceptual que norteia nossa pesquisa, utilizamos, entre outros títulos, *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, de Hans Robert Jauss (1994), que discorre sobre aspectos importantes da literatura e concebe o leitor como parte de um sistema que deve levar em conta tanto o autor quanto a sua obra e a sua recepção. O texto é fruto da aula inaugural de Jauss em 1967, na recém-criada Universidade de Constança, intitulada *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?* (*Was heisst ud zu welchem Ende studiert man Literaturgeschich*), na qual Jauss faz uma crítica à maneira pela qual a teoria literária vinha abordando a história da literatura, considerando os métodos de ensino e propondo reflexões sobre novos prismas. A provocação estava lançada e o seu impacto causou uma mudança de perspectivas no foco dos estudos literários a partir do qual o leitor é concebido como parte de um sistema que deve levar em conta tanto o autor quanto a obra e a sua recepção.

No contexto no qual foram lançados os questionamentos que se configurariam como o manifesto da Estética da Recepção, na Europa os ventos sopravam em direção a uma mudança de paradigmas nos aspectos políticos, culturais e educacionais. No tocante ao ensino da história da literatura, a contestação se fundamenta no fato de que estava reduzido às perspectivas das teorias marxista (que a partir de uma visão sociológica salientava a relação entre literatura e realidade social) e formalista (que reduzia o estudo do texto às estratégias verbais consideradas responsáveis pela literariedade) que relegavam o leitor a segundo plano.

Embora contestasse essas vertentes teóricas, Jauss se apropriou das contribuições de ambas as teorias para estabelecer uma diretriz para o estudo da arte literária com ênfase na relação dialógica entre o leitor e a obra, que traz em seu bojo pistas e espaços vazios a serem preenchidos na perspectiva de que a experiência estética proporcione conhecimento e ampliação dos horizontes de leituras.

Ao considerar o leitor como o principal elo do processo literário, a Estética da Recepção propõe caminhos considerando que fatores sociais, religiosos, políticos, éticos, econômicos e ideológicos influenciam a produção literária e a sua recepção, porque “apenas esse enfoque tem meios de superar a abordagem exclusivamente mimética, ao considerar



dialeticamente a função da arte, ao mesmo tempo formadora e modificadora da percepção” (ZILBERMAN, 1989, p. 32).

As formulações de Jauss asseguram que a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua repercussão junto à posteridade, critérios esses considerados de mais difícil apreensão.

No horizonte que surge nesse dado momento histórico, uma conquista da estética da recepção foi, consoante Zilberman (1989, p.12),

a noção de que os sistemas não explicam tudo, portanto, de que o novo pode emergir de lugares inesperados, exigindo que se esteja não só atento para a novidade, mas que se mantenham os sentidos em forma para perceber, compreender, e interpretar da melhor maneira possível sua ocorrência. Talvez o mérito principal da estética da recepção resida em que traz embutida essa concepção, procurando extrair dela uma metodologia para conhecer a literatura. Nessa medida, parece ter muito para ensinar ao leitor, encarado como principal elo do processo literário.

As questões postas para alicerçar a base teórica, focada em uma revisão crítica da história da literatura e na configuração de um novo paradigma de leitura e de leitor, são utilizadas também por pesquisadoras como Bordini e Aguiar (1993) na formulação de alternativas metodológicas para que o contato com a literatura amplie os horizontes de expectativas do leitores a partir de momentos de debates e reflexões sobre as obras lidas.

Os princípios da Estética da Recepção compõem um escopo teórico e metodológico que Jauss nos apresenta a partir de sete teses de reformulação da história da literatura, cujas quatro primeiras têm características de premissa e as três últimas apontam para a ação por meio de uma metodologia de investigação do estudo do texto literário.

Na tese inaugural, encontramos a premissa de que os preconceitos concernentes ao objetivismo histórico precisam ser descartados, dado que a historicidade da literatura reside no experienciar da obra literária por parte dos leitores, que sofrerá influência do momento histórico, negando dessa forma uma visão inata ou estática. Nessa perspectiva, Zilberman (1989, p. 33) ratifica que “a relação dialógica entre o leitor e o texto [...] é o fato primordial da literatura, e não o rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período”.

Destarte, a obra permanece a partir do diálogo estabelecido pela tríade autor, texto, leitor e pelo horizonte de expectativas do leitor que ora precisa ser atendido e ora requer uma ruptura de caráter desestabilizador.

A segunda tese descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir de expectativas que componham o repertório do leitor e digam respeito a elementos que são determinantes para a recepção da obra literária como o conhecimento prévio do gênero, da forma, da temática e da linguagem poética. Para Jauss (1994), a leitura de uma obra cria uma série de expectativas e enseja o leitor a sair da zona de conforto e nos faz inferir que a recepção de uma obra literária é um fato social e histórico que sempre estabelece diálogo com outros textos.

Antes que o leitor componha essa rede de intertextualidades o autor tece sua práxis literária permeada de inúmeros discursos:

(...) A obra não surge, não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bem definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a meio e fim, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão (...)" (JAUSS, 1994, p. 28).

Ao formular a terceira tese, Jauss nos remete à reflexão sobre o momento histórico no qual a obra surge e em que medida atende, supera, ignora ou contraria as expectativas do público e mostra que é a distância entre as expectativas do leitor e sua realização, denominada de “distância estética”, que vai determinar “o caráter artístico de uma obra literária” (JAUSS, 1994, p. 31). Destaca também a importância de a contemplação literária acontecer numa perspectiva dialética para que os horizontes de expectativas propiciem que a análise do efeito literário adentre a dimensão de uma história da literatura na perspectiva do leitor e de seu tempo.

O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma obra nova – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras jamais expressas, pode ter por consequência uma “mudança de horizonte” –, tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia) (JAUSS, 1994, p. 31).

Nessa perspectiva o horizonte de expectativa pode ser, conforme Zilberman (1986, p. 103), de ordem social, porque o indivíduo ocupa uma posição na hierarquia da sociedade;

intelectual, porque ele detém uma visão do mundo compatível, na maior parte das vezes, com seu lugar no espectro social, mas que atinge após completar o ciclo de sua educação formal; ideológica, correspondente aos valores circulantes no meio, de que se imbuíu e dos quais não consegue fugir; linguística, por empregar um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço social em que transita; literária, proveniente das leituras que fez, de suas preferências e da oferta artística que a tradição, a atualidade e os meios de comunicação lhe concedem.

Bordini e Aguiar (1993) salientam que podemos incluir na lista anterior fatores de ordem afetiva que estão relacionados à adesão ou rejeição da obra. Nessa perspectiva, as obras que com o passar do tempo permanecem prenes de vitalidade, rompendo e ampliando os horizontes de expectativas pelo potencial de leituras que permitem, são as que possuem valor estético.

A quarta tese destaca a diferença hermenêutica da compreensão de uma obra em épocas distintas e como o horizonte de expectativas modifica-se, isto é, se o momento histórico sofre e provoca mudanças o perfil do leitor muda o que interfere na recepção da obra literária. Retomar o conjunto de referências resultante do conhecimento prévio que o leitor possui sobre as obras já conhecidas e a oposição entre as linguagens poética e pragmática permitem, consoante Jauss (1994, p.27), “compreender que o horizonte de expectativas do leitor pode ou não ser suficiente para a realização da leitura literária, e isso o aproxima ou o distancia da apreciação de uma obra de arte literária.”

Por conseguinte, a reconstrução do horizonte de expectativas ocorre a partir da fusão entre o horizonte do presente e do passado numa tessitura dialógica na qual se entrelaçam aspectos diacrônicos, sincrônicos e desenvolvimento literário imanente com o processo histórico mais amplo.

Premissas estabelecidas, Jauss (1994) propõe três teses concernentes à historicidade da literatura que apontam para a ação por meio de uma metodologia de investigação do estudo do texto literário numa perspectiva sincrônica e diacrônica da obra com o intuito de, ao unir estes dois elementos separados pelo marxismo e pelo formalismo, integrar os elementos intrínsecos e extrínsecos à obra.

Na quinta tese, Jauss (1994) enfatiza que, para apreender sentido e forma da obra literária é preciso considerar, a partir de uma perspectiva diacrônica, o desdobramento histórico de sua compreensão aliado à inserção da obra isolada no contexto da experiência literária para que sua posição e significado possam ser conhecidos. No tocante à recepção da

obra ao longo do tempo ocorre uma relação dialógica entre as leituras do presente e do passado e numa perspectiva diacrônica remete a uma categoria histórica:

O novo torna-se também a categoria histórica quando se conduz a análise diacrônica da literatura até a questão acerca de quais são, efetivamente, os momentos históricos que fazem do novo em obra literária o novo; de em que medida esse novo é já perceptível no momento histórico de seu aparecimento; de que distância, caminho ou atalho a compreensão teve de percorrer para alcançar-lhe o conteúdo e, por fim, a questão de se o momento de sua atualização plena foi tão poderoso em seu efeito que logrou modificar a maneira de ver o velho e, assim, a canonização do passado literário. (JAUSS, 1994, p.45).

Na sexta tese, a abordagem é concernente ao aspecto sincrônico a partir do qual se depreende aspectos específicos da historiografia da literatura e mostra, além das obras literárias que integram o cânone, toda a produção literária de determinada época contemplando obras silenciadas pelo estudo diacrônico.

Considerando-se que cada sistema sincrônico tem de conter também seu passado e seu futuro, na condição de elementos estruturais inseparáveis, o corte sincrônico que passa pela produção literária de determinado momento histórico implica necessariamente outros cortes no antes e no depois da diacronia. Resultarão daí, analogamente ao que ocorre na história da língua, fatores constantes e variáveis, os quais se deixam localizar como funções do sistema (JAUSS, 1994, p. 48).

No entanto, Jauss (1994) justifica a necessidade de se observar a história da literatura a partir dos pontos de intersecção entre diacronia e sincronia, numa articulação que historicamente considere o caráter processual do que o autor chama de evolução literária. O crítico ressalta que a comparação entre obras de um mesmo momento histórico propicia uma articulação entre elas.

Encontramos a função social da literatura, que fora subestimada por outras correntes, quando Jauss nos apresenta a sétima tese e enfatiza que essa função se realiza quando a experiência do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento de mundo e retroagindo sobre seu comportamento social. Jauss argumenta que

a tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas vista também como história particular, em sua relação própria com a história geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na

plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento de mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social (JAUSS, 1994, p. 50).

Na sétima tese, encontramos o diálogo que se estabelece entre a Estética da Recepção e a produção literária de Assis Brasil que, em entrevista concedida a Carlos Menezes, no Jornal O Globo, de 6 de abril de 1979, afirma não separar a significação social da significação estética da literatura.

Em 1987, após vinte anos da sua aula inaugural em Constança, o teórico alemão avaliou os resultados da provocação por ele lançada ao escrever o texto *Horizontes do Ler*, publicado originalmente no jornal alemão *Frankfurter Allgemeine*, no qual revela a esperança de que a Estética da Recepção contribua para o reencontro com o nível perdido do historicismo clássico e alcance o posto de metodologia, o que, segundo ele, só acontecerá quando se transformar numa autoridade sem autor.

Concernente à Estética da Recepção, podemos constatar que a teoria redimensionou conceitos, ampliou perspectivas e se consolidou como base de sustentação da teoria que deslocou o foco do texto enquanto estrutura e deu visibilidade à importância da história literária levar em consideração a recepção, privilegiando, deste modo, a posição que o leitor assume dentro dos estudos literários a partir de uma relação dialógica com o texto.

O projeto de Jauss ultrapassa as fronteiras da literatura que passa a ser apreendida pelo viés do efeito estético e, além da função social, o caráter ético e o psicológico contribuem para que novos caminhos sejam trilhados e subsidiem a compreensão de como ocorre a recepção da literatura juvenil de Assis Brasil pelos leitores vila-novenses.

Para que busquemos informações a respeito da contribuição da literatura para a vida social e de como se cria sentido e se configuram as identidades humanas através do processo de formação de leitores literários que envolva a sociedade e a busca para consolidar suas identidades a partir dos aspectos culturais, o aporte teórico da presente pesquisa finca-se sob os paradigmas da Estética da Recepção, que se preocupa mais com o texto e seus efeitos, sendo, por conseguinte, intratextual, e da Sociologia da Leitura, que completa o processo literário com os elementos extratextuais, conforme veremos no próximo tópico.

## 1.2 A Sociologia da Leitura: a Biblioteca enquanto mediadora de leitura

Em um pequeno relato  
 Posso claramente definir.  
 Que em Vila Nova me criei,  
 Nessa biblioteca eu cresci.  
 É base para minha história,  
 Assim como para muitos  
 que passam por aqui.

Marcilene Luz – 17 anos

Quando discorremos sobre literatura e formação de leitores, além de pensarmos no aspecto da recepção e no diálogo que se estabelece entre autor, texto e leitor, é imprescindível considerarmos os elementos e aspectos que mediam a leitura. Eis que a Sociologia da Leitura é importante ao nosso estudo por ter em comum com a Estética da Recepção o foco no leitor e por completar o processo literário ao considerar que o leitor faz parte de um processo social, situado num dado momento histórico, que traz implicações ao processo de leitura.

Surgida em 1923, com a publicação de *A sociologia do gosto literário*, obra que traz a contribuição do teórico alemão L.L. Schücking sobre os fenômenos coletivos relativos à leitura, a Sociologia da Leitura foca seus estudos na recepção de um leitor sujeito “ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto, na fama, dos textos, mas também em sua produção” (ZILBERMAN, 1989, p. 17). Porém, não evidencia a relação entre o leitor e a obra, como o faz a Estética da Recepção, mas com as mediações sociais ao analisar as questões extrínsecas à leitura.

A Sociologia da Leitura é um segmento da Sociologia da Literatura que tem o intuito de estudar o público como elemento do processo literário, levando em consideração suas mudanças em relação às obras, que alteram o curso da produção das mesmas, e os diversos atores sociais que desempenham o papel de mediadores de leitura. Consoante Aguiar, na Sociologia da Leitura,

discutem-se, então, a função social do escritor, a história das obras junto aos diferentes públicos, as características definidoras da cultura popular e erudita, os processos de produção e popularização do livro, as políticas de leitura, o êxito dos autores e dos textos. Paralelamente, traçam-se histórias individuais e as práticas de leitura, recompõem-se o percurso do livro historicamente e as situações humanas em que ele é objeto de disputa, culto, censura, louvação, isto é, aquelas em que ele é o móvel da ação dos indivíduos.” (AGUIAR, 1996, p. 25).

Concernente às concepções que relacionam a literatura com questões sociais, valores e ideais nos deparamos com a definição apresentada por Cândido (2004), baseada nas proposições do filósofo francês Louis-Joseph Lebret, sobre dois tipos de bens: bem compressível e bem incompressível, estes dizem respeito aos bens que não podem ser negados a ninguém, e aqueles aos bens que podem ser dispensados. O crítico considera que são bens incompressíveis “não apenas aqueles que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual.” (CANDIDO, 2004, p. 174). Dentre esses bens, Candido cita a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão e também o direito à crença, à opinião, ao lazer, à arte e à literatura.

A literatura concebida como um bem incompressível precisa ser universalizada para que a todos seja oportunizado o direito de vivenciar a estesia que o contato com ela proporciona, visto que

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2004, 186)

Consoante com a assertiva de Candido, durante a entrevista de coleta de dados para a presente pesquisa, a professora Mecenaz Luz<sup>2</sup> (informação verbal)<sup>3</sup> ratifica que os marcos legais como o PPPE, o PME e o PMLL concebem a literatura enquanto direito e declara:

Há uma tendência a relativizar a importância do direito à literatura. Falta o alimento e o acesso ao atendimento médico e as pessoas esquecem que muitas doenças estão relacionadas à doença da alma, a depressão, doenças psicossomáticas e se a gente tivesse o direito à literatura assegurado viveríamos melhor e evitaríamos muitas doenças emocionais. Falta uma visão maior para compreender que assegurar o direito à literatura melhora até a qualidade de vida, a saúde do povo. Literatura humaniza, traz informação, forma um cidadão mais crítico, participativo e poderíamos ter uma sociedade melhor se todos tivéssemos o direito à literatura como direito fundamental. (informação verbal)

---

<sup>2</sup> Para atendermos às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa da UESPI, os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos.

<sup>3</sup> LUZ, Mecenaz. **Entrevista V**. [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

Considerar a literatura como direito fundamental contribui para respondermos aos questionamentos que surgem sobre Qual a importância, Por que, Para quê, ler, estudar e ensinar literatura? Que papel a literatura tem a cumprir na vida?, partimos do pressuposto de que, enquanto direito, é preciso pensarmos modos de produção e recepção de leitura de textos literários que estimulem a criatividade, o senso estético e crítico e contribuam no processo de formação de leitores perenes. De acordo com Candido,

a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios porque o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe. [...] Ela não corrompe nem edifica portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 2004, p. 176).

Segundo o crítico, o “fazer viver” proporcionado pela literatura abre espaço para uma nova e importante função, por ele denominada de função humanizadora.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249)

De acordo com o crítico, essa função permite ao ser humano encontrar na literatura aspectos de sua própria humanidade, devolvendo-lhe uma consciência humana modificada pela leitura da obra literária. Por outro lado, aponta a função alienadora, que alimenta no leitor preconceitos que o impedem de ver valores e conceitos no que ele leu.

Encontrar aspectos da própria humanidade a partir da leitura de uma obra literária é um processo no qual, segundo estudos baseados na Sociologia da Leitura, a presença dos mediadores de leitura configura-se como fator fundamental por conduzirem a ação na direção



da produção de sentidos e formação do gosto. Chartier se refere à mediação como um tema de pesquisa contemporâneo ao assinalar que,

um bom leitor é alguém que evita um certo número de livros, um bom bibliotecário é um jardineiro que poda sua biblioteca, um bom arquivista seleciona aquilo que se deve refugar ao invés de armazenar. Eis aí temas inéditos de nossa época. (CHARTIER, 2001, p. 127).

Conforme posto pelo estudioso, compreendemos que o processo de formação de leitores emancipados está intrinsecamente conectado com a ação dos mediadores. Em Cunha (2010), encontramos a acepção de que mediar origina-se do latim *mediare*, do adjetivo *médius* – “que está no meio ou entre dois pontos”. Mediação, portanto, é o elo entre duas partes. Para Santaella (2011), não podemos olvidar que uma enxada pode aumentar a força física de um braço humano, mas é o ser humano que faz a mediação entre a força do braço e a terra.

Portanto, para sermos fiéis ao sentido legítimo de mediação, devem estar nele implicados a afecção, a percepção e a cognição mediada do mundo pela linguagem, pelos signos. O conceito de mediação não deve ser simploriamente entendido como meio de comunicação e nem mesmo como ambiente cultural e social que os meios criam. Mediação é, sobretudo, um conceito epistemológico que envolve a grandeza humana, que é também a nossa tragédia de só ter acesso ao mundo físico, afetivo, sensório, perceptivo, cognitivo, pela mediação dos signos (SANTAELLA, 2011, p. 207- 208).

A biblioteca é espaço para compartilhar vivências e se configura como mediadora de leitura a partir do momento que atinge o objetivo de desenvolver a competência literária, provocar, instigar, estimular, incentivar o leitor a dialogar com o texto e preencher os vazios deixados pelo autor, tornando-se assim um leitor proficiente que, na definição de Cosson (2007, p.27), é “aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.”

O trabalho dos mediadores de leitura é visto por Petit (1999) como indispensável, pois o gosto pela leitura não aparece apenas no contato com os livros, é preciso lhes atribuir sentidos que são redimensionados através do papel do mediador de formar comunidades de leitores, uma vez que

não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por apreender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, por seu desejo de compartilhar, transmita-o em uma relação

particularizada. Principalmente no caso dos que não se sentem muito seguros para se aventurar por essa via devido à sua origem social, porque é como se, a cada passo que dão, a cada ponto inicial que cruzam, necessitaram receber uma autorização para ir mais longe (PETIT, 1999, p.172)

Para o entrelaçamento das vozes ocorrer a mediação é essencial. Petit (1999) discorre sobre a importância de investir nos sujeitos mediadores que podem vir a ser o professor, um bibliotecário, um auxiliar de biblioteca, um amigo, um familiar ou alguém com quem se mantém um vínculo, que reconhece as estratégias discursivas e exerce a função de aproximar a obra dos leitores, tentando ora atender aos horizontes de leitura, ora provocar rupturas legitimando o desejo de ler. O envolvimento afetivo e efetivo dos mediadores com as obras literárias e com as práticas de leitura devem permear a práxis de quem media o processo de formação de leitores, à vista disso Garcia pontua que:

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior. (GARCIA, 1992, p. 37)

Vale salientar que a formação de mediadores de leitura tem relevância no processo de desenvolvimento social e exercício da cidadania, conforme posto nas diretrizes do PNLL (2007) ao enfatizar que o papel dos mediadores é decisivo para construir uma sociedade leitora, fator essencial para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura. A qualidade de vida proporcionada pela leitura literária passa pela desautomatização do nosso olhar e pela ampliação dos horizontes de leitura nos fazendo perceber que somos seres capazes de transformar o meio no qual estamos inseridos e de nos transformarmos. Nas palavras de Bettelheim (1990, p. 25): “Se gostamos de ler, os livros enriquecem nossas vidas como nada mais é capaz de fazer. Alguns lançam nova luz sobre problemas que nos escapam, outros abrem novas visões do mundo, do homem em geral e – o que é mais importante – de nós mesmos.”

No que concerne ao papel dos mediadores no processo de formação de leitores, o contato com a obra literária deve ser incorporado ao cotidiano da família, da escola e da biblioteca para que estes espaços se consolidem como instrumentos de inclusão social e cultural. Portanto, é preciso considerar as condições sociais implícitas ao ato de ler numa perspectiva que preveja uma intervenção que conduza à transformação. Considerando a conjuntura nacional Yunes (2010) afirma

eis que esperamos até o século XXI no Brasil para que educação e cultura, sob responsabilidade assumida pelo Estado, entendendo que só uma rede social que articule escola, biblioteca, família e valorize a leitura como bem fundamental, pode efetivamente contribuir para que haja índice de desenvolvimento humano compatível com o econômico que atingimos”. (YUNES, 2010, p.154)

Na Cidade Poesia, a BPA enfrenta diversos desafios, dentre os quais o de procurar, aliada às escolas, à comunidade, à sociedade civil organizada e ao poder público desenvolver interesses de leitura perenes e atender às recomendações mínimas do SNBP e a outras estabelecidas por instituições como a UNESCO (1994) que em seu *Manifesto para bibliotecas públicas* recomenda que as bibliotecas reflitam sobre o papel e as funções que desempenham no mundo globalizado e de acordo com a realidade na qual estão inseridas e “proclama a confiança na Biblioteca Pública, enquanto força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres”.

O Manifesto da Unesco pode soar utópico mesmo para casos como os das bibliotecas públicas da Colômbia, que “são vistas como espaços de prevenção, de contenção, como uma possibilidade de ensaiar outros discursos” (REYES, 2012, p. 80). Contudo, Yolanda Reyes alerta que não é suficiente corrigir os espaços simbólicos sem mudar a realidade que o circunda e que é preciso prudência com os “enfoques que conferem certo valor messiânico à promoção da leitura e que delegam às bibliotecas uma transformação de nossas condições de iniquidade e de injustiça que são inadmissíveis e que competem ao Estado”. (REYES, 2012, p. 80)

A biblioteca pública é um equipamento cultural essencial à democratização do acesso ao livro, à leitura, à literatura e precisa ser mantida porque é uma das principais formas de “assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro”, conforme garante a Lei n. 10.753, de 30 de outubro de 2003. Petit (2008) defende a biblioteca pública como um espaço que amplia os horizontes e permite os sonhos, os devaneios, as perguntas e as possibilidades que são desconhecidas, sem a imposição de qualquer ideia ou forma de pensamento.

Para que a biblioteca consiga desenvolver interesses de leitura que perdurem durante a vida inteira, é necessário discutir as conexões e estreitar as relações entre leitura, literatura, escola, família e contexto social, repensar as concepções norteadoras da mediação, a partir das atividades culturais desenvolvidas e assumir a perspectiva de proposições que considerem

aspectos históricos e sociais do uso da leitura como posto por Magnani (1989, p. 29), “é preciso repensar a dicotomia entre prazer e saber, além de pensar essas relações do ponto de vista de seu funcionamento sócio-histórico.”

Para que os auxiliares de biblioteca sejam mediadores de leitura, é condição *sine qua non* que sejam leitores de literatura, conheçam o acervo literário destinado aos adolescentes e, no caso das bibliotecas públicas brasileiras, se apropriem dos acervos disponíveis como os livros que compõem o Programa 01 Biblioteca em cada Município.

Magnani (1989, p. 141) aponta que “o professor é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos.” Conceção que estendemos à figura do auxiliar de biblioteca que, enquanto mediador de leitura, precisa estar embevecido pelo processo de ressignificação do olhar proporcionado pela literatura e conforme defende Castrillón,

tanto quanto o professor, trabalha com recursos intelectuais, informação, livros, leitura e leitores, ou seja, com objetos e pessoas envolvidos em processos intelectuais. Dessa maneira, o status e o papel do bibliotecário é revalorizado quando se aceita que seu trabalho supera o estritamente técnico profissional e se reconhece que esse trabalho permite a outros transcender e melhorar sua condição humana. (CASTRILLÓN, 2011, p. 39-40)

Cabe à biblioteca, enquanto mediadora de leitura, assumir uma postura dialética, compreender as nuances das diversas culturas que a compõem e instigar os leitores a assumirem o protagonismo num processo de abertura de novos espaços através da viagem pela imaginação, de construção da independência intelectual, de formação de autonomia e, sobretudo, de educação libertária que a garantia do direito ao acesso à literatura proporciona. Nessa perspectiva, a BPA propõe às escolas a adoção de obras literárias juvenis e desenvolve ações de formação de leitores com o corpo docente para que ao inserirem as obras literárias nos currículos escolares haja o devido cuidado para o uso pedagógico não conspurcar o valor estético.

No cenário brasileiro, embora muitas discussões tenham sido travadas nas últimas décadas gerando diversas pesquisas, a fragilidade e a descontinuidade das políticas públicas voltadas à formação de leitores proficientes tem se refletido através dos baixos índices em desempenho de leitura, o que, como atesta o Plano Nacional do Livro e da Leitura

não apenas influi no desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes como também, e até por isso, contribui decisivamente para ampliar o gigantesco fosso social existente em países como o Brasil, promovendo mais exclusão e menos cidadania. (BRASIL, 2010, p. 28)

Yunes (2010) analisa o impacto da leitura ou a falta dela frente ao custo Brasil de desenvolvimento, provocando a seguinte reflexão “quanto custa o Brasil que não lê? Acidentes de trabalho, obras malfeitas, equívocos administrativos, desalinhamento de ações, arquivamento indevido, ignorância dos processos, burocratização inútil e irrealista das práticas interinstitucionais”. (YUNES, 2010, p.154 e 155)

Com o objetivo de revelar os hábitos de leitura dos brasileiros, orientar programas e projetos de inclusão cultural e fornecer informações para o planejamento do mercado e para o fomento de políticas públicas, o Instituto Pró-Livro(IPL) lançou em 2000 a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. A pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência, é patrocinada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), pela Associação Brasileira de Editores de Livros (ABRELIVROS) e pela Associação Brasileira de Celulose e Papel (BRACELPA).

Em sua mais recente edição, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) evidencia que o número de leitores aumentou, nos últimos 10 anos, cerca de 150% entre os brasileiros, contudo, embora tenham aumentado, os índices de leitura permanecem baixos: 4,96 livros por habitante/ano. Dos 5012 entrevistados, 44% se identificaram como não leitores, desses não-leitores 33% são analfabetos e 37% têm apenas até o 5º ano, período no qual, via de regra, as práticas de leitura ainda não são consistentes.

Todavia, a pesquisa apresenta um dado alentador: entre os jovens de 11 e 13 anos, 84% se declararam leitores, e, entre os que têm entre 14 e 17 anos, 75% informaram ser leitores, vale ressaltar que a pesquisa considera leitor quem leu pelo menos um livro nos últimos três meses. Por contemplar jovens de diferentes lugares sociais, culturais e geográficos a pesquisa revela que a literatura juvenil apresenta horizontes plurais nos quais os mediadores de leitura exercem papel de suma importância.

Compreender as nuances das manifestações culturais da comunidade na qual está inserida pressupõe que auxiliares de biblioteca e professores tenham conhecimento teórico, socializem o que leem, que sejam essencialmente leitores. Em 2003, a CNTE divulgou a pesquisa *Retratos da Escola 3 – a realidade sem retoques da educação no Brasil* – que traz os seguintes dados: 41% dos docentes lê um livro por mês, 34% lê esporadicamente e 25% não lê ou não respondeu.

Os resultados da pesquisa da CNTE apontam para preocupações recorrentes entre estudiosos como Rösing (2010) ao afirmar que a maior dificuldade para formarmos leitores perenes se encontra no fato dos professores não serem leitores e conclui

o grande investimento não deve ser apenas na aquisição de materiais qualificados de leitura. Há que se criar mecanismos mais presenciais de preparação do professor, os quais, em sua formação educacional e cultural, constituindo parcela significativa da sociedade brasileira, prefere envolver-se com os meios propagadores da cultura de massa desqualificada, que os transforma em sujeitos passivos, despreocupados com o seu compromisso em transformar-se para transformar seu entorno. (ROSING, 2010, p.238)

Os professores da Cidade Poesia, participantes da pesquisa, estão na contramão desses dados, inquiridos sobre a importância da leitura se revelaram leitores assíduos e, nas palavras do professor Nonnon Terceiro<sup>4</sup> (informação verbal) “Me considero um apaixonado por leitura.” Todos disseram estar sempre acompanhados de livros e segundo registros da BPA a frequentam de forma contumaz, realizam visitas monitoradas acompanhados de turmas de estudantes e participam das atividades culturais realizadas pela biblioteca, o que ratifica a assertiva de Amarilha (2012, p.81) “professores leitores são produtos de usuários de bibliotecas.”

No período em que as entrevistas foram realizadas alguns professores estavam lendo dois (ou mais) livros ao mesmo tempo, citaram e teceram comentários sobre as seguintes obras: *Grão* (Rogério Newton), *Imagens do sol poente* (Homero Castelo Branco), *Ponciá Vicêncio* (Conceição Evaristo), *História e Memória* (Le Goff), *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry), *O vermelho e o negro* (Stendhal), *Preconceito linguístico* (Marcos Bagno), *Beira rio, beira vida* (Assis Brasil), *Mensagem às estrelas* (Assis Brasil) e *Biografia e Vida Eclesiástica de Dom Alfredo* (Eneas Barros).

Destacamos abaixo o depoimento do professor Leal Bagno<sup>5</sup> (informação verbal) que afirma:

Gosto muito de ler porque entendo que através da leitura você se liberta e consegue enxergar o mundo de uma maneira diferente, abre os olhos para o que está no seu entorno e com isso abre um leque de oportunidades para sua vida e para a vida dos que estão ao seu redor. (informação verbal)

<sup>4</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

<sup>5</sup> BAGNO, Leal. **Entrevista III**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

É possível, a partir dessa assertiva, constatar que a leitura é concebida em sua interface sociocultural como algo capaz de dar múltiplos sentidos para a vida do leitor atingindo inclusive a vida dos que o rodeiam e estabelecendo um diálogo com as práticas sociais.

Consideramos importante balizar os resultados do nosso estudo por outros estudos e pesquisas para que possamos (re) pensar o papel da biblioteca como mediadora de leitura literária enquanto ponto nevrálgico no processo de formação de leitores, uma vez que nenhuma política de formação de leitores de obras literárias logrará êxito se não houver a mediação adequada e a presença das obras no cotidiano do leitor, além disso,

quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela, ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesmo e aos outros” (BAMBERGER, 1995, p. 29)

A relação dialética a ser estabelecida entre autor, texto e leitor – mediada pela biblioteca – parte de pressupostos como os defendidos por Silva (1992), segundo o qual a educação brasileira precisa de uma injeção de filosofia e de política para rompermos com a alienação, com a passividade e com a massificação a partir da ampliação dos horizontes de leitura, garantindo que cada jovem possa desenvolver-se de forma holística com “criatividade, consciência da linguagem e consciência crítica” (COELHO, 2000, p. 130).

Nessa perspectiva, Petit (2008), tece considerações a respeito da leitura como forma de ampliar os horizontes dos jovens e os inserir num mundo ao qual estão social, econômica e culturalmente interditados, muitas vezes até no desejo. Segundo a pesquisadora, o ato de ler é um ato político por permitir a elaboração intelectual de um sentido para a vida.

Vale ressaltar que os sujeitos que compõem a biblioteca precisam ter bem definidas também as concepções de biblioteca, de leitura, de literatura e de mediação que vão nortear as ações a serem desenvolvidas para que o leitor seja protagonista e para que possam romper com o mito de que os jovens não leem porque não sabem, não gostam, não têm cultura e refletir sobre questões como as assinaladas por Lajolo e Zilberman:

Ela encontra no lar a valorização do livro e conscientização de que a leitura é um prazer que enriquece e para o qual não se restringem épocas, mas, ao contrário, é um prazer a ser cultivado ao longo da vida? Encontrará ela, entre seus familiares, o diálogo sobre os livros, fazendo-lhes sentir que a leitura não é apenas técnica de informação, mais uma conquista decisiva e insubstituível, e o meio mais eficaz de adaptação à sociedade? Que as

leituras apelativas que proliferam não passam de formas de aculturação, constituindo um lamentável desperdício de potencial de energia humana? (LAJOLO e ZLBERMAN, 1998, p. 173)

Por considerar os fatores sociais, a Sociologia da Leitura investiga a condição social, cultural e econômica, a faixa etária, dentre outros fatores relacionados ao leitor e ao contexto no qual ele está inserido em consonância com a concepção na qual Freire (1995, p.20) afirma: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” A assertiva freireana nos remete à concepção da leitura enquanto prática social para além dos muros da escola e que precisa ser ressignificada a partir do contexto no qual os sujeitos estão inseridos, por ser essencial aprender a ler o mundo, o que envolve a leitura da cultura, aqui compreendida como

[...] antes de mais nada, a possibilidade de cada um participar da construção de seu tempo, de organizar, de saber o que meu companheiro pensa, de cimentar-me como ele, de vincular-me com o outro, de adquirir consciência, enfim, de todos terem a possibilidade de exercitar sua capacidade de pensar (GADOTTI, 1982, p. 17).

Muitos fatores estão imbrincados ao processo de formação de leitores, dentre os quais os fatores sociais e culturais tornam-se proeminentes. Freire (1995), Gadotti (1982) e Candido (2004), contrapondo-se a vertente tecnicista, concebem a leitura numa perspectiva política a partir da função social, o que requer compromisso político com a construção do cidadão emancipado, consolidado como um leitor crítico e dialógico, na mesma direção de Colomer (2007) ao postular que:

Como quem aprende andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. [...] se alude isso com a aquisição de uma capacidade crítica de “desmascaramento” da mentira, um meio para não cair nas armadilhas discursivas da sociedade. (COLOMER, 2007, p. 71)

Há que se considerar o contexto do qual a biblioteca faz parte e assegurar o espaço para que a Literatura cumpra papel fundamental na transformação da sociedade, uma vez que, como manifestação artística, permite ao ser humano relacionar-se melhor na realidade na qual está inserido. De acordo com Aguiar (1996, p. 29), nessa relação o leitor deve perceber que



"seu horizonte individual, moldado à luz da sociedade de seu tempo, mede-se com o horizonte da obra e que, desse encontro, lhe advém maior conhecimento do mundo e de si próprio."

No tocante à função social da leitura, compreendemos que o conhecimento de mundo é de suma importância para que a biblioteca fomente ações que proporcionem a experiência estética e conduzam à formação do leitor, uma vez que no contexto no qual estamos inseridos muitos obstáculos estão arraigados ao caminho, como os citados por Azevedo (2003):

Há problemas conjunturais tais como a existência de numerosos pais analfabetos ou semi-analfabetos, famílias dependendo do trabalho infantil para poder sobreviver, pessoas morando em casas, por vezes de um só cômodo, sem iluminação adequada para leitura. Há o preço do livro, alto para os padrões nacionais de renda, e a quase inexistência fora dos grandes centros, de livrarias e bibliotecas. Há o contato de crianças com adultos: pais e professores que apesar de alfabetizados não são leitores. (AZEVEDO, 2003, p. 01)

A Sociologia da Leitura considera o contexto no qual o leitor está inserido, concebe a literatura como elemento indispensável para a compreensão e para a mudança da conjuntura através do processo de formação do leitor e da ampliação dos horizontes de leitura dos jovens e, ressalta a importância da biblioteca no processo de formação de leitores protagonistas que usufruem de liberdade para construir significados, como observa Chartier (1999):

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

Os pressupostos teóricos do campo da Sociologia da Leitura são relevantes para nossa pesquisa sobre a recepção da literatura juvenil assisiana na biblioteca e por, também, apontar aspectos que podem ser estudados sobre as instituições e a leitura, as práticas culturais e a leitura.

Após passarmos pelas abordagens teóricas sobre questões concernentes à leitura literária sob o prisma da Sociologia da Leitura que contribui para a concepção da literatura como elemento indispensável à formação do leitor, à ampliação dos horizontes de leitura dos jovens e evidencia a importância da biblioteca e do contexto social no processo de formação de leitores proficientes e que concebem as ações dos mediadores como essenciais ao crescimento humano, no próximo tópico, vamos discutir acerca da concepção e especificidades da literatura juvenil e na esteira das reflexões geradas o entrelaçamento com as concepções de juventude, visto que compreendermos a adolescência torna-se pertinente porque a literatura juvenil é destinada ao público de estudantes egressos do ensino fundamental, parte significativa do *corpus* da nossa pesquisa.

### 1.3 Literatura Juvenil: concepções e especificidades

A literatura juvenil,  
deve manter o encantamento  
diante dos segredos da existência,  
intensificando os sentimentos  
que a curiosidade desperta.  
Só assim ela vai cumprir com a função  
humanizadora da literatura e da arte.

Vera Teixeira Aguiar

Se nos debruçarmos sobre o termo literatura encontraremos diversas tentativas de defini-lo. Conforme Aguiar e Silva (1988), este termo deriva da palavra latina *litteratura*, que foi, por sua vez, imitada do substantivo grego, termo usado em diversas línguas e longe de abarcar o caráter especializado com o que o vemos hoje de fenômeno estético e de produção artística. O autor afirma que “a obra literária é sempre um artefacto, um objecto produzido no espaço e no tempo [...] possuindo uma realidade material, uma textura semiótica sem as quais não seriam possíveis nem a leitura, nem o juízo estéticos”. (AGUIAR e SILVA, 1988, p. 34)

Contraopondo-se às tentativas de definição, encontramos os ensaios de Stanley Fish, compilados no volume intitulado *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities* (1992), no qual o teórico apresenta a literatura como uma categoria convencional, não delimitável, nem caracterizável mediante propriedades formais existentes em determinados textos, mas estabelecida em função de decisões de uma comunidade interpretativa que lê e julga como literários certos textos.

Corroborando o posicionamento de Fish (1992) encontramos a postura resoluta de Compagnon (2003):

A literariedade, como toda definição de literatura, compromete-se, na realidade, com uma preferência extraliterária. Uma avaliação (um valor, uma norma) está inevitavelmente incluída em toda definição de literatura e, conseqüentemente, em todo estudo literário. Os formalistas russos preferiam, evidentemente, os textos aos quais melhor se adequava sua noção de literariedade, pois uma noção resultava de um raciocínio indutivo: eles estavam ligados à vanguarda da poesia futurista. Uma definição de literatura é sempre uma preferência (um preconceito) erigida em universal (por exemplo, a desfamiliarização). (COMPAGNON, 2003, p. 44)

Concernente à linguagem, compreendemos que o conceito de literatura é fruto de um processo social e histórico e a leitura deve ser concebida como ação dinâmica, criativa, significativa e como processo de interação entre autor e leitor mediados pelo texto. Nesse sentido, Lima (1979) contribui quando afirma que: “Como a palavra, como uma frase, como uma carta, assim também a obra literária não é escrita no vazio, nem dirigida à posteridade; é escrita sim para um destinatário concreto.” (LIMA, 1979, p. 37)

Independente da concepção adotada para definir (ou não) literatura, sempre é suscitado o seu caráter libertador e dialógico, capaz de expandir as experiências e desconstruir estigmas, como ratifica Compagnon (2003, p. 37): “A literatura confirma o consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”.

Legitimado o termo literatura e o conceito de literariedade, que, de acordo com os estudos de Souza (1991), conviveu algum tempo com o título de “belas letras”, percebemos que questões muito similares permeiam as discussões concernentes à literatura juvenil, segmento relativamente novo dentro dos estudos literários, quanto à complexidade de conceituação ante sua essência e que mantem uma relação intrínseca com a concepção de infância e juventude, segmentos sociais que ganharam visibilidade no Brasil a partir da década de 50 do século XX, conforme assertiva de Aguiar (2014),

Se a infância, enquanto parcela significativa do tecido social, se instaura com o advento da modernidade e, a partir dali, providenciam-se as práticas e os objetos culturais a seu favor (entre eles, a literatura infantil), a juventude só passa a existir muito mais tarde. No Brasil, até mais ou menos 1950, as crianças saem da infância para o casamento ou o trabalho, isto é, para as responsabilidades da vida adulta. Quase não há um espaço intervalar que as instrumentalize para os problemas que vão enfrentar, sendo de antemão consideradas aptas para as novas funções. Em síntese, os jovens, como os conhecemos hoje, não existem. (AGUIAR, 2014, p. 105)

A mudança na concepção de infância e de juventude gerou uma nova demanda e, consoante Carvalho (2011), é necessário estabelecer um limite entre literatura para crianças e literatura para jovens para que todos os leitores que ainda estão em processo de formação tenham suas expectativas contempladas, visto que interesses de leitura variam conforme idade e, especialmente, conforme a maturidade intelectual e emocional, história de leitura, época, contexto social, dentre outros fatores, como os que nos aponta Azevedo (2001) ao tratar da literatura enquanto motivação estética, discurso ficcional, poético e não utilitário:

E levando-se em conta a óbvia (e humana) diferença entre as experiências individuais de cada um? Há crianças de 8 anos que já trabalham. Há meninas de 11 anos que já são mães. Há filhos de pais separados. Há crianças que perderam o pai. Há traumas. Há temperamentos. Há sonhos. Há vivências absolutamente pessoais (o gosto, os prazeres, a perspectiva do sublime). Além disso, é possível encontrar, num mesmo grupo, pessoas oriundas de tradições, culturas e concepções de mundo diferentes. (AZEVEDO, 2001, p.5-6)

Concernente à concepção de infância encontramos em “História Social da Infância e da Família” uma análise do espaço ocupado pela criança no Ocidente, segundo Philippe Ariès:

Entre o fim da Idade Média e os séculos XVI e XVII, a criança havia conquistado um lugar junto a seus pais, lugar este a que não poderia ter aspirado no tempo em que o costume mandava que fosse confiada a estranhos. Essa volta das crianças ao lar foi um grande acontecimento: ela deu à família do século XVII sua principal característica, que a distinguiu das famílias medievais. A criança tornou-se um elemento indispensável da vida quotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. Ela não era, ainda, o pivô de todo o sistema, mas tornou-se uma personagem muito mais consistente (ARIÈS, 2006 p. 189).

Esse novo delineamento do espaço da criança ocorre no momento em que a burguesia se consolida como classe provocando mudanças no âmbito social, político e econômico. A configuração da família enquanto instituição passa por modificações e a criança até então considerada um adulto em miniatura ganha um novo espaço no qual começa a compartilhar as práticas familiares, dentre elas a leitura. Surge então um novo público leitor e a produção de textos que pudessem contribuir para a formação social da criança.

Entendemos que, assim como as concepções de infância e de família (ARIÈS, 2006) são construções históricas e sociais, a adolescência também é um conceito em constante

mudança e que abre uma lacuna entre a produção literária destinada às crianças e a literatura direcionada aos adultos.

No tocante à definição do conceito de literatura juvenil, ao pesquisarmos sobre os enfoques dados pelos estudos literários à questão, nos deparamos com posturas paradoxais quanto à delimitação conceitual dentro do esquadro da Teoria da Literatura, visto que é muito comum encontrarmos teóricos que apresentam literatura juvenil como sinônimo de literatura infantil ou uma tentativa recorrente de abarcar com o termo infantojuvenil toda a produção literária destinada à criança e ao adolescente.

Encontramos em Ceccantini (2000) a preocupação em função de existirem poucas pesquisas sobre a questão deixando uma lacuna nos estudos literários voltados à compreensão do fenômeno com os métodos adequados para a análise que contribuam para o delineamento da natureza e da função da literatura juvenil partindo de obras que estabeleçam parâmetros para seu estatuto artístico nos planos temático e formal.

Em função dessa lacuna, inúmeros questionamentos irrompem: Afinal o que é literatura juvenil? Que características tem? O que a especifica? Quais são os livros que compõem o seu acervo? Como encaixar as obras que não foram escritas para jovens, mas encontram uma recepção calorosa por parte do público jovem?

Compreender que livros são relevantes para a juventude requer a assunção de como se dá a construção cultural dos conceitos de juventude e passa pela dificuldade de se estabelecer a faixa etária para a qual a obra literária é destinada. Para Bordini e Aguiar (1988, p. 19), “a idade do leitor influencia seus interesses: a criança, o adolescente e o adulto têm preferências por textos diferentes. Mesmo dentro de cada período da vida humana, esses interesses modificam-se à medida que se dá o amadurecimento do indivíduo.”

Torna-se pertinente compreendermos essa faixa etária e as peculiaridades que lhes dizem respeito, porque nela enquadram-se os participantes da pesquisa, estudantes egressos do ensino fundamental, a quem a literatura juvenil é destinada. Encontramos em Groppo (2000) postulados que têm validade para a discussão, uma vez que definir a faixa etária da juventude passa por valores culturais próprios de cada sociedade, o que a torna uma questão delicada, visto que o termo juventude refere-se a uma realidade social específica e estabelecer a faixa etária da juventude passa por valores culturais próprios de cada sociedade. Nessa perspectiva,

a categoria social juventude – assim como outras categorias sociais baseadas nas faixas etárias – tem uma importância crucial para o desenvolvimento de

diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações. Por exemplo, acompanhar as metamorfoses dos significados e vivências sociais da juventude é um recurso iluminador para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade em diversos aspectos, como a arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas, a política não-institucional etc. Por outro lado, deve-se reconhecer que a sociedade moderna é constituída não apenas sobre as estruturas de classe ou pelas estratificações sociais que lhe são próprias, mas também sobre as faixas etárias e a cronologização do curso da vida. A criação das instituições modernas do século XIX e XX – como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial etc. – também se baseou no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do curso da vida (GROPPO, 2000, p. 12).

À semelhança de Groppo, Martha (2010) destaca o quão complexo é delimitar essa faixa etária tecida a partir de diferentes perspectivas culturais, portanto,

O período denominado “juventude”, estreitamente vinculado à identidade juvenil, não deve ser visto como etiqueta colada nos indivíduos, etapa cronologicamente determinada da vida. Em razão de diferentes maneiras de experienciar a juventude, o termo deve ser pluralizado – “juventudes” - e, para o reconhecimento de seu significado, é preciso que o sentido seja negociado como o de outras identidades aparentemente sólidas. (MARTHA, 2010, p. 122)

Nessa perspectiva, de acordo com Stuart Hall (2014), o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não orbitam em torno de um “eu” uno e coerente, mas que são formadas num diálogo permanente com os mundos culturais, o que reforça os pressupostos sociológicos que concebem a literatura a partir da relação que estabelece com a sociedade na qual surge.

No tocante à especificidade da literatura juvenil, há alguns pontos comuns aos mais diversos posicionamentos: o que a caracteriza é um elemento exterior ao texto, isto é, o leitor jovem, e a possibilidade de identificação do texto com o leitor e, para este, o despertar da criatividade, a percepção de diferentes caminhos para a resolução de problemas e a ampliação de seus horizontes de expectativas através do processo de análise crítica fundamentada em sua experiência de vida além da formação do senso estético por um prisma humanizador.

Ao discutirmos a inconstância das concepções concernentes à literatura produzida para jovens que estão em processo de formação enquanto leitores a postura de Todorov (2009) deve ser considerada: “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes.” (TODOROV, 2009, p. 22)

O autor consigna que a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo, organizá-lo e responder melhor à nossa vocação humana concebida numa perspectiva histórica, cultural e social que reflete os valores cultivados em cada momento histórico, que, por sua vez, interferem na leitura e balizam a atribuição de significados. Em conformidade com o que afirmam Bordini e Aguiar (1998, p. 16), “a preparação para o ato de ler não é apenas visual motora, mas requer uma contínua expansão das demarcações culturais da criança e do jovem”.

Concernente a esta questão, Coelho (2000) contribui ao afirmar que literatura:

[...] é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização... Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...). (COELHO, 2000, p. 27- 28).

A assertiva de Coelho embora direcionada à literatura infantil também têm validade para a discussão concernente à literatura juvenil, que é “antes de tudo, literatura” e se desenvolve no cenário da literatura em geral exercendo um papel fundamental na formação e emancipação dos leitores e deve ser valorizada, como qualquer forma de literatura, pelo valor estético de suas produções.

A literatura juvenil, conforme Aguiar (2014), vale-se das representações dos recursos estéticos através dos quais marca, desenha e dialoga com um leitor específico. Na perspectiva do diálogo com um leitor específico, indo ao encontro do que pensa Aguiar, Ana Maria Machado, vencedora do Hans Christian Andersen em 2000, considerado o Nobel da literatura infantojuvenil, acredita que a literatura

pode não ensinar a ver o mundo, porém ajuda a compreender de que maneira ele existe. Mais ainda, possibilita perceber de que outras maneiras diversas essa realidade pode ou poderia existir. Permite entender outras formas de encarar o mundo, mas também, concreta e afetivamente, permite entender as pessoas que o encaram de modo diferente do nosso (MACHADO, 2011, p. 19)

Numa perspectiva histórica, a literatura juvenil é um fenômeno contemporâneo, embora saibamos que as raízes remontam à literatura oral difundida pelo griots<sup>6</sup> a partir do continente africano e às narrativas europeias, conforme Coelho (2000), das quais são exemplos *Calila e Dimma*, *As Mil e Uma Noites*, *Amigad e Assad*, *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, dentre outras.

Apesar das “pedras no caminho”, a literatura direcionada aos jovens, gênero polêmico e durante um longo período segregado e considerado como subgênero, rótulo arraigado nos cursos de formação de professores e na produção acadêmica, irrompe no debate teórico no contexto do século XX apoiada em dicotomias e como alvo do mercado editorial que a torna um produto de consumo da sociedade brasileira contemporânea que concebe os adolescentes como consumidores iminentes. Ceccantini (2010) aponta a força da produção referente ao segmento da literatura juvenil que alimenta o mercado editorial e corresponde:

em termos quantitativos, o segundo maior do conjunto da produção nacional para crianças e jovens em 2008 – por volta de 19% de todos os títulos publicados no setor. De um ponto de vista qualitativo, entretanto, talvez seja aquele que demonstrou maior vitalidade no período, revelando um empenho em explorar temas em sintonia com questões candentes da sociedade contemporânea – particularmente as mais diretamente ligadas ao universo juvenil – e, ao mesmo tempo, buscar a contrapartida formal para expressá-las. Verifica-se, em diversos títulos, um esforço de pesquisa e experimentação no nível da linguagem e dos elementos estruturais das narrativas e até mesmo no nível da materialidade do livro. (CECCANTINI, 2010, p.09)

Com a expansão editorial na década de 80 e 90 do século XX, muitos escritores e ilustradores já consagrados em outras áreas foram atraídos para a literatura juvenil. De acordo com Coelho (2000), os nomes que se destacam nesse período são Alina Perlman, Anna Flora, Assis Brasil, Ciça Fittipaldi, Claudia Pacce, Elza Sallut, Flávia Muniz, Helena Armond, José Paulo Paes, Luís Camargo, Luiz Galdino, Marina Colasanti, Pedro Bandeira, Rosana Rios, Tatiana Belinky, Telma Guimarães. Autores experientes, reconhecidos e premiados que, ao lado de novos autores, encetaram uma vasta produção literária de reconhecida qualidade estética.

Algumas obras que se destacaram nesse período foram: *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (1978) de Marina Colasanti, *Cavalgando o arco íris* (1984) e *A Droga da*

---

<sup>6</sup> Griots - na cultura africana são figuras de alta sabedoria, consideradas bibliotecas vivas em função do papel que desenvolvem de guardiões dos costumes e genealogia do povo, ao contar histórias conservam a memória ancestral.



*obediência* (1984) de Pedro Bandeira, *As muitas mães de Ariel* (1981) de Mirna Pinsky, a série “*Aventuras do gavião vaqueiro*”, de Assis Brasil (1980).

A produção literária do período tem um salto qualitativo significativo impulsionado por diversos fatores, dentre os quais a conjuntura política brasileira na qual a juventude protagoniza a luta em prol da construção de uma sociedade mais equitativa e livre, suscitando a produção de uma literatura engajada, que atenda aos interesses do jovem e que traga novos temas e novas abordagens.

No contexto cultural brasileiro, deve-se reconhecer que as mudanças políticas, sociais, econômicas e educacionais gestadas nas décadas de 60 e 70 do século XX provocaram alterações nas concepções sobre a figura do jovem, foco do mercado de consumo, e terreno fértil para o *boom* da literatura juvenil impulsionado pelo mercado editorial que passa a encomendar histórias que falem a língua dos jovens.

Neste cenário, a produção literária juvenil assisiana ganhou fôlego e o escritor fez uma série de escolhas tanto no nível formal quanto no temático sem comprometer a qualidade estética da sua produção em função das exigências do mercado. O que, consoante Perrotti (1986), trata-se do desafio de conjugar literariedade e condições de recepção sem que haja uma sobrecarga formadora que empobreça a natureza literária da obra.

Em entrevista concedida ao informativo Sapiência (2007), o escritor Assis Brasil faz referência ao *boom* da literatura para crianças e jovens e situa a própria produção literária no contexto:

No meu caso comecei com a publicação de um livro infantojuvenil, *Verdes Mares Bravios / Aventura no Mar* [...] A volta foi curiosa - além de receber, dos editores muitos pedidos de livros para a área, uma noite tive um sonho, que era uma história completa para crianças e jovens. Quando amanheceu, me sentei na máquina e escrevi o primeiro episódio de uma série narrando as peripécias de um aventureiro e ecologista, amigo dos índios. Chama-se, o personagem central, das narrativas infanto-juvenis, *Gavião Vaqueiro*, nascido em Piracuruca, no Piauí. [...] Depois os outros livros para a área vieram automaticamente creio que, no total, publiquei mais de 40. Gosto de escrever para crianças e jovens, me sinto bem [...] costumo dizer que volto de vez em quando a escrever para jovens me faz mais jovem e descanso das engrenagens mais envolventes do meu cérebro. (BRASIL, 2007, p.07)

Sobre esse período encontramos em Magalhães e Rocha que, “os anos de 1980 foram os mais produtivos de Assis Brasil na publicação de obras para os leitores jovens, coincidindo com o período de maior abertura política, com o fim da censura e do regime ditatorial que vigorou no país durante 20 anos”. (MAGALHÃES e ROCHA, 2012, p. 6)

Alguns marcos legais são fruto das mudanças ocorridas nesse período, como a Constituição Federal de 1988 e a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – que estabelece que crianças e adolescentes são sujeitos de direito e, fundamentada na psicologia do desenvolvimento, considera criança o cidadão que tem até 12 anos incompletos. Aqueles com idade entre 12 e 17 anos são adolescentes (artigo 2º), frequentam os dois ou três últimos anos do Ensino Fundamental ou o Ensino Médio, quando ele não é mais criança, mas ainda não é considerado adulto. Essa condição recomendaria a leitura de livros adequados à sua capacidade de compreensão e ao interesse que a temática lhe poderia despertar. É comum a preocupação com a idade do leitor nas listas de livros indicados para crianças e jovens. No artigo 4º, o Estatuto da Criança e do Adolescente define que crianças e adolescentes têm direito à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, cultura e liberdade.

O delineamento das especificidades e da relevância da literatura juvenil no processo de formação de leitores ganha representatividade, reconhecimento e impulso com a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 1968; a criação de premiações concedidas por instituições legitimadoras nas quais a análise das obras é realizada por um júri composto por pesquisadores e críticos especializados, entre as quais podemos citar: o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira de Livro; Prêmio Orígenes Lessa, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte; Prêmio Barco a Vapor, concedido pela fundação SM; Selo Altamente Recomendável, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Prêmio Alfredo Machado Quintella, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Prêmio concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); Prêmio da Casa de Cultura Mario Quintana; Prêmio Érico Vanucci, concedido pelo CNPq e pela SBPC; Prêmio Figueiredo Pimentel, da FNLIJ; Prêmio M. Lobato de Melhor Tradução Jovem, da FNLIJ; os Prêmios Fernando Chinaglia, Luiz Jardim e Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores; Prêmio Ofélia Fontes, O Melhor para Crianças, do Júri da FNLIJ; Prêmio “Hors Concours”, O Melhor para crianças, da FNLIJ; Prêmio Monteiro Lobato de Melhor Tradução, da FNLIJ, dentre outras premiações espalhadas pelo país.

Em nível internacional destacam-se o Prêmio UNESCO de Literatura Infantil e Juvenil em Prol da Tolerância, o Prêmio Astrid Lindgren, oferecido pelo governo da Suécia - um dos maiores prêmios literários do mundo - e o Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY.

No tocante à questão da qualidade do texto literário voltado para o leitor juvenil, Ceccantini (2010) adverte que a concessão de prêmios específicos do gênero, envolvendo instituições e especialistas, torna tênue as fronteiras entre a literatura para jovens e a literatura

para adultos e indicia que a especificidade da literatura juvenil possibilita, com uma produção literária de excelência, o alcance de um público heterogêneo no quesito faixa etária, nível de escolaridade e grupo social. O autor ressalta que as especificidades desse gênero literário são provisórias na medida em que

[...] a busca de sentidos para essa produção literária peculiar, em princípio voltada à faixa de leitores que, a partir do início do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado “adolescência”, na medida em que ainda não possuímos um objeto claramente delimitado e uma metodologia plenamente estabelecida para sua abordagem (CECCANTINI, 2010, p.82).

O surgimento de um novo panorama da literatura juvenil brasileira ocorre num contexto político do qual emerge uma literatura engajada preche de novos temas, novas abordagens, novos gêneros e com uma produção acadêmica ascendente fruto da realização de cursos de extensão, congressos, simpósios, jornadas, encontros e seminários nacionais e internacionais que propiciam o debate entre pesquisadores, escritores, ilustradores, editores, professores, estudantes e gestores. Outros elementos importantes nesse ínterim são: a articulação entre a literatura juvenil e seu ensino, a implantação nos cursos de Licenciatura Plena em Letras e em Pedagogia, em diversas universidades do país, da disciplina específica destinada ao estudo do gênero atrelado às quais surgem grupos de pesquisa e diversos trabalhos na graduação e na pós-graduação.

Delineado um novo contexto histórico, social e educacional conclui-se que:

Uma literatura voltada ao jovem é necessária para suprir a vontade de leitura do sujeito que não mais se interessa pelas histórias infantis e ainda não se sente capacitado às leituras adultas. As escolas necessitam de uma literatura mais atrativa ao jovem, de modo a torná-los leitores. Notando as vendas que teriam esse tipo de literatura, as editoras passam a encomendar histórias juvenis novas ou adaptações de literaturas canônicas a autores diversos, consagrados ou não. (AGUIAR & BUCKOWSKI, 2010)

Nesse contexto, a literatura juvenil passa a ser concebida a partir da sua natureza e da função formadora que exerce, em razão de que o leitor jovem é um leitor em formação, o que assegura sua inserção nos currículos escolares que se tornam palco do confronto entre o literário e o pedagógico que, sob diferentes matizes, integram os estudos sobre o gênero e, conforme Ceccantini,

Essa indefinição intrínseca ao gênero, bem como as razões de ordem histórico-social largamente decantadas, como, por exemplo, o surgimento da literatura infantojuvenil no momento em que se consolidam instituições como a família e a escola burguesa; o espaço de circulação privilegiado para o gênero por esta configurado; o conteúdo didático/escolar (ou pedagogizante, se assim se preferir) da produção para crianças e jovens nas suas origens; a posição marginal ocupada pela criança em nossa sociedade; a expansão de outros campos da ciência e do saber que também voltam seu foco para tudo aquilo que se relacione à infância, são, todos, aspectos que acabaram por situar a literatura infanto-juvenil, de um modo geral... numa zona de fronteira, em que se dá um embate entre disciplinas disputando um mesmo objeto. (CECCANTINI, 2004, p. 22)

Partindo dos pressupostos apresentados por Ceccantini, reconhecemos que os mecanismos compositivos do texto literário juvenil o tornam um gênero com autonomia estética e relevância no processo de formação de leitores por proporcionar o prazer estético e ser capaz de emancipar e, sem subestimar a inteligência e a sensibilidade do leitor, ampliar a capacidade de fruição estética. Para o autor, as especificidades da literatura juvenil perpassam três significações:

1) o tema – “[...] uma primeira significação, a mais imediata, remete para a temática de que se ocupa a maior parte das obras, no caso, a busca da identidade e o processo de amadurecimento do jovem, do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos”; 2) o ser em formação – “[...] num segundo sentido, formação seria levada em conta considerando-se a instância da recepção das obras, isto é, como aspecto diretamente ligado à predeterminação do público leitor”; e, 3) a formação literária em contraste com a pedagógica – “[...] a terceira acepção, talvez a de visada mais ampla, tenta associar a noção de formação à literatura juvenil, em substituição à pecha de literatura pedagógica, com que durante longo tempo arcou” (CECANTINI, 2000, p. 435-437)

Por estar inserida num escopo teórico recente, a literatura juvenil apresenta um espaço lacunar de estudos nos campos da Teoria, História e Crítica e ainda precisa se firmar no panorama da literatura, no entanto, como assevera Ceccantini, trata-se de “uma produção rica, complexa e desveladora de várias nuances que revelam a maturidade do subsistema literário.” (2010, p.03)

Neste Capítulo, refletimos sobre conceitos como leitura, mediação literária e literatura juvenil e discutimos as relações que estabelecem com a formação de leitores literários com mediação da biblioteca. Vimos que a delimitação do que é ser jovem é baseada em aspectos sociais e individuais que atendem aos interesses, concepções, valores e cultura de cada sociedade. No tocante às concepções e especificidades da literatura juvenil, inferimos que os postulados apresentados por Ceccantini se aproximam do que salienta Aguiar na

epígrafe do capítulo, a literatura juvenil tem a função de encantar, desacomodar e humanizar os jovens.

É oportuno evidenciar que, os aportes teóricos que conduziram essa reflexão são essenciais para compreendermos a relação indissociável entre educação e cultura, o universo da pesquisa, a recepção da obra juvenil de Assis Brasil e os horizontes de expectativas que a obra produz na formação do leitor literário a partir da mediação da Biblioteca vila-novense.

No próximo capítulo, delineamos o roteiro que conduziu e ampliou o nosso olhar sobre o nosso objeto da pesquisa.

*O sol se fez mais luz em Vila Nova  
No dia em que a cidade finalmente despertou  
Abrindo o caminho do além do horizonte  
Conquistando a liberdade que tanto sonhou.*

*A visão do teu povo, fecunda e brilhante,  
Faz brotar a esperança neste chão promissor  
Projetando um futuro imponente e gigante  
Ejetando de teu seio o vício e o torpor.*

*Avante Vila Nova! Olhai para frente.  
Conduza teu povo, o progresso te chama.  
Pelos caminhos do bem, do saber e da luz.  
Parabéns, Vila Nova, teu povo te ama.*

*Eliane Madeira*

## 2 ROTEIRO DO OLHAR

Luzes traçando o roteiro do olhar  
Delineando o perfil da cidade.

Vilebaldo Rocha

No segundo capítulo, delineamos o roteiro que conduziu nosso olhar e no qual estão inseridos a metodologia da pesquisa, com seus instrumentos e passos, de forma a nortear o leitor quanto aos caminhos científicos eleitos para direcionar nossa caminhada.

Trazemos à baila, de modo panorâmico, o contexto histórico, educacional e sociocultural do universo da pesquisa, os marcos legais que asseguram o direito à literatura na Cidade Poesia e o perfil socioeconômico e cultural dos participantes.

Conforme assevera Minayo,

O objeto das Ciências Sociais é histórico. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (MINAYO, 1994, p.13).

Recorremos às informações históricas, por avaliarmos que são essenciais para a compreensão do contexto no qual está inserido o universo da pesquisa e no qual as ações do processo de formação de leitores literários estão sendo desencadeadas e por se tratar de uma pesquisa preta de questões sociais. Ao processo de formação de leitores literários estão imbricados diversos fatores, entretanto, compreendemos que o fator social é proeminente. Na perspectiva de Bourdieu (1989), pretendemos evidenciar a importância de se reconhecer a literatura como um bem cultural e que, portanto, pertence a um grupo social.

### 2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

É a minha própria história que está  
inscrita no que estou focalizando.

Moita Lopes

À metodologia cabe contribuir para alcançar os objetivos da pesquisa, a concebemos como momento fulcral do processo. O delineamento do percurso foi construído numa

perspectiva reflexiva que se coaduna com o pensamento de Ghedin e Santoro Franco (2008), ao afirmarem que a metodologia

não é apenas instrumento de coleta de dados [...] caracteriza-se fundamentalmente por ser uma atitude crítica que organiza a dialética do processo investigativo; que orienta os recortes e as escolhas feitas pelo pesquisador; que direciona o foco e ilumina o cenário da realidade a ser estudada. (GHEDIN; SANTORO FRANCO, 2008, p. 108)

Por estar imbuída de uma atitude crítica, de conhecimento político e ideológico, não há como separar o pesquisador do seu objeto de estudo. O que implica dizer que não há neutralidade na pesquisa e a objetividade do estudo é relativa, destarte o pesquisador tem uma história de vida a partir da qual define suas escolhas e seu foco.

### **2.1.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

Optamos pela realização de três modalidades de pesquisa: bibliográfica, de campo e analítico quanti-qualitativa com o intuito de atender aos objetivos propostos para adentrarmos o nosso objeto de estudo circunscrito à estudantes egressos do ensino fundamental e à biblioteca do município de Vila Nova do Piauí, visando conhecer como ocorre a recepção dos textos literários juvenis de Assis Brasil e o desdobramento dessas leituras no processo de formação desses leitores.

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como ponto de partida de toda pesquisa científica e subsidiou o nosso trabalho acerca do referencial teórico que dá sustentação à pesquisa e segundo Lakatos,

permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto à de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (LAKATOS, 1992, p.44)

A afirmativa da autora é ratificada por Gil (2007), ao destacar que a pesquisa bibliográfica desenvolve-se ao longo de uma série de etapas e no decorrer do processo trilhamos os seguintes passos: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano provisório de assunto, busca das fontes, leitura do material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto.



Quanto ao estudo de campo, atendeu nossos objetivos, uma vez que, contribuiu para o aprofundamento das questões propostas, flexibilizou o planejamento e nos permitiu reformular os objetivos ao longo da pesquisa. Por focalizar uma comunidade, a pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação dos questionários e das entrevistas. Quanto a esta questão, Gil (2007, p.53) reitera “a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, visto que somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado.”

A análise pelo viés quanti-qualitativo foi a mais adequada à pesquisa por pretendermos quantificar os dados e interpretá-los a partir da realidade na qual estão inseridos. Marconi e Lakatos (2006) assim nos apresentam a metodologia qualitativa: “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 269) Além disso, justifica-se com base nas definições de Godoy (1995, p. 21): “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

No entanto, na abordagem da pesquisa durante a análise, a tabulação e o tratamento dos dados, os aspectos qualitativos foram conjugados com os quantitativos, visto que os resultados são mensuráveis subjetiva e objetivamente.

Os aspectos quantitativos da pesquisa podem contribuir para o planejamento e as políticas públicas de leitura. E, concernente aos aspectos qualitativos a pesquisa privilegia a produção, a recepção e o acesso à cultura, concebida enquanto construção social de caráter ambivalente.

Vale ressaltar também que, em conformidade com o que afirma Demo (2000), nenhum tipo de pesquisa é autossuficiente, uma vez que "na prática, mesclamos todos acentuando mais este ou aquele tipo de pesquisa" (DEMO, 2000, p. 22).

### **2.1.2 INSTRUMENTOS DA PESQUISA**

Para percorrermos os caminhos científicos pretendidos, foram nossos instrumentos: ficha de análise dos documentos oficiais que regem as ações de formação de leitores, a saber: os Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas, o Plano Municipal de Educação, o Plano

Municipal do Livro e Leitura, os projetos de leitura da Biblioteca Municipal e os documentos que registram o fluxo e o empréstimo de livros; o questionário de identificação do nível socioeconômico-cultural dos participantes da pesquisa e, o roteiro das entrevistas.

### **2.1.3 PASSOS DA PESQUISA**

A pesquisa de campo foi realizada na SEME, na Biblioteca Municipal Patativa do Assaré e com auxiliares de biblioteca, professores e estudantes egressos da rede municipal de ensino do município de Vila Nova do Piauí.

Na primeira etapa da nossa pesquisa, em visita à SEME coletamos *in locus os dados contidos nos documentos oficiais* concernentes ao trabalho com a leitura literária, dado que, conforme Bogdan e Biklen (1994), os documentos oficiais são essenciais à pesquisa científica, em razão de que “Nesses documentos os investigadores podem ter acesso à ‘perspectiva oficial’, bem como às várias maneiras como o pessoal da escola comunica” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 180).

A segunda etapa consistiu em analisar os documentos coletados para compreendermos o lugar da literatura nos documentos oficiais, como está constituído o currículo no que diz respeito ao ensino de leitura literária, quais concepções e metodologias sustentam a prática pedagógica e em conhecermos como ocorre o diálogo entre a escola e a biblioteca de Vila Nova do Piauí no tocante ao processo de formação de leitores perenes. As reflexões geradas a partir da análise dos documentos será apresentada em um item à parte.

Concernente à terceira etapa, para conhecermos como a obra juvenil de Assis Brasil é recebida e para assegurarmos a possibilidade de os participantes discorrerem sobre o tema proposto, realizamos entrevistas semiestruturadas, para permitir espontaneidade e fluência de expressão, com 05 docentes, 02 auxiliares da biblioteca municipal e 09 estudantes egressos. Consoante Otávio Cruz Neto (1994), por meio da entrevista nos foi possível ouvir a voz dos atores sociais e descobrir as informações nela contidas e que revelam os valores, as formas de agir e as opiniões dos entrevistados.

No caso dos estudantes egressos também aplicamos o questionário do perfil socioeconômico e cultural com questões gerais para caracterizá-los e algumas questões específicas relacionadas ao trabalho, lazer e participação em grupos de jovens e em atividades de cunho cultural.

Nessa etapa, fizemos visitas à biblioteca, em consonância com o que declaram os pesquisadores Bogdan e Biklen,

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudos porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Na BPA entrevistamos dois auxiliares de biblioteca e tivemos acesso ao Plano Municipal do Livro e Leitura, aos projetos de leitura da Biblioteca Municipal e aos documentos que registram o fluxo e o empréstimo de livros. A BPA também foi cenário para as entrevistas com estudantes egressos e professores.

A quarta etapa traz em seu cerne, à luz da fundamentação teórica da pesquisa, a análise e interpretação dos dados coletados. Consoante Minayo (1999), essa etapa nos permitiu uma compreensão dos dados coletados, respondendo aos questionamentos formulados e contribuindo para o conhecimento a respeito do assunto pesquisado e a sua devida contextualização ao meio no qual está inserido, momento no qual foram alinhavados os horizontes de expectativas dos leitores da obra juvenil de Assis Brasil, o diálogo estabelecido entre a tríade autor, texto e leitor a partir da mediação da biblioteca concernente à leitura literária e sua contribuição na formação de leitores literários perenes.

De acordo com Gomes (1994), as categorias podem ser estabelecidas antes da pesquisa de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados, em nosso caso, a partir da coleta de dados definimos as categorias de análise.

## **2.1.4 UNIVERSO DA PESQUISA**

### **2.1.4.1 VILA NOVA – CIDADE POESIA**

Vila Nova, oh! Flor do Sertão,  
És vanguarda da fina cultura.

João Moura

O processo de ocupação do solo piauiense teve início na segunda metade do século XVII. Segundo o professor Noé Mendes de Oliveira (apud Barros, 2007, p 31), paulistas, baianos e pernambucanos foram os primeiros desbravadores do imenso espaço habitado por inúmeras nações indígenas. Eles implantaram suas fazendas de gado numa terra conquistada palmo a palmo, a custo de sangrentas lutas. Como essa conquista se deu do sertão para o litoral, justamente o contrário do que ocorrera nos demais estados litorâneos brasileiros, o

Piauí adquiriu um contorno geográfico irregular, estreito no litoral e alongando largo no interior.

A partir do ano de 1718, foi criada a Capitania de São José do Piauí, tendo como capital a Vila de Nossa Senhora da Vitória do Riacho da Mocha, a futura cidade de Oeiras. Na época do Império, precisamente em 1852, a capital foi transferida para Teresina, localizada às margens do rio Parnaíba e especialmente fundada para ser a nova sede da Província. Essa transferência foi motivada por fatores de ordem geopolítica e econômica. Oeiras estava encravada em pleno sertão, sem meios de acesso e comunicação.

Assim como ocorreu com o Estado do Piauí, as origens do município de Vila Nova remontam a 1745, período colonial, com a formação da fazenda São João nos arredores do riacho de mesmo nome, pelo português Manoel Pereira Borges de Sousa, fazendeiro que adentrou em terras piauienses através do Ceará e encontrou neste local condições propícias para a criação de gado (base da economia piauiense naquele momento e quase única fonte de riqueza no Piauí com o mercado da carne, do couro e do boi vivo) devido às pastagens abundantes e à facilidade de se obter água no leito do rio temporário, mesmo nos períodos de estiagem.

A partir de então, foi erguido no local uma casa grande, com curral para que Mané Pereira - como era conhecido o colonizador - e sua família pudessem se instalar. Até 1947 esta estrutura residencial manteve-se intacta, mas por ocasião da morte do herdeiro Bento Isídio da Silva os descendentes a demoliram.

Em 1910, foi construída a primeira casa da região na qual está instalada hoje a sede do município de Vila Nova do Piauí, à época denominada Retiro, de propriedade do agricultor Alvino Pereira da Silva que ali constituiu família. Posteriormente, seu genro, Sabino Gomes de Lima, desbravou e demarcou as terras que deram origem à cidade de Vila Nova do Piauí.

Em 1964, o povoado de Padre Marcos é alçado à condição de município, através da lei de nº 2566, de 02 de janeiro do mesmo ano, período que coincide com a construção de um posto de venda de combustíveis e um hotel de propriedade de José Feitosa na região que ficou denominada de KM 64 sob a jurisdição do município de Padre Marcos.

A construção do posto de venda de combustíveis alavancou o progresso da região, atraindo moradores e comerciantes das regiões circunvizinhas e, viajantes que trafegavam pelas estradas carroçáveis que deram origem às BR's 316 e 230. O povoamento teve um súbito crescimento. Seus primeiros moradores foram: Manoel Pereira Borges de Sousa, Bento Isídio da Silva, Alvino Pereira da Silva, Sabino Gomes de Lima, Antonio Sabino de Lima, José Feitosa, Joaquim Sabino de Lima (Quindó), Luciano José Leal e Pedro Ângelo Leal.

Em meados da década de 70 do século XX, a pequena comunidade que se havia formado começa a receber os primeiros benefícios de infra-estrutura, como o mercado público, cemitério, posto de saúde, energia elétrica e poço chafariz. Até então, não havia nenhuma escola pública. Conforme afirma Nunes (2007, p.46), os poderes públicos ocupavam-se de assuntos que consideravam prioridade, como a construção de cadeias nas sedes municipais, e não se preocupavam com a educação.

No tocante à essa questão Magalhães (2016), traça um panorama do contexto piauiense e corrobora que,

O desenvolvimento cultural do Estado do Piauí foi, até o início do século XX, bastante prejudicado pela insuficiência de escolas, bem como pela inexistência de bibliotecas públicas, livrarias e tipografias, enfim, pela soma de fatores de ordem econômica e política que contribuíram para a instalação de quadro de debilidade da cultura. (MAGALHÃES, 2016, p.27)

O quadro de debilidade ainda se faz sentir com muita força em todo o território piauiense, segundo o IBGE (2018) o Piauí possui a terceira maior taxa de analfabetismo no país 16,6%, ficando à frente apenas de Alagoas, com 18,2%, e Maranhão, com 16,7%. No caso do então povoado KM 64, a primeira escola da localidade, U.E. Sabino Gomes de Lima, surgiu em 1970, tendo como seus primeiros professores José Edilau da Silva (Ladim) - que vinha de Padre Marcos ministrar aulas - Juliana Maria Leal (1973) e Antonio Manoel da Silva (1976), Ezequiel Antonio da Silva(?)<sup>7</sup>, José Antonio Leal (?) e Manoel Pedro Leal(?). As primeiras professoras formadas foram Célia Maria Feitosa(?), Nair Eulália da Rocha (em 1984) e Núbia Josefa da Rocha (em 1993).

Em 1985, através da Lei de nº236/85, de 07 de setembro do mesmo ano, a soberania começa a se tornar realidade ao pequeno povoado que passa a ser Distrito sob a denominação de Vila Nova, pertencente à data São João. Durante os próximos 10 (dez) anos, houve paulatinamente um processo de mobilização social que culminou com um plebiscito, realizado pelo Tribunal Regional Eleitoral, em 1º de outubro de 1995, através do qual 95% da população manifestou seu desejo de emancipação política, ocasionando a elevação da data São João à categoria de município pela Lei Estadual 4.810, de 14 de dezembro de 1995, tendo como sede o distrito de Vila Nova, que passou à condição de cidade sob a denominação de Vila Nova do Piauí, com instalação oficial em 1º de janeiro de 1997, com a posse dos

---

<sup>7</sup> O ponto de interrogação entre parênteses que aparece na frente de alguns nomes significa que não nos foi possível localizar os anos nos quais esses profissionais exerceram o magistério na comunidade vila-novense.

primeiros representantes eleitos pelo voto direto da população, no pleito de 03 de outubro de 1996. É, portanto, uma comunidade com características político-administrativas recentes.

Na voz do poeta Vilebaldo Rocha, a emancipação política de Vila Nova é assim descrita:

Dia catorze e um sol radiante,  
Com o povo feliz a cantar,  
Em dezembro de noventa e cinco,  
E as mãos dadas para lutar,  
Por justiça e dias melhores  
E este solo para amar.

Da batida do coração  
De teu povo batalhador,  
Um grito de liberdade  
No azul de teu céu ecoou.  
A caatinga brotou verdejante,  
Juriti de contente cantou.

...

No cenário político educacional no qual rebenta o município de Vila Nova do Piauí, pairam no ar os bons ventos trazidos pela Constituição Federal de 1988, a Constituição Cidadã, que enfatiza a necessidade do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho; pela nova LDB (9394/96) que reproduz os dispositivos constitucionais (embora o projeto aprovado não tenha sido o que foi discutido com a sociedade, representa um avanço), e, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's / 1998). O município nasce com a oportunidade de romper com certos vícios arraigados na cultura nacional e que prevaleciam até então, como os que são apontados por Ferro (1996, p.87), “a influência do poder político sobre a instrução pública era visível e apresentava-se de modo muito forte no controle ideológico dos professores.”

Vila Nova do Piauí, está localizada a 373 km ao sul de Teresina, na mesorregião do Sudeste Piauiense e pertencente à microrregião do Alto Médio Canindé e ao Território do Vale do Guaribas. Possui uma área de 221,654 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 3.076 habitantes (IBGE, 2010). De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano Municipal / PNUD (2010) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município é de 0,565.

Segundo a FIRJAN, Vila Nova é a 5ª cidade do Piauí com melhor IDM (Índice de Desenvolvimento Municipal). O índice considera indicadores relativos à educação, saúde e emprego e renda.

RANKING				
IFDM CONSOLIDADO : VILA NOVA DO PIAUÍ (2013)				
POSIÇÃO DO MUNICÍPIO NO RANKING DO IFDM - Consolidado				
Nacional	Estadual	IFDM Consolidado	UF	Município
647°	1°	0.7813	PI	Teresina
2385°	2°	0.6798	PI	Piripiri
2666°	3°	0.6649	PI	Água Branca
2691°	4°	0.6639	PI	Baixa Grande do Ribeiro
2797°	5°	0.6585	PI	Vila Nova do Piauí
2837°	6°	0.6562	PI	Hugo Napoleao
2878°	7°	0.6543	PI	Floriano
2918°	8°	0.6526	PI	Sebastião Leal
2952°	9°	0.6505	PI	Brasileira
3004°	10°	0.6471	PI	Pajeú do Piauí

  

PANORAMA ESTADUAL				
IFDM CONSOLIDADO : PIAUÍ (2013)				

Fonte: FIRJAN (2013)

Sobre a cidade, no artigo intitulado *Encantos da Vila*, Santos (2007) comenta:

Num ponto equidistante entre Picos (PI), Campos Sales (CE) e Araripina (PE), no coração do semiárido, plantou-se uma cidadezinha simpática com o nome de Vila Nova do Piauí. [...] o município tem pouco mais de 3.000 habitantes e muitas carências, a mais séria delas é a falta de água potável. Para prestar-se ao consumo humano, a pouca água disponível na cidade precisa ser dessalinizada, o que demanda tempo e drena recursos financeiros que poderiam ser investidos em outras áreas. (SANTOS, 2007, p.02)

Dentre as carências elencáveis, Vila Nova recebeu de Padre Marcos um coeficiente de mortalidade infantil de 59,67 e atualmente esse índice é de 0 para 1.000 nascidos vivos (IBGE, 2014), comparado com todos os municípios do estado, fica na posição 1 de 224, e quando comparado às cidades do Brasil todo, essa posição é de 1 de 5570.

Como herança educacional recebeu um quadro desfavorável evidenciado: na taxa de analfabetismo da população que girava em torno de 52,07%, entre a população de 10 a 14 anos, e 51,75% entre a população acima de 15 anos; na realidade das escolas: 11 prédios escolares desaparelhados e isolados, um desempenho ruim (como atestam os índices educacionais) e o desprestígio perante a comunidade.

Com a responsabilidade sobre o Ensino Fundamental, conforme apregoam a Constituição Federal em seu artigo 211, inciso 2º e a LDB 9394/96, coube ao recém-emancipado município, em 1997, dar os primeiros passos para implantar o ensino formal e realizar o primeiro concurso público para o magistério que aconteceu a 1º de março de 1997 com a posse dos aprovados no dia 02 de abril do mesmo ano.

Em 1998, o município foi precursor, na região, da Avaliação do Corpo Docente para Progressão Salarial, com critérios que vão desde a elaboração e execução de projetos educacionais à participação em eventos de qualificação profissional, atendendo ao que estabelece a Lei Municipal 033/98. A mudança de classe / nível beneficiou todo o corpo docente e se configura como uma medida estimuladora da formação já que incide sobre carreira e salário.

A qualificação e o aperfeiçoamento do corpo docente são condições intrínsecas à melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem. O investimento na formação e valorização dos profissionais da educação é outra característica marcante das políticas públicas de educação no município. A formação inicial e continuada são concebidas como momentos do processo de construção de uma prática qualificada e de afirmação da identidade e profissionalização do professor. Em 2000, segundo o censo educacional, apenas 1,41% dos professores do município tinham curso superior, em 2018 este índice é de 100%, fruto do compromisso dos docentes e do convênio firmado entre a secretaria municipal de educação e a UESPI (Campus de Fronteiras e Núcleo de Alegrete do Piauí). É importante salientar que 90% do corpo docente possui pós-graduação a título de especialização.

Quanto à formação continuada, a Secretaria prevê dentro do calendário escolar tempo para os momentos de formação, reuniões, frequência a cursos, oficinas, congressos, seminários, palestras, além de respaldar as escolas em suas necessidades, apoiar e acompanhar suas atividades pedagógicas com uma proposta alicerçada na reflexão crítica-teórica, considerando os determinantes sociais mais amplos e suas implicações no cotidiano do professor e no seu processo profissional.

O conjunto de ações que incluem o Plano de Cargos e Carreira, a Avaliação do Corpo Docente para Progressão Salarial, a formação inicial e a formação continuada em serviço contribui para a valorização do papel do professor que atua nas escolas vila-novenses e recai sobre o prestígio social que os profissionais logram na comunidade.

O município criou, em 2002, o SAEVIN (Sistema de Avaliação da Educação de Vila Nova), com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pela rede municipal de ensino, desde então, anualmente os estudantes do ensino fundamental respondem a questões



de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas.

A avaliação de rede tem o papel de diagnosticar o desempenho dos alunos para que os déficits sejam detectados e suprimidos a cada ano. De acordo com a secretaria de educação a avaliação traduz o desempenho dos alunos e das escolas da rede municipal de Vila Nova, além de ser instrumento utilizado na hora de (re) planejar as ações, (re) definir prioridades e estratégias.

Os índices educacionais revelam o salto qualitativo do município que, em 2011, obteve o primeiro lugar no IDEB dentre os municípios piauienses, alcançando o índice de 6,1 nas séries iniciais e 5,5 nas séries finais, superando a meta estabelecida pelo Ministério da Educação para 2021. Índices que colocaram a escola municipal Sabino Gomes de Lima no ranking das 20 melhores escolas públicas do país.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados, no caso de Vila Nova o Prova Brasil, obtido pelos estudantes ao final das etapas do Ensino Fundamental com informações sobre rendimento escolar colhidas através dos censos escolares.

O município de Vila Nova, hoje com 22 anos, já passou por seis eleições municipais nas quais foram eleitos os representantes do poder executivo e do poder legislativo. Durante esse período, teve 07 secretários municipais de educação, mais de uma dezena de coordenadores pedagógicos que se revezaram no período, mudanças que, comumente, comprometem o processo de continuidade das políticas públicas não fosse a relevância que a educação adquiriu para a comunidade vila-novense.

Fizemos essa retrospectiva da história do município por acreditarmos que conhecer as origens é de suma importância, como nos revela Santana (2001):

o conhecimento da realidade própria do país, desde as origens, proporciona os elementos necessários ao equacionamento dos problemas que desafiam a nação brasileira...a extensão territorial do país face às dificuldades advindas das disparidades regionais, enseja inclusive, o exame das particularidades que infundem fisionomia própria as diversas unidades. (SANTANA, 2001, p.27)

Outro aspecto a ser destacado é o fato de que, ao pesquisarmos sobre a recepção da literatura juvenil a partir da mediação da biblioteca, é premente percebermos o entorno histórico, sociocultural e econômico onde os adolescentes estão inseridos por se configurarem como fatores preponderantes no processo de desenvolvimento do ser humano.

Pegamos emprestado de Bamberger (1977), as razões por ele citadas dos motivos pelos quais em certos países se lê muito mais que em outros, e atribuímos ao universo da pesquisa no qual constatamos que se lê muito em função dos seguintes fatores: 1º) a posição do livro na escala de valores do município, tal como se expressa através das ações destinadas à promoção do livro; 2º) a tradição cultural, considerando que o município tem 22 anos e há 18 anos tem marcos legais que direcionam as ações que visam assegurar o direito à literatura; 3º) as oportunidades de leitura proporcionadas pela BPA; 4º) o papel representado pelos livros na biblioteca municipal e na comunidade.

É importante ressaltar que permeiam a pesquisa aspectos de uma história em curso sobre a práxis concernente à formação de leitores literários em que muitas vozes contribuirão para a tessitura de um percurso no qual será preciso cruzar a leitura oficial com as leituras de quem vive e protagoniza o despertar para a fruição literária. Partimos do pressuposto de que, como afirma Cavalcante (2003):

em lugar da pretensão de retratar a realidade com precisão científica, com o apoio de fontes documentais apenas oficiais, foram surgindo projetos de estudos voltados para o entendimento de contornos culturais de práticas escolares e educativas, imersas no nevoeiro do cotidiano de sujeitos anônimos, professores, alunos e cidadãos comuns, analisando instituições, lugares, fatos e ideias, ações, reminiscências. (CAVALCANTE, 2003, p.27)

Numa perspectiva que se alinha com a proposição de Cavalcante (2003), definimos os participantes e instrumentos da pesquisa que pudessem contribuir para delinear o contorno cultural no qual as ações de formação de leitores desenvolvidas pela BPA ocorrem, e, buscamos fontes documentais que regulamentam políticas de democratização do acesso à leitura, ao livro e à produção de sujeitos leitores, conforme análise que apresentamos no próximo tópico.

#### **2.1.4.2 O Direito à Literatura na Cidade Poesia – Marcos Legais**

Assegurar o direito à literatura requer uma tessitura na qual estejam entrelaçadas políticas públicas de formação de leitores aliadas à demanda da sociedade civil. O trabalho da biblioteca precisa ser “tecido” a partir das vozes que ressoam nas inúmeras direções envolvendo distintos atores sociais do município, dentre os quais os professores se destacam enquanto importantes aliados no que tange ao trabalho com a literatura juvenil visto que lidam com os jovens no cotidiano das escolas.

Nossa pesquisa assenta no princípio de que o acesso à leitura, ao livro e à literatura é um direito que deve ser assegurado aos jovens e a todos que circulam no entorno da biblioteca. Segundo Leal (2003), assegurar o direito à literatura na Cidade Poesia parte do princípio de que “Precisamos trabalhar compreendendo que as dívidas sociais se acumulam com maior rapidez do que as dívidas financeiras.” (LEAL, 2003, p. 18)

Compreender o lugar que a literatura ocupa nos documentos oficiais que regem as políticas públicas e que ajudam a organizar e materializar as intenções e os investimentos para garantir a democratização do acesso a esse bem incompressível é, conforme enfatizado anteriormente, essencial para que possamos compreender a recepção e o processo de formação dos leitores literários no universo da Biblioteca Municipal da Cidade Poesia moldados por relações sociais que se reconstruem a todo tempo.

Os documentos analisados são parte de uma rede de relações que confere significados às práticas sociais e de acordo com Lüdke e André (1986, p. 38), “[...] a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Entre os documentos oficiais analisamos alguns que regulamentam políticas de incentivo à leitura e à produção de sujeitos leitores e que foram elaborados a partir dos preceitos da legislação nacional, constam na nossa análise os PPPE’s, o PME e o PMLL. O Questionário Socioeconômico e Cultural e as Entrevistas também foram instrumentos importantes para compreendermos como a biblioteca concebe o trabalho de formação de leitores literários e o que as ações desenvolvidas representam para os participantes da pesquisa e serão analisados no próximo tópico.

Embora a pesquisa seja de cunho quanti-qualitativo, grande parte dos dados coletados são qualitativos e exigem formas específicas de serem analisados.

### **- Projeto Político Pedagógico das Escolas (PPPE’s)**

As práticas educacionais brasileiras são norteadas a partir de Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes fixadas pelo CNE, respeitando a autonomia de cada sistema e de cada escola. Desse modo, cada instituição elabora seu projeto político pedagógico de acordo com a sua realidade e a partir de princípios, fundamentos e procedimentos que se coadunem com as concepções que norteiam as práticas da escola que se quer construir.

O Projeto Político-Pedagógico é político pela sua dimensão cidadã tendo por referência princípios, valores e práticas democráticas. Nossa pesquisa assenta no princípio de que todo projeto desta natureza traça metas e delinea ações para alcançá-las o que implica em escolhas sobre o que será ensinado, como será, em quais contextos e como se fará a avaliação tendo como foco o processo de formação de leitores conforme previsto nos documentos que norteiam as práxis pedagógicas nas escolas vila-novenses.

Os Projetos Políticos-Pedagógicos das Escolas (PPPE's) da rede municipal foram elaborados em 2001 (em sua fase inicial, com a assessoria de acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí), mediante um amplo processo democrático que envolveu, num fórum de debates, todos os segmentos da sociedade, e a presença de velhos, de mestres da cultura popular e do movimento negro como forma de valorização da ancestralidade, da oralidade e da sabedoria popular e para garantir que a escola construísse um diálogo intergeracional.

Nesse ínterim, memória individual e memória coletiva, construídas diacronicamente cimentaram os alicerces da escola que se pretendia construir. Consoante Kandel (2009, p. 24-25), “a memória é essencial não apenas para a continuidade da identidade individual, mas também para a transmissão da cultura e para evolução e continuidade das sociedades ao longo dos séculos”, isso posto podemos afirmar que identidade e cultura se articulam e caminham juntas.

Os PPPE's de Vila Nova enquanto instância de reflexão se propõem a representar os interesses da comunidade escolar onde se inserem, definindo a concepção filosófica de mundo, de sociedade, de ser humano e de escola que se tem e de escola que se pretende construir. Vale destacar que o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira foi incluso nos projetos, antecedendo em dois anos o que estabelece a lei 10.639/2003.

Marco de referência para o processo de formação de leitores, os PPPE's, dão o norte a uma construção histórica em desenvolvimento e refletem a opção das escolas pela pedagogia de projetos para conduzir propostas nas quais o ensino de língua e literatura é concebido numa perspectiva dialógica e interdisciplinar e o processo de formação de leitores se firma enquanto fruto de uma ação política.

Os PPPE's ressaltam a importância de incorporar as práticas culturais plurais que valorizem a diversidade do entorno e de conectar o texto literário às práticas pedagógicas das salas de aula fundamentados no que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - de Língua Portuguesa quando ratificam que:

[...]. A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 29-30).

Os PPPE's propõem ampliar os territórios para que o texto literário tenha um lugar de destaque no processo educativo e para que a escola se constitua em um ambiente democrático em que se desenvolva o letramento, não só dos estudantes, mas também da família, da comunidade e da sociedade como um todo, numa perspectiva que o concebe como

[...] um meio de engajamento coletivo para integrar ações dispersas, criar sinergias no sentido de buscar soluções alternativas para diferentes momentos do trabalho pedagógico-administrativo, desenvolver o sentimento de pertença, mobilizar os protagonistas para a explicitação de objetivos comuns definindo o norte das ações a serem desencadeadas, fortalecer a construção de uma coerência comum, mas indispensável, para que a ação coletiva produza seus efeitos. (VEIGA, 2003, p. 268).

Os PPPE's das escolas vila-novenses são organizados a partir de uma matriz metodológica comum e têm como pressupostos que orientam suas ações: uma concepção de leitura; o reconhecimento da importância do mediador na formação de leitores e a compreensão do papel da biblioteca no processo de formação de leitores. Trazem orientações sobre atividades diversificadas com diferentes gêneros textuais de maior circulação social, privilegiando aqueles vinculados à literatura.

Segundo Soares (2001), não se pode evitar que se escolarize a literatura, já que a escola em sua essência é constituída pela escolarização de conhecimentos e deve, guiada por projetos pedagógicos, ressaltar a diversidade, aproximar os estudantes das práticas de leitura literária e proporcionar uma imersão na cultura local.

Os projetos traçam metas, delineiam ações para alcançá-las, são monitorados e anualmente avaliados com a participação dos atores sociais envolvidos no processo educativo, no entanto, a prática de participação da comunidade no processo de monitoramento e avaliação se encontra aquém do necessário e não condiz com o amplo processo democrático que encetou sua construção.

### **- Plano Municipal de Educação (PME)**

A concepção de plano de educação, vinculada à ideia de organização de um sistema de educação nacional, fez-se notar pela primeira vez no Brasil no Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932, e, segundo Vieira (2014), provocou reflexões sobre a formulação e implantação de políticas públicas que deveriam ser inseridas em um quadro de maior racionalidade e sistematização, de modo a superar ações tendenciosamente experimentais, intuitivas, fragmentadas ou desarticuladas.

Os ecos do Manifesto dos Pioneiros foram ouvidos no processo de construção da Constituição Federal (CF) de 1988 que traz as determinações legais quanto ao estabelecimento de um PNE “A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público [...]” (BRASIL, 1988, Art. 214), ratificadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – “A União incumbir-se-á de: I – Elaborar o plano nacional de educação, em colaboração com os estados, o DF [Distrito Federal] e os municípios” (BRASIL, 1996, Art. 9º, I).

Balizado pelo Plano Nacional de Educação (PNE), o PME de Vila Nova traz o compromisso de atuação do poder público diante de demandas específicas da sociedade com previsão orçamentária e determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional do município por dez anos. Em 2015, a comunidade educacional vila-novense realizou um monitoramento do seu primeiro plano e considerando a situação econômica e social do município estabeleceu metas estruturantes para a garantia do direito à educação básica com qualidade para o decênio 2015-2024.

O documento trata da garantia do acesso, da permanência e do sucesso do público em idade escolar. De acordo com os dados do documento, de um total de 469 crianças e adolescentes, 05 adolescentes entre 11 e 14 anos não frequentam a escola, no entanto, o documento não mostra o perfil desses adolescentes, não discorre sobre os motivos pelos quais estão afastados do processo educativo formal e não explicita como vai desenvolver políticas públicas mais incisivas e competentes que os tragam para o universo da escola.

Dentre as 21 estratégias estabelecidas no PME para o Ensino Fundamental nenhuma diz respeito de forma direta ao direito ao livro, à leitura e à literatura. Encontramos uma menção indireta na sexta estratégia que aparece assim descrita:

Promover a relação das escolas com instituições e movimentos culturais, a fim de garantir a oferta regular de atividades culturais para a livre fruição dos alunos dentro e fora dos espaços escolares, assegurando ainda que as escolas se tornem pólos de criação e difusão cultural. (SEME, 2015)

Estratégias demarcadas, o documento não define como materializar as atividades culturais. No cômputo geral, o documento não traz em seu bojo uma concepção que garanta a coerência entre meios e fins, de forma a garantir que as peculiaridades locais sejam atendidas e que reflitam o seu contexto de elaboração em sintonia com outros marcos legais e com os projetos desenvolvidos nas escolas e na biblioteca municipal.

### **- Plano Municipal do Livro e Leitura (PMLL)**

O Brasil resgatou e fortaleceu nos dois mandatos do Presidente Lula a luta pelo livro, a leitura, as bibliotecas e a literatura, e, impulsionou as ações da cultura, conectadas às três dimensões das políticas culturais: a cultura como valor simbólico, como direito da cidadania e como economia e conforme assevera Marques Neto (2010, p.13): “Esta retomada, comandada pelo Ministério da Cultura e o da Educação, criou em 2006 o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL.”

O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) é resultado de um conjunto de atitudes não apenas do Brasil, mas de chefes de Estados e de organizações culturais e educacionais de cooperação internacional no mundo ibero-americano, impulsionado a partir de uma resolução dos presidentes das nações da América Latina, da América Central, de Portugal e da Espanha, na XIII Cúpula Ibero-americana de Chefes de Estado e de Governo, realizada em 14 e 15 de novembro de 2001. No artigo 35 da declaração lê-se:

En el convencimiento del valor de la cultura para contribuir en la búsqueda de la equidad social, proclamamos el año 2005 como el año Iberoamericano de la Lectura, y proponemos aunar esfuerzos del sector público y del privado para llevar a buen término el Plan Iberoamericano de Lectura aprobado por la VII Conferencia Iberoamericana de Cultura. (MARQUES NETO, 2010, p. 82)<sup>8</sup>.

O PNLL, instituído por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação, e por meio do decreto Nº 7.559, firmado

---

<sup>8</sup> Tradução: "Convencidos do valor da cultura na busca pela equidade social, proclamamos o ano de 2005 como o Ano Ibero-Americano da Leitura, e propomos juntar esforços do setor público e do privado para levar a bom termo o Plano Ibero-Americano de Leitura aprovado na VII Conferência Ibero-Americana de Cultura".

pela presidenta Dilma Rousseff, em 1º de setembro de 2011, traz em seu cerne o desafio de superar as incipientes políticas de formação de leitores no país e conforme se pode observar no seguinte trecho do documento:

Pretende-se conferir a este Plano a dimensão de uma Política de Estado, de natureza abrangente, que possa nortear e garantir alguma organicidade a políticas, programas, projetos e ações continuadas desenvolvidos no âmbito de ministérios [...], governos estaduais, municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e de voluntários em geral, buscando evitar o caráter por demais assistemático, fragmentário e pulverizado com que se têm implementado essas iniciativas em nosso país, desde, pelo menos, o início do século XIX. (BRASIL, 2007, p. 19).

Alinhado com o PNLL, o município de Vila Nova elaborou o seu PMLL, em 2015, com a participação de educadores, estudantes, comunidade escolar, auxiliares de biblioteca, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade civil, prefeitura e interessados em geral. O fórum criado para elaborar o PMLL garantiu a pluralidade de vozes,

[...] diferentes gerações que precisam ser conscientizadas sobre a importância da leitura, sobre os benefícios da leitura literária na ampliação do imaginário, na determinação de novos horizontes. É no convívio entre representantes de diferentes gerações que pode ocorrer um compartilhamento de ideias, de emoções advindas do processo coletivo de construção do conhecimento, do intercâmbio de relações com significativas manifestações da cultura, das artes, descobrindo novas modalidades de expressão individual, social, em rede, numa perspectiva intercultural. (ROSING, 2012, p. 102).

Analisamos o PMLL para identificarmos em que medida se apropriou das recomendações do PNLL, enquanto marco legal norteador das políticas públicas para o livro, a leitura e a biblioteca. Em consonância com o que propõe a UNESCO (1994) três fatores qualitativos são incorporados aos planos: o livro deve ter destaque e valorização; as famílias devem ser leitoras e passar entre as gerações o gosto pela leitura; as escolas devem formar leitores, tendo mediadores de leitura capazes de utilizar diferentes estratégias e recursos para alcançar o objetivo, de forma a contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade leitora.

O PMLL da Cidade Poesia desenha um percurso que Vila Nova precisa seguir para se tornar uma cidade de leitores, possui quatro eixos estratégicos: 1º- Democratização do acesso, 2º- Fomento à leitura e à formação de mediadores, 3º- Valorização da leitura e comunicação e 4º- Desenvolvimento da economia do livro; vinte linhas de ação; um



calendário anual de eventos e traz as diretrizes para uma política pública que tem por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e revela características do contexto de elaboração e da correlação de forças sociais que o ensejou.

O documento salienta que,

A não acessibilidade ao livro e à leitura a todas as classes sociais é uma falha no processo de socialização do indivíduo, pois a capacidade de interpretar o código escrito e de usufruir a beleza das palavras é essencial à dignidade humana em uma sociedade que privilegia a escritura e que se afasta da oralidade. A iniciação estética proporcionada pelo livro leva o indivíduo à insatisfação com o cotidiano e faz nascer nele o desejo de mudança de uma vida medíocre para uma vida plena. (CALDIN, 2003, apud PMLL, 2015)

O Plano traz em seu cerne a concepção da literatura emprestada de Candido (1989) como fator indispensável de humanização que confirma o ser humano na sua humanidade, por atuar tanto no consciente quanto no inconsciente. Candido (1989) evidencia ainda:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113)

A percepção da literatura no sentido lato e como elemento indispensável à formação de leitores proficientes permeia o documento que apresenta a função social da literatura como elemento capaz de ampliar a compreensão de mundo e libertar das regras que a sociedade impõe, o que se coaduna com as palavras do professor Leal Bagno<sup>9</sup> (informação verbal) “Ler é libertar-se!”

A espinha dorsal do Plano é fortalecer a relevância social da biblioteca, a singularidade da leitura literária e investir no processo de formação de mediadores competentes que conduzam as atividades na BPA, no Ponto de Cultura Cidade Poesia, no Cine Mais Cultura Flor do Sertão, nas escolas e contribuam efetivamente para a formação de leitores críticos e à ampliação dos horizontes de leitura na linha das formulações de Jauss (1994) nas quais a literatura é concebida sempre em três níveis – o autor, a obra e o público.

---

<sup>9</sup> BAGNO, Leal. **Entrevista III**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Conforme assertiva de Rösing (2012), deve ser compromisso do governo, por intermédio dos programas mantidos pelos Ministérios da Educação e da Cultura, viabilizar materiais didáticos e realizar programas de formação de professores mediadores de leitura. No período de implantação do PNLL importantes iniciativas foram desenvolvidas pelo Governo Federal como programas de distribuição de livros e fomento à leitura nos quais escolas e bibliotecas foram contempladas. O então Ministro de Estado da Educação, Fernando Haddad (2007), avalia que as diretrizes do Plano Nacional do Livro e Leitura unem a responsabilidade inerente ao poder público com o convite para a mobilização da sociedade de modo que o acesso ao livro e a promoção da leitura sejam um patrimônio da nação brasileira.

No entanto, apesar dos avanços ocorridos nos primeiros anos de implantação das ações previstas no plano, o momento agora é de retrocesso, visto que muitas ações do PMLL planejadas para serem realizadas em rede e em parceria com o Governo Federal foram interrompidas. E, embora, no mês de maio, do ano em curso, tenha sido aprovado pela Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 7752/2017, de origem do Senado Federal, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil, falta a sanção presidencial e a política do atual governo não visa assegurar direitos, mas suprimi-los.

Depois de analisarmos os documentos, aplicarmos os questionários e realizarmos as entrevistas identificamos as temáticas mais recorrentes e delimitamos a construção de categorias de análise, à luz da Sociologia da Leitura, mas não sem enfrentar o confronto entre teoria e empiria do qual emergem novas concepções e novos focos de interesse, conforme ressaltam Ludke e André (1986).

### **2.1.4.3 PERFIL SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DOS PARTICIPANTES**

Sem questionar as condições culturais a que está submetida a criança [e o jovem], sem relacionar a promoção da leitura e tais situações, parece difícil criar condições que facilitem a descoberta de pontes entre leitura e cultura, ou seja, entre leitura e o universo de relações, valores, objetos, concepções que sobrevivem à nossa precariedade – o mundo.

Edmir Perrotti

Investigar sobre o perfil socioeconômico e cultural dos jovens participantes da pesquisa, conforme posto por Perrotti na epígrafe acima, contribui para que possamos

estabelecer as pontes entre leitura e cultura e compreendermos como ocorre o processo de formação de leitores literários perenes.

Outrossim, a importância de mensurarmos o perfil socioeconômico e cultural dos participantes pauta-se nos pressupostos defendidos por Candido (2004) ao pontuar que nas sociedades desiguais a falta de democratização do acesso à cultura estabelece abismos entre os níveis culturais e postular que “[...] a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.” (CANDIDO, 2004, p. 191).

Mediante a afirmação de Fairclough (2001), de que a delimitação dos participantes da pesquisa deve estar aberta para responder a questões que surjam no transcorrer da pesquisa e considerando aspectos como representatividade e relevância o corpus da nossa pesquisa é composto da seguinte amostra: 05 docentes, 02 auxiliares de biblioteca, 09 alunos egressos do ensino fundamental. Optamos por arrolar os estudantes egressos do ensino fundamental por considerarmos que, conforme afirmam Aguiar e Bordini (1993), a partir desse período o jovem elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos.

Os dados que contribuem para mapearmos o perfil socioeconômico e cultural dos participantes foram obtidos através da aplicação do Questionário de Identificação do Nível Socioeconômico e Cultural (apêndice A) e das Entrevistas (apêndices de B a Q) para que as informações constantes na pesquisa fossem fornecidas pelos próprios participantes e para que pudessemos ouvir a voz dos diversos atores sociais envolvidos diretamente no processo desencadeado pela BPA de mediação da obra literária juvenil assisiana.

O corpus que compõe a amostra é composto por 16 participantes. Entre os estudantes egressos a faixa etária oscila entre 16 e 29 anos. Os auxiliares de biblioteca têm 28 e 45 anos. A faixa etária dos docentes está entre 26 e 52 anos, dentre os professores entrevistados 03 são graduados em Letras, 01 é graduada em Letras e em Direito, 01 graduada em História; todos com especialização: 03 em Planejamento e Políticas Educacionais, 01 em Linguística e 02 em Literatura Brasileira.

Os questionários foram aplicados com os estudantes egressos que, quanto ao nível de escolaridade do pai declararam que: 03 não concluíram o ensino fundamental, 04 possuem o ensino fundamental completo, 01 têm o ensino médio e 01 concluiu a pós-graduação. Concernente à escolaridade da mãe disseram que: 03 não terminaram o ensino fundamental, 01 concluiu o ensino fundamental, 02 têm o ensino superior e 03 concluíram a pós-graduação.

Os estudantes egressos são integrantes de famílias que exercem as mais diversas profissões, dentre as quais foram citadas: professora (03), almoxarife (01), administrador de obras (02), microempresário (02), agricultor (03), auxiliar de serviços gerais (01).

Entre os estudantes egressos, todos são oriundos de famílias que têm a sua economia baseada na agricultura de subsistência, embora apenas 04 cite-na como única fonte de renda. A vocação agrícola do município, que reconhece e valoriza a figura do agricultor, é exaltada nos versos dos poetas vila-novenses, como é o caso do hino do município e do poema *Visionário*, de autoria do professor e poeta Welhitom Leal, ganhador do 1º lugar do II Concurso de Poesia, realizado pela Biblioteca Patativa do Assaré, que ao descrever o agricultor o apresenta como o profissional que melhor compreende o contexto político que o circunda e traz na última estrofe os versos abaixo transcritos:

Esse anjo não era torto, barroco ou esbelto  
Era alguém que estava muito certo  
Não era filósofo, charlatão ou educador  
Era somente um simples agricultor.

(LEAL, 2003, p. 41)

Todos os estudantes egressos são oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo, mas apenas 01 mora em casa alugada, os demais declararam morar em casa própria; 02 estudantes declararam que a família não possui automóvel; 07 participantes têm acesso à internet em casa, 02 não têm o acesso, entretanto 100% dos entrevistados declararam ter celular. Todos declararam ter televisão em casa, apenas 02 entrevistados disseram ter rádio em casa mas revelaram ter no celular um aplicativo através do qual acompanham a programação da rádio local (o que revela a força desse meio de comunicação entre a comunidade vila-novense que dispõe da rádio comunitária Vila Nova FM, que também pode ser sintonizada pelo celular e pelo computador), 70% possui aparelho de DVD e apenas 01 entrevistado não possui computador.

Todos os estudantes egressos informaram que colaboram com o serviço doméstico (nenhuma das famílias tem uma pessoa de fora para realizar as tarefas domésticas), 04 trabalham fora de casa em atividades de monitoria em programas educacionais e culturais, 01 é assistente social, 01 é nutricionista e 04 declararam não exercer nenhum trabalho remunerado.

No decorrer das entrevistas, quando perguntado aos estudantes egressos se têm livros em casa todos responderam que sim e que têm um espaço reservado aos livros, 01 estudante declarou ter biblioteca em casa e ressaltou que é um espaço de leitura, estudo e trabalho. A

estudante Dora Maravilha<sup>10</sup> (informação verbal) declarou: “Temos livros em todos os cantos da casa, os livros fazem parte da nossa história.” A estudante Clarice Vila Nova<sup>11</sup> (informação verbal) ao ser inquerida sobre a questão declarou “Tenho vários livros em casa, inclusive eu tenho até um sonho de criar uma biblioteca na minha própria casa.” Quanto à composição do acervo, os estudantes afirmaram ser variado e composto por histórias em quadrinhos, cordéis, poesia, romances, conhecimentos gerais e, destacaram, livros do Assis Brasil.

No tocante ao espaço reservado aos livros em casa, auxiliares de biblioteca e professores responderam de forma unânime que sempre houve um espaço específico. Uma das professoras entrevistadas, Olga Goff<sup>12</sup> (informação verbal) disse: “Na minha casa não tem outros espaços, mas para os livros tem, não tem as cadeiras pra ninguém sentar (risos), mas os livros têm tratamento especial!”, o professor Nonnon Terceiro<sup>13</sup> (informação verbal) disse ter uma minibiblioteca e, em tom de confissão, disse: “ É um sonho, é um sonho que eu tenho é de ter um dia uma biblioteca que possa suprir as necessidades dos meus filhos com a leitura e que possa incentivar eles pra leitura.”

Sobre o lugar onde preferem ler os participantes que compõem a amostra disseram gostar do espaço da biblioteca, mas frisaram que preferem ler em local silencioso. O professor Nonnon Terceiro<sup>14</sup> (informação verbal) disse gostar de ler “na árvore do quintal da minha casa e a sonoplastia dos pássaros ajuda a gente a se concentrar”. A estudante egressa Clarice Vila Nova<sup>15</sup> (informação verbal) declarou: “Aqui na Biblioteca Patativa do Assaré, em casa, na verdade eu leio em todos os lugares, eu sempre ando com um livro disponível na bolsa, então assim, qualquer lugar é lugar pra ler.” Entre os entrevistados, 15 fizeram menção a necessidade de precisar de silêncio para mergulhar na leitura e 14 citaram o quarto como ambiente mais adequado para o momento da leitura, o que nos remete à reflexão proposta por Yunes (2002, p. 71) ao afirmar que ler é “Um ato de certa forma mágico e revestido de uma certa sacralidade, ainda que profana: a privacidade do quarto, o momento único e solitário da

---

<sup>10</sup> MARAVILHA, Dora. **Entrevista XII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice M desta dissertação.

<sup>11</sup> NOVA, Clarice Vila. **Entrevista XV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (03 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação.

<sup>12</sup> GOFF, Olga. **Entrevista I**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

<sup>13</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

<sup>14</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

<sup>15</sup> NOVA, Clarice Vila. **Entrevista XV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (03 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação.

interiorização, processada, contudo, através de uma exteriorização, operada pela leitura de outras realidades, de viagens a outras culturas, a outros continentes/conteúdos”.

Indagados sobre quais são os escritores que mais gostam de ler entre estudantes egressos os autores mais citados foram, em primeiro lugar, citado por todos os entrevistados, Assis Brasil, seguido de nomes como Patativa do Assaré, Maurício de Sousa, Carlos Drummond de Andrade, Francisco de Assis Sousa, Machado de Assis, Vitor Hugo, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, Apolônio Leal, Welhitom Leal, Aluísio de Azevedo, João Moura, José de Alencar, Pablo Neruda, João Cabral de Melo Neto, Alice Júlia, Augusto Cury, Jane Austen e J. K. Rowling.

Entre auxiliares de biblioteca e professores os autores mais lidos são: Assis Brasil, Patativa do Assaré, Machado de Assis, Ariano Suassuna, Cecília Meireles, Jorge Amado, Conceição Evaristo, Mia Couto, Eneas Barros, O.G.Rego de Carvalho e Fontes Ibiapina.

Inquiridos sobre se costumam comprar livros, dentre os estudantes egressos 06 declararam comprar livros. Entre os professores houve unanimidade, todos declararam comprar livros em respostas entusiasmadas nas quais disseram: “Compro muitos livros, é intrínseco à minha vida, não passo por uma livraria sem entrar e comprar e agora com a internet...piorou”, “Gosto de comprar, mesmo que eu não possa ler, gosto da livraria, do aspecto, do café!”, “Compro mais do que posso”. Um dos auxiliares de biblioteca disse que não tem o hábito de comprar e o outro afirmou categoricamente: “Compro muito, é quase um vício, compro sem ter lido os últimos que comprei.”

Quanto ao livro digital os professores disseram ler através de aplicativos, no entanto, afirmaram preferir o livro físico e os argumentos foram: “gosto de andar com o livro”, “a gente amassa, marca, faz um pontinho”, “prefiro o impresso porque eu toco, sinto o cheiro, sinto em minhas mãos, tenho prazer em folhear”, “o livro no papel é mais envolvente”. A leitura do livro através do suporte digital é mais recorrente entre os estudantes, mas apresenta uma adesão tímida, os 09 entrevistados disseram ler o livro digital, mas foram unânimes em dizer que preferem o livro físico, a estudante egressa Clarice Vila Nova<sup>16</sup> (informação verbal) afirma: “Eu costumo ler mais em papel, [...] mas eu também leio digital só que eu gosto mais do contato direto com o livro, de sentir o livro, o cheiro de livro me agrada muito”.

Para verificar a relação entre leitura e escrita, perguntamos aos estudantes egressos se gostam de escrever e todos disseram que sim. Dentre os gêneros citados estão: trabalhos escolares, histórias, poemas, frases, aforismos, peças teatrais, textos religiosos, cordéis,

---

<sup>16</sup> NOVA, Clarice Vila. **Entrevista XV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (03 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação.

pensamentos, reflexões, textos dissertativos, crônicas, contos e artigos. E atribuíram à escrita o papel de “desenvolver a mente”, “ser um bom passatempo”, “fonte de prazer”, “porque aperfeiçoa”, “porque enriquece ainda mais minha vida e cultura.”

Ceccantini (2001) alerta que é preciso pensar a leitura no conjunto de outras práticas culturais dos jovens que são hoje complexas e ocorrem num amplo processo de socialização revitalizando a relação da juventude com a leitura. Para conhecermos esse aspecto concernente aos estudantes egressos vila-novenses foi perguntado se participam dos eventos do calendário cultural do município e quais as atividades culturais preferidas. Incluem-se nesse rol atividades de lazer e espaços de sociabilidade que estão também relacionados às práticas culturais e sociais da comunidade vila-novense e que são essenciais ao domínio da complexidade de linguagens contemporâneas tais como cinema, música, dança, teatro, fotografia, artes plásticas.

Embora a casa seja o lugar onde o jovem mais lê, é ele quem mais lê na BPA e quem mais frequenta o PCCP. Dentre os estudantes egressos entrevistados 100% afirmou gostar de assistir filmes e declarou frequentar o *Cine Mais Cultura Flor do Sertão* e o fazem por considerar o Cine um espaço propício para assistir a filmes, encontrar os amigos, conversar sobre o que assistiram e sobre poesia.

No depoimento dos entrevistados sobre o Cine desponta um aspecto importante que nos remete a Basin (1991), um dos primeiros a defender de forma incisiva o Cinema, enquanto signo híbrido, por sua capacidade de unir literatura, música, artes plásticas, história e memória, preconizando que não havia dano ou prejuízo algum para os textos literários se transpostos para o cinema, pois a literatura suscita imagens e o receptor, no ato da leitura, dialoga incessantemente com outras áreas do conhecimento e com outras artes. Esse entrecruzamento discursivo propicia a ampliação do horizonte que instiga o trabalho com a literatura e o cinema nos espaços culturais e em sala de aula.

Outro teórico que compartilha da ideia de Basin sobre a importância da literatura e do cinema, Compagnon (2003) enfatiza que a literatura não é o único meio de representar a experiência humana, visto que o cinema e outras mídias também são capazes de redimensionar a experiência humana e pondera que as narrações, sejam romanescas ou fílmicas, trazem em seu bojo a dimensão humana.

O Cine “Flor do Sertão” foi mencionado pelos estudantes egressos entrevistados como um dos pontos de difusão espalhados pelo país da *Mostra Cinema e Direitos Humanos*, realizada pelo Ministério dos Direitos Humanos, que assume o desafio de descentralizar e democratizar o debate por meio da linguagem cinematográfica e contribuir para a reflexão

sobre temas relacionados ao universo juvenil como o exercício da solidariedade, do respeito às diversidades e da tolerância.

Dentre as produções cinematográficas citadas como as preferidas estão: *A era do gelo*, *A princesa do castelo real*, *O homem que descobriu o infinito*, *Homem de Ferro*, *Homem Aranha*, *Batman*, *Sociedade dos poetas mortos*, *A menina que roubava livros*, *Avatar*, *Até que a sorte nos separe*, *O silêncio dos inocentes*, *Canudos*, *Um amor para recordar*, *O menino do pijama listrado*, *A cabana*, *A culpa é das estrelas*, *O curioso caso de Benjamin Button*, *O segredo da Iara*, *Lisbela e o prisioneiro*, *O auto da compadecida*, *Os miseráveis*, *Deus não está morto*, *As vantagens de ser invisível*, *Policarpo Quaresma*, *Romeu e Julieta* e *O filme da minha vida..*

Outro aspecto destacado pelos estudantes egressos está relacionado à oportunidade de conversar sobre as produções regionais após a projeção dos filmes, o que ocorreu com *Cipriano* e *Na estrada com Zé Limeira*, seguida de conversa com o diretor Douglas Machado; *Vidas Cruzadas*, seguida de bate-papo com o diretor Douglas Nunes e parte do elenco.

No tocante à participação nas atividades realizadas no *Ponto de Cultura Cidade Poesia*, todos os estudantes egressos entrevistados declararam que se envolvem nas atividades do Ponto de Cultura e o fazem: por considerar ser um lugar onde se adquire conhecimento, por ser um local agradável com eventos relevantes para a cultura, por contribuir para o crescimento como estudante, profissional e ser humano, por enriquecer a vida e a cultura, por ser prazeroso, por ser um local acolhedor, porque as atividades são extremamente interessantes e agregam inúmeros valores humanos. É importante ressaltar que os participantes destacaram o poder humanizador das atividades desenvolvidas no Ponto.

Das atividades realizadas pelo Ponto de Cultura que constavam no Questionário as que mais interessam aos jovens são: espetáculos de dança, oficina de dança, espetáculos teatrais, oficina de teatro, shows musicais, oficina de karatê, oficina de música / técnica vocal (09), exposições de fotografias, exposições de artes plásticas, oficina de capoeira. Outras atividades foram acrescentadas no questionário pelos participantes, dentre elas: palestras, demais eventos que discutem temas que envolvem cultura, realidade social e discussões construtivas para a população vila-novense, oficinas de música e violão, oficina de guitarra, oficina de flauta, oficina de leitura e socialização da mesma.

A participação nas atividades culturais realizadas pela BPA, pelo Ponto de Cultura Cidade Poesia, pelo Cine Mais Cultura Flor do Sertão e em grupos de jovens revela o protagonismo juvenil da maioria dos jovens vila-novenses entrevistados, sendo que dentre os entrevistados todos participam de pelo menos um grupo, e 06 participam de mais de um



grupo como o NUCA (Núcleo de Cidadania dos Adolescentes), o AJA (Associação de Jovens e Adolescentes em Ação, que envolve atividades de dança e teatro) e o JUSC (Jovens Unidos em Cristo).

No tocante à participação de professores e auxiliares de biblioteca nas atividades culturais realizadas na Cidade Poesia é notório que a imersão na dimensão cultural redimensionou a práxis desses profissionais.

Refletir sobre as condições culturais a que estão submetidos os participantes da pesquisa contribuiu para estabelecermos as pontes entre formação de leitores, mediação e recepção literária. E, para realizar nosso intento, configuramos, neste capítulo, o percurso metodológico eleito.

---

*A arte é a verdade do ser humano.  
Assis Brasil*

*A área da fantasia, embora fantasia,  
dá exemplos de vida e abre a imaginação  
para o amor e a solidariedade.  
Assis Brasil*

### 3 HORIZONTES DE EXPECTATIVAS DOS LEITORES DA OBRA DE ASSIS BRASIL

Literatura é uma forma de dar sentido à existência,  
 a vontade de ler, a vontade de conhecer,  
 a vontade de ir muito além  
 do que as situações materiais proporcionam...  
 Encontro as saídas, as respostas  
 para as questões do mundo  
 que me inquietam na literatura.

Nefelibata Ramos<sup>17</sup>(informação verbal)

Neste capítulo, intentamos fazer uma breve incursão sobre a práxis literária de Assis Brasil e refletir sobre os caminhos percorridos pela criação literária, considerando aspectos tanto de sua produção como de sua circulação e recepção. Apresentamos, analisamos e discutimos os dados obtidos através das entrevistas e dos questionários, alinhavamos os resultados das análises concernentes aos horizontes de expectativas dos leitores da obra juvenil de Assis Brasil e ao diálogo que se estabelece entre a tríade autor, texto e leitor a partir da mediação da biblioteca na busca de respostas para as questões que inquietam o ser humano.

#### 3.1 A práxis literária de Assis Brasil

Minha vida, toda ela, é de caráter literário.

Assis Brasil

Francisco de Assis Almeida Brasil, artista, intelectual e pensador brasileiro, nasceu a 18 de fevereiro de 1932, na cidade de Parnaíba (PI). Publicou seu primeiro livro *Verdes Mares Bravios*, em 1953, e, em 1954, aos vinte e dois anos, ganhou o Prêmio Nacional do Jornal de Letras do Rio de Janeiro, dando ao Piauí seu primeiro prêmio literário em âmbito nacional.

Inspirado pela leitura de William Faulkner, sua práxis literária cria personagens ambíguas, apresenta linguagem narrativa fragmentada, presença do tempo não-linear no qual se fundem tempos e espaços diversos e nos quais a aventura humana se realiza. Do estilo assisiano brotaram obras que foram condecoradas com o prêmio Walmap – o maior prêmio

---

<sup>17</sup> RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

literário do país à época – em 1965 - *Beira rio, beira vida*, obra que integra a Tetralogia Piauiense e revela o sentimento de topofilia do autor em relação a sua terra natal, e, em 1975 - *Os que bebem como os cães*.

Em 1999, a União Brasileira de Escritores, seção do Rio de Janeiro, lhe outorgou o Diploma de Personalidade Cultural pelos serviços prestados à cultura brasileira. Pelo conjunto e relevância de sua obra, Assis Brasil recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, em 2004, e o título de Doutor *Honoris Causa*, na Universidade Federal do Piauí – UFPI, em 2012.

O Estado do Piauí lhe rendeu algumas homenagens. Em Parnaíba, há uma Fundação Cultural e uma escola com seu nome, além de uma praça com o título de um de seus romances: *Beira Rio Beira Vida*; em 1995, quando do lançamento da antologia *A Poesia Piauiense do Século XX*, foi laureado com a *Medalha do Mérito do Conselheiro José Antônio Saraiva*, no grau oficial, pela Prefeitura Municipal de Teresina; em Alegrete do Piauí, há a Biblioteca Municipal Assis Brasil; o Salão do Livro do Piauí – SALIPI – em 2006 e o Salão do Livro de Parnaíba – SALIPA – em 2014 o escolheram como escritor homenageado; em Vila Nova do Piauí, no ano de 2007, realizou-se o II Congresso Regional de Cultura em sua homenagem; em Teresina, o SESC Ihotas denominou sua biblioteca com o nome de Assis Brasil; no SALIPI há a praça Assis Brasil; a primeira edição da Feira do Livro Infantil e Quadrinhos do Piauí (fliQpi) homenageou o escritor piauiense, em 2015.

A Universidade Estadual do Piauí realizou em 2016 dois eventos em homenagem ao escritor: no Campus Clóvis Moura o 1º SALICEU – Salão do Livro do Dirceu – em parceria com a Fundação Quixote; e, no Campus Torquato Neto, através do Mestrado Acadêmico em Letras, a I Jornada de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil.

Imortal da Academia Piauiense de Letras (APL), sendo o quarto ocupante da cadeira de nº 36, que tem como patrono Vicente de Paulo Fontenele Araújo, e da Academia Parnaibana de Letras, ocupando a cadeira de nº 29. Integra também o Pen Clube do Brasil, o Sindicato dos Escritores Profissionais do Rio de Janeiro e é sócio correspondente de várias Academias.

Assis Brasil é um escritor do seu tempo com uma vasta e rica produção literária, direcionada ao público infantil, juvenil e adulto, e com intensa participação na imprensa nacional. Pesquisando sobre a sua práxis literária nos deparamos com diversos projetos literários, entre os quais: crítica literária, novelas, crônicas, romances históricos, romances regionalistas, antologias, ensaios, contos, dicionário, biografia, obras infantis e juvenis, dentre outros.

Embora tenha ganhado do Programa da Rádio Ministério da Educação e Cultura seu primeiro prêmio literário em 1951, com o poema *O Fantasma*, e publicado seu primeiro livro *Verdes Mares Bravios*, em 1953, alguns estudiosos como Coelho (2006), consideram que Assis Brasil estreou como ficcionista em 1954, quando ganhou o Prêmio Nacional do Jornal de Letras (RJ), com o conto *Cândida*, que foi incluso na obra *Contos do Cotidiano Triste*, de 1955. Desde então se consolidou como uma das vozes mais expressivas da literatura brasileira.

No ano de 1956, no Rio de Janeiro, começa uma intensa e profícua atividade jornalístico-literária, como crítico literário do Jornal do Brasil, 1956-1961; Colunista Literário do Caderno B do *Jornal do Brasil* 1963-64; trabalho que lhe rende atuar em outros jornais, como no Diário de Notícias (Revista Singra e Suplemento Literário), Rio, em 1962 e 1972; no Correio da Manhã, 1962 e 1972, no O Globo, em 1969/1970; Crítico Literário do *Jornal de Letras*, 1964-1989; Trabalhou também em outros jornais como redator: no Diário Carioca, em 1959, e na Tribuna da Imprensa, em 1967/1969. A sua presença na imprensa de revista foi marcada por sua atuação como redator-chefe, 1964/1966, e colunista de literatura, 1965/1966, na revista O Cruzeiro. Escreveu artigos e ensaios nos seguintes órgãos culturais: *Senhor*, *Mundo Nuevo*, *Revista do Livro*, *Leitura*, *Enciclopédia Bloch*, *Usina*, suplemento de *O Estado de São Paulo*, *Diário Carioca*, *Tribuna de Imprensa*, *Jornal do Comércio*, *Minas Gerais*, *Correio do Povo*, *O Povo*, entre dezenas de outros.

Assis Brasil exerceu vários cargos ligados à área cultural, dentre os quais se destacam:

Membro jurado do Prêmio Golfinho de Ouro, do Estado do Rio de Janeiro; membro do Conselho de Administração da Embrafilme; membro do Conselho de Literatura do Museu da Imagem e do Som; Supervisor Editorial da Renoir Editora, de Teresina. (BRASIL, 2010, p. 196).

Em 1967, Assis Brasil publica a obra *Cinema e Literatura*, na qual fez um dos estudos pioneiros, no Brasil, estudando àquela época o diálogo intersemiótico entre cinema e literatura e apontando que, mesmo com linguagens distintas e conservando características próprias, o cinema é a arte que mais se aproxima da literatura porque as duas linguagens têm em comum o fato de serem essencialmente narrativas.

Alfredo Bosi, na obra intitulada *História Concisa da Literatura Brasileira* (BOSI, 2013, p. 528), relaciona alguns autores e obras que considera essenciais para a compreensão do processo de renovação e ampliação da história literária brasileira e destaca Assis Brasil ao

lado de outros nomes expressivos como Antonio Candido, Manuel Bandeira, José Aderaldo Castello, Cavalcanti Proença, Gilberto Mendonça Telles, Benedito Nunes, dentre outros.

A qualidade artística e estética da práxis literária de Assis Brasil para jovens demonstra o quão importante é a literatura juvenil no processo de formação de leitores e a sua contribuição para o delineamento de um constructo teórico pertinente para o estudo do gênero no Brasil, com obras que trazem design gráfico e ilustrações (nas quais as cores primárias prevalecem por, segundo a semiótica, atraírem os leitores de até 25 anos) que dialogam com o enredo que traz uma abordagem significativa de temas plurais que representam os conflitos recorrentes nesta fase do processo de desenvolvimento humano se configurando como emancipadora por excelência e oferecendo ao leitor novas dimensões.

Uma das marcas do romance juvenil é a possibilidade de o escritor reviver a própria juventude, nas palavras de Assis Brasil em entrevista concedida ao Sapiência (2007), “[...] costume dizer que volto de vez em quando a escrever para jovens, me faz mais jovem.” Nessa perspectiva, a assimetria entre o escritor adulto e o leitor jovem é diluída na obra juvenil assisiana na qual o narrador se aproxima do leitor, encurta a distância estética e provoca a reflexão sobre a função social da arte, conforme posto na sétima tese por Jauss (1994), e se revela imbuída de desvelo com a competência de leitura do leitor jovem e com as temáticas abordadas, a constituição do tempo, do espaço, da estrutura narrativa, com o tratamento dado à linguagem (que traz marcas da oralidade), o final em aberto, e a construção dos personagens que se envolvem numa busca pela constituição da identidade e encantam jovens leitores (e leitores de todas as idades) com traços característicos do estilo assisiano: humor, aventura, fantasia, relação com um ser criador e sintonia com a natureza.

Algumas de suas obras infantis e juvenis foram premiadas, como exemplo, citamos: *A volta do herói*, com o Prêmio Estadual de Literatura da Secretaria de Cultura da Guanabara, Rio de Janeiro, em 1971, e Menção Honrosa no concurso Prêmio Nacional Walmap; *Um preço pela vida* com o Prêmio Fernando Chinaglia/União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, 1979; *Os nadinhas* com o Prêmio Luiz Jardim/União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 1989, e *Coração de jacaré* com o Prêmio Adolfo Aizen/União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, 1996. (BRASIL, 2007, p. 331-332). Com destaque para a obra *Zé Carrapeta, o guia de cego* que foi agraciada com o Prêmio Alfredo Machado Quintella, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Rio de Janeiro, em 1983, além de ter sido selecionada pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, na Alemanha, para o importante catálogo *The White Ravens* 1986, publicado anualmente com novidades da produção mundial de literatura infantil e juvenil (*The White Ravens*, 1986, p. 13).

Desde a década de 80, do século XX, os livros infantis e juvenis de Assis Brasil são adotados em escolas de diversos estados brasileiros. *Yakima, o menino-onça* (1995), foi selecionado para o Programa Nacional de Salas de Leitura do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), recomendando pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e consta, ao lado de *Os desafios de Kaíto e O destino é cego*, no catálogo intitulado *O índio na literatura infanto-juvenil no Brasil*, publicado em 2003, pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). O catálogo sugere um rol de 112 autores com conhecimento dos meandros da escrita e que destacam a figura do índio, dos quais apenas seis escritores são de descendência indígena, como é exemplo Daniel Munduruku, predominando autores não-indígenas como Érico Veríssimo, Cláudio Villas Bôas, Orlando Villas Bôas, Pedro Bandeira, Alberto da Costa e Silva, Clarice Lispector, Frei Beto, Moacyr Scliar, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo, dentre outros.

A produção literária assisiana é propulsora de diversas pesquisas no meio acadêmico, dentre as quais podemos elencar: *Deus, o Sol, Shakespeare: exorcizar pela arte*, defendida por Ana Maria Pereira do Rego Monteiro (1985, UFSC), que demonstra o caráter inovador da narrativa na intencionalidade de romper com os cânones tradicionais da criação literária; *Beira rio beira vida de Assis Brasil: no discurso regionalista (des)articulado na fala da prostituta o (des)velamento da violência social da existência marginalizada*, defendida por Maria Solange Almeida de Deus Leopoldino (1985, UFSC), que se situa no campo da crítica-literária demarcada pela problemática da leitura de um romance contemporâneo regionalista; *Uma leitura semiológica de Beira Rio Beira Vida*, defendida por Sílvia Maria de Souza Ferreira (2001, UFRJ); *Fado e morte na Tetralogia piauiense: uma estética da miséria humana*, defendida por Maria Janaina Foggetti (2006, UEL), comprova como as visões de fado e morte denunciam a condição miserável do ser humano seja sob um ponto de vista material ou espiritual; *A dialética do poder na relação entre resistência e repressão na obra Os que bebem como os cães, de Assis Brasil*, defendida por Soraya de Melo Barbosa Sousa (2007, UFPI), objetiva interpretar as relações de poder existentes na ficção, como temas extraídos do contexto social em que ela foi produzida e como elementos específicos e necessários à tessitura da obra literária; *Tetralogia piauiense de Assis Brasil: interface entre o literário e o social*, defendida por Francigelda Ribeiro (2007, UFPI), analisa as relações sociais e os impasses gerados pela divisão de classes e por outras formas de estratificação no contexto das obras que compõem a Tetralogia; *A filha do meio-quilo: a presença simbólica do mito de Lilith e a construção mítica da personagem Cota*, defendida por Elizabeth Carvalho Medeiros (2008, UFPI); e, *Caminhos da crítica e da literatura sob a perspectiva de Assis*

*Brasil*, defendida por Francigelda Ribeiro (2014, UFMG), centra a investigação na crítica literária por ele produzida, sobretudo, o conjunto de textos que publicou no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil.

Sobre as obras que integram a Tetralogia Piauiense (*Beira rio beira vida, A filha do meio-quilo, O salto do cavalo cobridor e Pacamão*), o Ciclo do Terror (*Os que bebem como os cães, O aprendizado da morte, Deus, o Sol, Shakespeare e Os crocodilos*), a crítica literária e os romances históricos, encontramos também diversos artigos em anais de eventos científicos de diversas universidades do país e em outras publicações das Universidades Estadual e Federal do Piauí.

Apesar de relevante, a obra de Assis Brasil destinada às crianças e aos adolescentes não tem ocupado lugar de destaque no espaço acadêmico. No entanto, não podemos deixar de citar, e com muita vênica, a dissertação de mestrado: *A fantasia e o real na literatura infantojuvenil de Assis Brasil*, defendida em 2013, por Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha, na Universidade Estadual do Piauí. Contudo, a ausência de outras pesquisas denota uma carência quanto aos estudos acadêmicos desta parte da produção assisiana.

O presente estudo foi realizado com o intuito de contribuir para um maior conhecimento sobre a recepção literária da obra juvenil do escritor piauiense Assis Brasil que aparece citado por todos os 16 participantes da presente pesquisa, quando inquiridos sobre: Quais são os escritores que mais gosta de ler?

Da geração de escritores que destinam sua produção literária para crianças e adolescentes no período que Coelho (1985) intitula como “Surto de Criatividade dos anos 70/80”, a autora registra o nome de Assis Brasil “entre os muitos que, entre nós, tiveram sua criatividade e consciência crítica comprovadas por uma produção inovadora.” (COELHO, 1985, p. 214-215)

A escrita de Assis Brasil apresenta uma práxis literária que se configura, tanto no plano temático como no formal, como significativa no escopo da produção brasileira contemporânea, pelo valor estético e por estabelecer uma relação dialógica com o leitor e com o social, onde se configura. De 1953, com publicação de *Verdes Mares Bravios*, a 2018 com a reedição de *O prestígio do diabo*, que integra a Coleção Centenário (volume 83), publicada pela Academia Piauiense de Letras e lançada em parceria com Livraria Entrelivros, a obra assisiana foi publicada por diversas editoras brasileiras e de uma safra de 133 obras, 56 são infantis e juvenis.

Fica evidente se tratar de um fenômeno literário produtor de uma obra com autonomia estética para a qual converge uma consciência humanista e na qual novas temáticas



e novas abordagens aparecem embrenhadas à vasta produção destinada aos adolescentes com enfoques que trazem questões delicadas e perturbadoras como preconceito racial, morte, suicídio, injustiça social, migração, exploração do trabalho infantil, conflitos entre gerações, desestruturação familiar, violência, problemas ambientais, demarcação de terras indígenas, o amor, a amizade, o respeito às diferenças, importância da leitura, dentre outras questões direcionadas aos conflitos entranhados à essa fase da vida e que são intrinsecamente ligadas ao crescimento, às questões identitárias e aos espaços como a casa, a escola, a biblioteca e a rua.

Assis Brasil continua em plena atividade como escritor, crítico literário e militante da literatura: visita os Salões do Livro espalhados pelo Piauí, participa de bate-papos literários, concede entrevistas e faz palestras. E, os horizontes de expectativas dos leitores da sua obra juvenil assim como o diálogo estabelecido entre autor, obra e leitor constituem o foco central das análises construídas nos próximos tópicos desse trabalho.

### 3.2 A Literatura Juvenil de Assis Brasil na Biblioteca Patativa do Assaré

A biblioteca em si transforma vidas  
e tenho certeza que a Biblioteca Patativa do Assaré  
já transformou muitas vidas em Vila Nova,  
e se transformou no lazer das crianças e dos jovens

...

A literatura precisa estar presente em nossas vidas.  
Ler renova a alma.

Joana Montenegro<sup>18</sup> (informação verbal)

A Biblioteca Pública Municipal Patativa do Assaré foi inaugurada no dia 28 de setembro de 2001, com a missão de contribuir para a formação de leitores críticos e sujeitos de sua própria história e de ser instrumento de democratização do acesso ao livro, à leitura e à literatura. O nome da Biblioteca é uma homenagem a uma das vozes mais contundentes da poesia popular brasileira, Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré. Filho dos agricultores, Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, Patativa nasceu em 05 de março de 1909, em Serra de Santana, comunidade rural a 18 km de Assaré, no estado do Ceará, e faleceu aos 93 anos de idade, em 08 de julho de 2002.

Em entrevista concedida a essa pesquisadora, a professora Mecenaz Luz<sup>19</sup> (informação verbal) afirma que, no período de fundação da biblioteca, as políticas públicas de

<sup>18</sup> MONTENEGRO, Joana. **Entrevista XIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

leitura conduziram as ações culturais desde a escolha do nome da biblioteca: “Dentre os nomes discutidos, sobressaiu-se o do poeta Patativa do Assaré porque sua obra é voltada para questões sociais, regionais e a comunidade se identifica com a obra por retratar a vida de quem mora no campo, enfim, por falar da nossa vida.” (informação verbal)

Todos os participantes entrevistados, ou seja, 100%, declararam que o contexto sociocultural da cidade mudou a partir da criação da Biblioteca Municipal Patativa do Assaré, que ocorreu como desdobramento da fundação da Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Municipal Patativa do Assaré e da aprovação da Lei de nº 066 / 2001.

Desde a concepção, a BPA engendrou diversas parcerias e começou a organizar seu acervo com o apoio do grupo de *Amigos da Biblioteca* composto por pessoas e instituições que se preocupam em assegurar o direito à literatura. Desde a fundação o apoio se manifestou de diversas formas: palestras, bate-papos literários e doação de livros, dentre os que ajudaram no processo de concepção da biblioteca estão a Fundação Quixote, membros da APL como os acadêmicos Manoel Paulo Nunes e Professor Raimundo Santana, os professores Luiz Romero e os poetas Vilebaldo Rocha, Ana Maria Coutinho, Luiz Egito e João Elísio aos quais foram se somando ao longo dos anos dezenas de outros nomes. A UFPI, nos últimos três anos, passou a integrar a rede de amigos da BPA se tornando uma importante parceira para a renovação do acervo, principalmente no que tange à produção literária do estado.

Podemos revisitar a inauguração da BPA através do olhar do escritor e professor da rede municipal de ensino do município de Vila Nova, Francisco de Assis Sousa,

Meninos, eu vi!!! Ou melhor, participei ativamente do evento de inauguração da Biblioteca Pública Municipal Patativa do Assaré. Quente era a manhã de sexta-feira, 28 de setembro de 2001, quando um alvoroço de professores, estudantes, pais de alunos, autoridades e pessoas da comunidade se aglomeravam em frente a um pequeno prédio, localizado na avenida Santo Antonio, tipo armazém para guardar sacas de feijão, castanha de caju, milho e outros legumes oriundos da colheita. Com frente amarela, a inscrição acima do portão não apontava para um depósito de cereais. Lá estava escrito em tinta azul: Biblioteca Pública Municipal Patativa do Assaré. Nascia ali um sonho de mentes incansáveis que ambicionavam construir um município diferente, de leitores com mentes livres e saudáveis. [...] Era preciso estar preparados para apresentarmos ao público a poesia do homenageado, que nasceu, cresceu e virou mito na Serra de Santana, no sertão torrente do semiárido cearense, no pequeno município de Assaré e ganhou o mundo. Os livros: *Inspiração Nordestina*, *Ispinho* e *Fulô e Cante Lá Que Eu Canto Cá* serviram de referência para o nosso trabalho. *Nordestinos*, *Sim. Nordestinados*, *Não.*, *A Triste Partida*, *Vaca Estrela* e *Boi*

---

<sup>19</sup> LUZ, Mecnas. **Entrevista V.** [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

Fubá, Eu quero, A Terra é Nossa, O Poeta da Roça entre outros, foram poemas apresentados em forma de recitais, jograis, corais e peça teatral de cima da carroceria de um caminhão, tipo 608, debaixo de um sol a pino que nos rachava a pele e fazia arder os olhos. Naquele dia, o povo vilanovense assistia com atenção, o nascimento de uma filha que abraça e acolhe a todos sem distinção. Dissemina ‘sabença’, como diria Patativa, para homens, mulheres e crianças; alavanca sonhos e, sobretudo, a esperança de que nem tudo ainda está perdido [...] É, sem dúvida nenhuma, o nosso maior patrimônio [...] (SOUSA, 2011, p. 75-76)

Concernente à biblioteca, a pesquisa constatou que apenas dois participantes fizeram menção à estrutura física, embora, assim como os demais, tenham destacado as ações e os projetos de democratização do acesso ao livro, à leitura e à literatura. O município cresce ao redor da Biblioteca conforme afirmativa do professor Nonnon Terceiro<sup>20</sup> (informação verbal) “Vila Nova cresceu em torno dessa biblioteca”, ratificada nas palavras de Santos (2007):

O município conta com [...] uma pequena biblioteca, que é o xodó dos vilanovenses. No edifício mais vistoso da cidade, instalou-se a “Biblioteca Patativa do Assaré”, com 12 mil volumes e nada menos de 900 visitas mensais. Até onde sei, é a única cidade do Piauí onde a construção da biblioteca precedeu até a dos templos religiosos. (SANTOS, 2007, p.02).

Em 2002, dentre as atividades planejadas a biblioteca realizou o lançamento do livro *Liberdade*, do poeta Tarciso Coelho, ocasião na qual o autor recitou a poesia de sua autoria intitulada *Vila Nova – Cidade Poesia*,

A cidade de Vila Nova  
 Tem nome de poeta  
 E todo dia renova  
 A sua grande meta  
 De fazer seu povo ler  
 A poesia mais seleta.  
 ...  
 Na biblioteca local  
 Patativa do Assaré.

(COELHO, 2003, p. 25)

---

<sup>20</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

O mote estava dado e, a partir de então, o título foi aclamado por todos e Vila Nova se tornou, no coração dos vila-novenses, a Cidade Poesia.

Através do Programa *01 Biblioteca em cada município*, coordenado pelo Ministério da Cultura e pela Biblioteca Nacional, a Biblioteca Pública Municipal “Patativa do Assaré” recebeu, em 2001: 2000 livros, 06 conjuntos de mesas com 24 cadeiras para o leitor, 01 computador com impressora, 02 ventiladores, 03 estandes infantis, 05 estantes para livros, 01 mesa de trabalho, 01 cadeira giratória, 01 aparelho de som e 01 TV 20 polegadas, revitalizando o acervo municipal e dando um impulso para os projetos culturais desenvolvidos pela Biblioteca Municipal.

No entanto, uma lacuna permaneceu, no acervo doado pelo MINC constava apenas um autor piauiense: Mario Faustino e apenas um exemplar de *O homem e sua hora*, entre 2 mil exemplares. Em 2005, outro projeto garantiu a revitalização do acervo com mais mil livros, mas nenhum autor piauiense. A ausência das obras literárias juvenis de autores piauienses nos acervos disponibilizados pelo MEC e pelo MINC expõe uma fratura: sem a circulação das obras não há como estabelecer o elo entre autor, texto e leitor.

A SAB então traçou uma política de compra de livros de autores piauienses e passou a desenvolver projetos como *Balaio da Literatura Piauiense* com atividades na biblioteca, nas escolas e nas comunidades e os *Congressos de Cultura*, em preparação aos quais a BPA realiza oficinas nas quais exerce o papel de mediadora de leitura para jovens, professores e auxiliares de biblioteca.

A BPA recebe doações de livros advindas de pessoas físicas, escritores, empresários, professores, instituições como a UFPI e a SECULT/PI e de visitantes que participam dos eventos literários. Para a aquisição de obras literárias para os adolescentes a BPA tem critérios, que segundo o auxiliar Luz Couto<sup>21</sup> (informação verbal), perpassam diversos pontos,

vão desde a importância das obras para o enriquecimento do acervo da biblioteca, passando por pontos que reflitam de que forma a obra contribui para a emancipação dos leitores, a diversidade temática e a relevância no universo literário, inclusive considerando a produção literária de autores piauienses que não aparecem nos livros didáticos, não constam no acervo dos programas federais de distribuição de livros e que são importantes para compreendermos o nosso lugar de fala e a nossa piauiensidade.(informação verbal)

---

<sup>21</sup> LUZ, Couto. **Entrevista II**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

A BPA possui cerca de 12 mil volumes/obras nos diferentes suportes: livro, audiolivro, revista, jornal, cordel, quadrinhos (HQ's), dos quais 40% corresponde às obras voltadas para o público infantil e juvenil. Funciona de segunda a sexta-feira, das 08h às 22h, perfazendo um total de 70 horas semanais.

No intuito de fortalecer as ações que desenvolve e arregimentar outras vozes para respaldar o processo de formação de leitores perenes, a BPA encaminhou dois projetos ao MINC através dos quais passou a ser um dos Pontos de Cultura e um dos Cines Mais Cultura espalhados pelo país, que funcionam num prédio ao lado da biblioteca, de domingo a sábado, com atividades culturais diversificadas tais como projeções de filmes e oficinas permanentes de capoeira, karatê, dança, música e teatro.

Ao longo de sua existência, a Biblioteca Patativa do Assaré se destaca como equipamento cultural que estabelece um elo entre os leitores e entre os leitores, auxiliares de biblioteca e professores e desenvolve projetos em formatos de algum modo originais de apresentar os livros à comunidade envolvendo jovens, suas famílias e seu ciclo de amigos. Os mais citados pelos participantes da pesquisa foram: *Caravana da Leitura*<sup>22</sup>, *Biblioteca Móvel*, *Balaio da Literatura Piauiense* (projeto através do qual a Biblioteca visitou todas as comunidades do município com parte do seu acervo de livros de autores piauienses), *Ler é Preciso e Agente Jovem de Leitura*; os cinco Congressos Regionais de Cultura; quatro concursos de poesias; lançamentos de livros de autores piauienses; ciclos de palestras publicação dos livros: *Vila Nova - Cidade Poesia* (coletânea de textos de autores vilanovenses), *Coisa Humana*, de João Moura, *A Margem Esquerda do Rio* e *Sorria, enquanto é tempo*, de Francisco de Assis Sousa e *Diamante Negro*, de Alice Júlia; publicação de uma *Coletânea de Cordéis* com versos e xilogravuras produzidos em oficinas com crianças e adolescentes que puderam experimentar dessa arte secular; exposição de artes plásticas, *Expressão do Olhar*, com telas do vila-novense Apolônio Leal; exposição fotográfica, *O Sertão é um Mundo*, com imagens captadas pelo professor Francisco de Assis Sousa; semanas temáticas: da mulher, da consciência negra, do livro infantil e juvenil, do folclore, de escritores relevantes da literatura, do aniversário do Patativa do Assaré, do mês de aniversário da Biblioteca, dentre outros temas, e realiza rotineiramente recitais e rodas literárias no *Café com Poesia*, contação de histórias, peças teatrais, visitas às escolas etc.

---

<sup>22</sup> Através do Programa Literatura em Minha Casa, como não era possível ir a cada casa do município a SEME e a BPA foram até todas as comunidades com a Caravana da Leitura na qual, extraídas do acervo a ser entregue às famílias, poesias eram recitadas e narrativas eram encenadas por integrantes do Grupo GPC.

Desde 2006, a BPA realiza campanhas de combate ao racismo em parceria com o UNICEF e com os Grupos Culturais Palmares, Adimó e AJA, e, em 2017, integrou-se ao projeto de extensão “Vozes Negras e Indígenas: Onde estão elas nos currículos escolares?”, da UESPI, Campus de Picos, no qual são desenvolvidas atividades de formação com a comunidade escolar envolvendo docentes, funcionários, discentes e suas famílias.

Ao conversarmos sobre as atividades que são desenvolvidas para despertar nos jovens o prazer de ler e o valor da literatura, o auxiliar de biblioteca Coruja Brasil<sup>23</sup>, destacou a importância da parceria com as escolas que realizam sistematicamente visitas à biblioteca e participam das atividades previstas no calendário anual de eventos e atividades de formação e enfatizou o quão fundamental é o papel de mediação entre livro e leitor desenvolvido pelos auxiliares da BPA.

Segundo o depoimento dos auxiliares de biblioteca e os documentos que registram o fluxo dos empréstimos realizados pela BPA, os adolescentes que frequentam a biblioteca, sem que haja a mediação direta da escola, têm preferência por alguns gêneros literários, dentre os quais se destaca a procura por contos, crônicas, poesia, romances, cordel e livros da literatura que trazem temáticas voltadas ao universo juvenil. No entanto, o auxiliar Luz Couto<sup>24</sup> (informação verbal) destaca que “à medida que os adolescentes visitam a biblioteca vão descobrindo o acervo, aguçando a curiosidade e enveredando pelos mais diversos caminhos literários.”

Os documentos que registram o fluxo de empréstimos trazem uma informação corroborada pelo depoimento dos auxiliares, o autor mais lido na BPA é o escritor Assis Brasil, seguido por Patativa do Assaré, Machado de Assis, José de Alencar e Vitor Hugo, respectivamente em 2º, 3º, 4º e 5º lugar. Do acervo da BPA composto por mais de 12 mil volumes o livro mais lido é *O Cantor Prisioneiro*, em 2º lugar *Yakima, o menino onça*, ambos do escritor Assis Brasil.

Auxiliares de biblioteca e docentes atribuem ao fato de Assis Brasil ser o autor mais lido como eco do projeto desenvolvido pela BPA, a partir de 2007, que constava de várias etapas que foram realizadas no decorrer daquele ano e com desdobramentos nos anos posteriores, dentre as quais se destacaram, num primeiro momento a aquisição do acervo das obras infantis e juvenis do escritor, seguida de oficina de formação de mediadores envolvendo docentes, auxiliares de biblioteca, equipe da SEME e da direção das escolas do município,

---

<sup>23</sup> BRASIL, Coruja. **Entrevista I**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

<sup>24</sup> LUZ, Couto. **Entrevista II**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

com duração de um mês, período no qual foram planejadas as ações a serem desenvolvidas nas escolas e na biblioteca no decorrer do ano (com desdobramentos nos anos posteriores), montagem de peças de teatro baseadas em livros do Assis Brasil e a culminância do projeto que aconteceu no Congresso de Cultura “A Cidade Poesia apresenta Assis Brasil”, do qual o autor homenageado participou.

Durante a entrevista o professor Nonnon Terceiro<sup>25</sup>(informação verbal) enfatizou que as aulas de teatro são essenciais para o contato com o texto literário e geraram uma disputa dos livros do Assis Brasil na BPA, sobre a recepção dos adolescentes à obra assisiana destacou que:

Falar da recepção é falar do sucesso dessa peça, quando um espetáculo sai numa perfeição como aquela a gente pode entender que, pode saber, pode ter certeza que aqueles atores, aqueles adolescentes, eles se aprofundaram bastante nessa obra, eles foram atrás desse autor, foram atrás das obras desse autor, foram conhecer esse autor profundamente para poder montar seus personagens, para poder fazer bonito, entrar na história, recriar a história como eles fizeram naquele dia, tão perfeito que o próprio autor confessou ter se emocionado, o próprio Assis Brasil [...] eles amaram o AB, eles amaram as obras do AB. (informação verbal)

No âmbito das relações que envolvem literatura e teatro, o professor Nonnon Terceiro destaca que cada montagem do espetáculo teatral é uma interpretação, sua criação e recepção são coletivas e que ao selecionar o texto literário a ser dramatizado é necessário considerar a cultura local, os valores e os gostos da comunidade para a qual a peça se destina.

Em seus 17 anos, a Biblioteca se consolidou como instrumento de inclusão cultural, aprendizagem e lazer. Tornou-se, também, referência na região pela ousadia e pelo ineditismo dos projetos que executa, além de contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento cultural da população vila-novense conforme atestam os versos extraídos do Poema *O Brilho de Vila Nova*, de Marcilene Luz, declamados durante as atividades alusivas ao aniversário da BPA:

[...]

Dezessete anos é a sua idade.  
Construída por planos, ação!  
Eventos, talentos descobertos  
De companheirismo, união.  
União entre os vila-novenses  
Que valorizam a educação.

---

<sup>25</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

[...]  
 A biblioteca Patativa do Assaré  
 Orgulhosamente representamos,  
 Possui grande acervo de exemplares  
 Onde grandiosas obras encontramos  
 E, nessa data tão especial, com amor,  
 Parabéns, a nós desejamos.

Nos versos acima transcritos o eu-lírico parabeniza, pelo aniversário da biblioteca, a população vila-novense e reforça o sentimento coletivo que concebe a BPA enquanto espaço de mediação que se converte no elo do jovem com a cultura. Os jovens pesquisados realizam suas leituras na Biblioteca Pública Patativa do Assaré mediados pelos auxiliares de biblioteca, pelos professores, pelos amigos e pela família.

As ações da BPA também têm como alvo a formação de professores leitores, para que a rede de mediadores seja fortalecida e o alcance dos objetivos seja maximizado. A professora Mecenaz Luz<sup>26</sup> (informação verbal) avalia a contribuição das ações desenvolvidas pela BPA no processo de formação dos professores da rede municipal vila-novense.

A criação da biblioteca, com tanto tempo depois podia estar melhor, porém, temos muitos resultados positivos, congressos marcantes na história da cultura e da educação de Vila Nova, os concursos de poesias, a publicação de livros, a recepção de alunos e da comunidade. A biblioteca foi muito importante para os professores, que não tínhamos o costume da leitura literária e a formação de leitores foi fruto dos projetos por ela desenvolvidos. Essas ações deram uma cara diferenciada para Vila Nova. (informação verbal)

A “cara nova” ou diferenciada que a BPA moldou para Vila Nova aparece reiteradas vezes nas vozes dos entrevistados e com a qual comungam os auxiliares de biblioteca ao postularem que a biblioteca contribui para a emancipação daqueles que transpõem suas portas e ao conceberem como fundamental o papel que exercem enquanto mediadores. O auxiliar de biblioteca Luz Couto<sup>27</sup> (informação verbal) ao responder sobre o que a biblioteca representa afirma:

A biblioteca é imprescindível para todos, pra mim que trabalho nela e para comunidade em geral, porque ela é como se fosse uma grande janela que se abraça para todos nós: conhecimento, prazer da leitura. Se não existisse a

---

<sup>26</sup> LUZ, Mecenaz. **Entrevista V.** [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

<sup>27</sup> LUZ, Couto. **Entrevista II.** [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.



biblioteca em Vila Nova, Vila Nova não era Vila Nova. A biblioteca faz toda a diferença para todos nós. É um ambiente muito agradável e que deve ser cada vez mais valorizado. Faz a diferença na vida de quem a frequenta regularmente e até na vida de quem vem esporadicamente. (informação verbal)

A concepção de biblioteca expressa nos depoimentos dos participantes revela que os leitores vilanovenses são usuários da biblioteca e a concebem como espaço propício à ampliação dos horizontes de leitura,

É nesse sentido que entendo a “biblioteca” como uma instituição pós-moderna por excelência, pois é o encontro da diversidade. No espaço da biblioteca, passeiam lado a lado todos os tempos que o homem já viveu, já imaginou. E mais, o tempo da biblioteca não é linear porque todos estão ali no mesmo espaço ao mesmo tempo. Na biblioteca se reúnem também todas as línguas, todos os sotaques. Na biblioteca não há espaço para preconceito, pois se um texto nos oferece uma visão demarcada de determinado fato, é possível que o texto vizinho diga exatamente o contrário, propiciando ao leitor um contínuo exercício de recompor horizontes. (AMARILHA, 2012, p.76).

Quando perguntados sobre com que frequência visitam a BPA, dentre os professores e os estudantes egressos, 100% declararam frequentá-la regularmente. Quando inquiridos sobre o que os faria frequentá-la mais vezes responderam: eventos literários, concursos de leitura, livros novos e assinaturas de histórias em quadrinhos.

Desde 2002, anualmente, uma caravana composta por estudantes, professores, servidores e auxiliares da BPA visita o Memorial Patativa do Assaré, na cidade do Assaré (CE) e a Casa do Poeta, localizada na Serra de Santana, zona rural do município do Assaré. A visita a esses dois importantes espaços de memória contribui para que a comunidade vilanovense possa manter fortes os vínculos com a obra do poeta. A viagem faz parte do calendário anual de atividades da BPA e das escolas da rede municipal.

As atividades realizadas pela BPA que despertam nos participantes a vontade de ler são: 1º lugar, as programações do aniversário da biblioteca, citadas por 16 entrevistados; 2º lugar, o projeto Biblioteca Móvel, lembrado por 14 participantes; 3º lugar, os Congressos de Cultura, mencionados por 13 pessoas; 4º lugar, as comemorações alusivas ao Dia da Poesia, citadas por 12 entrevistados; 5º lugar, os lançamentos de livros, citados por 07 participantes; e 6º lugar, a chegada de livros novos, mencionados por 03 entrevistados.

A Biblioteca não tira férias. Nos períodos de recesso escolar, prepara uma programação especial e organiza a participação de caravanas de todas as comunidades do município para visitá-la e participar do projeto “Caravana da Leitura” e, em parceria com o

*Ponto de Cultura Cidade Poesia*, realiza oficinas, com o *Cine Mais Cultura Flor do Sertão*, organiza a projeção de filmes infantis e juvenis.

Dentre as atividades previstas no calendário anual da BPA e que conseguiram catalisar os interesses da comunidade estão as aulas de teatro e os Congressos de Difusão e Produção da Cultura Regional, sobre os quais Santos (2007) preconiza:

[...] com manifestações artísticas, recreativas e culturais. Entre os convidados, figurava ninguém menos que Assis Brasil, um dos mais festejados autores da moderna literatura brasileira. Ao contrário do que costuma acontecer em tais circunstâncias em que o autor se presta apenas a “abrilhantar” a festa, Assis foi conversar com seus leitores. [...] alguns alunos chegaram a ler até dez romances do autor de *Beira rio beira vida*. Trata-se de uma experiência nova em nosso Estado. A molecada foi um pouco além: leu e adaptou para o teatro fragmentos da obra do autor homenageado. Assis e sua companheira Anita não cabiam em si de contentamento. “É o tipo da homenagem que efetivamente conta”, atestaram. (SANTOS, 2007, p. 02)

No decorrer do Congresso, além das leituras, do bate-papo literário e das adaptações das obras juvenis assisianas para o teatro, o autor também foi homenageado em versos produzidos e recitados por crianças e adolescentes como os do poema intitulado *Assis Brasil* e que seguem abaixo transcritos:

[...]

És etéreo  
Iluminado  
Eternamente consagrado  
Assis Brasil.

[...]

(Alice Júlia – 13 anos)

Durante as entrevistas ficou evidente, na fala de estudantes egressos, professores e auxiliares de biblioteca, o vínculo que mantêm com a obra juvenil assisiana, uma das estudantes egressas entrevistadas, Cecília Luz<sup>28</sup> (informação verbal), confessa em sua fala, que pode ser interpretada no sentido literal ou enquanto metonímia: “Temos muito apego ao Assis Brasil.”, o que revela uma relação de afetividade e cumplicidade entre autor, obra e leitor.

---

<sup>28</sup> LUZ, Cecília. **Entrevista X**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

O contato com o texto literário através do teatro revela-se uma das atividades mais contundentes realizadas pela BPA no processo de mediação para a formação de leitores perenes e aparece citada com muita ênfase pelos participantes que compartilharam durante a entrevista as emoções afloradas através do contato com a literatura e com o teatro, conforme depoimento de Joana Montenegro<sup>29</sup> (informação verbal) transcrito abaixo

O teatro é algo que mudou a vida de muitas crianças e jovens vila-novenses, inclusive a minha vida. Antes do teatro e da literatura eu era aquela pessoa totalmente desorientada, não tinha um rumo, uma direção. Com o teatro e com a literatura eu pude me encontrar. E *O Cantor Prisioneiro* foi uma obra que nos levou para o palco e nos rendeu muitos prêmios em festivais de teatro. Quando você está no palco você esquece todos os seus problemas, naquele momento não era eu, o teatro está nas minhas veias, quando você sobe no palco não vê ninguém, é algo inusitado, encarar o público e se perguntar: como vou entrar no personagem? É algo emocionante o personagem entra em você e é impressionante a forma como a gente se entrega ao texto...à personagem, a literatura nos torna um ser humano melhor e é uma experiência que vou levar para toda a vida. Não tenho palavras para descrever o que o professor de teatro Nonato fez na minha vida e a BPA proporciona essa transformação. (informação verbal)

Os entrevistados revelam também a concepção que têm sobre o que a BPA representa para o contexto local e regional e o forte vínculo afetivo que existe entre eles e a biblioteca. A assertiva de Santos (2007), citada anteriormente, de que o município cresce ao redor da biblioteca pode ser parafraseada em relação aos leitores que “crescem dentro e a partir da biblioteca” e definem a relação que mantem com a biblioteca com tons diferentes, mas que revelam um mesmo sentimento: amor e orgulho da BPA.

O depoimento do professor Nonnon Terceiro<sup>30</sup> ressalta o papel da BPA para o processo de desenvolvimento sociocultural da Cidade Poesia

O que seria de uma biblioteca como a BPA lotada de livros, com um acervo muito grande, o que seria dela se só ficasse aguardando aquelas crianças chegarem nela? Eu achei um trabalho lindo, um trabalho excelente das pessoas que trabalham na educação, na cultura e eles faziam com que a biblioteca chegasse até o leitor, chegasse até a criança, até as escolas, eu fui fazer uma apresentação numa escola lá e vi uns livros expostos lá [...] e uma professora me informou que era a biblioteca itinerante [...] ou seja, se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé, eu achei muito lindo aquilo, mas não era uma questão de que essas crianças não iam à biblioteca, elas

<sup>29</sup> MONTENEGRO, Joana. **Entrevista XIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

<sup>30</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

iam, mas era a busca por mais, quanto mais leitores, mais crescimento intelectual, cultural nessa cidade [...] a biblioteca foi crescendo, essas as crianças foram crescendo como diz o poeta “ em auto e profundo” passaram de leitores e já se tornaram adolescentes escritores, foram lançar livros, de leitores da biblioteca passaram a escrever poesias lançando seus livros lá, hoje quando a gente vê um evento em Vila Nova, quando se fala de um evento cultural você vê nas cidades vizinhas aqueles comentários “eu vou, eu vou, eu vou.”(informação verbal).

Para além dos depoimentos dos auxiliares de biblioteca e dos professores sobre a biblioteca, recolhidos nas entrevistas, é muito significativa também a forma com que ela, a biblioteca, se apresenta na visão dos estudantes egressos. As falas transcritas abaixo revelam depoimentos cadenciados e permeados de emoção ao responderem sobre o que a BPA representa na vida de cada um

“acredito que existe um divisor de águas: Vila Nova sem a biblioteca e Vila Nova com a biblioteca. Então, assim, a biblioteca é um espaço rico, memorável que traz diversas oportunidades pra os jovens, adolescentes e crianças de ler, de entrar num mundo novo no qual podem viajar sem sair do lugar.”; (Lorenza Madeira<sup>31</sup> -informação verbal)

“é um espaço maravilhoso, fico muito feliz por ter essa biblioteca na minha cidade, eu sou muito, muito feliz em sair propagando que na minha cidade tem uma biblioteca maravilhosa, com muitos livros, de todos os gêneros, de todo tipo, o que você precisar tem na biblioteca. (Formiga Neves<sup>32</sup> – informação verbal)

“para mim é como uma mãe, sempre estive de portas abertas e sempre foi nela que eu gostava de passar meu tempo, depois da escola eu ia todos os dias ler e encontrar os amigos, me divertir, sempre foi meu passatempo preferido vir à biblioteca, se quisesse me encontrar depois da aula era só vir pra cá, é o melhor ponto de acolhimento, é o melhor lugar que a pessoa pode ter.”; (Castelo Branco<sup>33</sup> – informação verbal)

“a pergunta até me arrepiou, nossa ... a biblioteca... foge até as palavras...Vila Nova ganhou uma nova cara, quando você vê várias crianças e jovens lendo, pegando o gosto pela leitura é muito gratificante para a comunidade: mães, profissionais, é uma das poucas cidades do Piauí que tem

---

<sup>31</sup> MADEIRA, Lorenza. **Entrevista XI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (07'30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta dissertação.

<sup>32</sup> NEVES, Formiga. **Entrevista XIV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice O desta dissertação.

<sup>33</sup> BRANCO, Castelo. **Entrevista VIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

uma biblioteca tão ampla, um acervo tão bom, atividades tão interessantes, eu sou fã.”; (Joana Montenegro<sup>34</sup> – informação verbal)

“a biblioteca representa muito...aqui ...fogem as palavras...aqui é o ponto de fazer trabalhos, ler, descobrir e de encontrar os amigos”; (Fontes Campelo<sup>35</sup>- informação verbal)

“pra mim, a biblioteca representa conhecimento, é onde tiramos dúvidas, aprendemos, é aqui que você se encontra.” (Jean Potter<sup>36</sup> - informação verbal)

De acordo com o SNBP<sup>37</sup> (2018), há no estado do Piauí 81 bibliotecas públicas, no entanto, no território do Vale do Guaribas, do qual Vila Nova faz parte, apenas 08 municípios têm biblioteca pública em funcionamento e em nenhuma delas há a presença do profissional da área de biblioteconomia, o que se configura como desafio. No caso da BPA há um regime de cooperação técnica com o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Piauí, através da qual os auxiliares da biblioteca são orientados sobre o registro e catalogação do acervo.

No tocante às ações culturais que têm como alvo a formação de leitores que possam compartilhar suas vivências ressignificadas pela literatura, a BPA planeja e desenvolve as ações em parceria com a SEME, a SAB e a SECULT. No processo de elaboração do PMLL, do qual participaram diversos atores sociais, o papel da biblioteca como propagadora de informação e cultura foi realçado, assim como as atividades que realiza e envolvem as diferentes faixas etárias e expressões artístico-culturais e asseguram a sinergia do livro no contexto vila-novense.

O papel da biblioteca amplia-se quando colocado sob a perspectiva da cultura e a função social da BPA se desnuda através dos diversos olhares que se entrecruzam, e a perspectiva do professor Nefelibata Ramos<sup>38</sup> (informação verbal) em entrevista concedida a essa pesquisadora considera que:

---

<sup>34</sup> MONTENEGRO, Joana. **Entrevista XIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

<sup>35</sup> CAMPELO, Fontes. **Entrevista IX**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

<sup>36</sup> POTTER, Jean. **Entrevista XVI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (06 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice Q desta dissertação.

<sup>37</sup> O atual Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) foi instituído pelo Decreto Presidencial n. 520 de 13 de maio de 1992, com o objetivo de fortalecer as bibliotecas públicas no país e está vinculado à Fundação Biblioteca Nacional / Ministério da Cultura.

<sup>38</sup> RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

O papel que a biblioteca desempenha no processo de formação de leitores literários é um papel extraordinário. Além do acervo literário, procura chamar a comunidade para dentro da biblioteca com eventos, amostras, programação efetiva mensalmente realizada. Ao ir para a biblioteca temos acesso a um universo astronômico. (informação verbal)

Petit (1999) preconiza que as bibliotecas são essenciais à luta contra o processo de exclusão e renegação e decisivas para que os jovens possam buscar na leitura o entendimento de seu próprio lugar no mundo, de sua história, da capacidade de representar-se, de estabelecer uma identidade com o controle simbólico de si mesmo e que conseguimos encontrar nos depoimentos dos participantes da pesquisa, dentre os quais destacamos a concepção de uma das estudantes egressas, Cecília Luz<sup>39</sup> (informação verbal) que ao falar sobre o que a biblioteca representa enfatiza o quão importante são os espaços de leitura e o papel que desempenham os mediadores:

Eu cresci aqui dentro, onde quer que eu vá, levo o nome da BPA e ela comigo, aqui temos um acervo enorme pra gente se jogar sobre ele. Os livros da área de saúde sempre me interessavam, mas os cordéis me chamavam: “Vem pra cá, seu cantinho é aqui”. Onde eu chego quando alguém pergunta meu nome eu respondo meu nome e digo que sou da Cidade Poesia. Caracterizo Vila Nova pela biblioteca, se for pra resumir o município em uma palavra digo: Biblioteca. Todo mundo daqui que está realizando seus sonhos, estudando, trabalhando, passou pela biblioteca. Quando falo da influência e da importância da biblioteca não falo só dos livros, falo das pessoas que trabalham aqui, dos eventos, é uma rede de fatores que faz com que a gente se apegue e não solte mais. (informação verbal)

Na fala transcrita acima encontramos o papel decisivo que a mediação exerce enquanto elo entre autor, texto literário e leitor. Na entrevista concedida para essa pesquisa, os auxiliares de biblioteca fizeram questão de destacar que o gênero cordel é o que atinge as mais diversas faixas etárias: crianças, adolescentes, adultos e idosos que procuram nos cordéis temas relacionados a personagens tais como Patativa do Assaré, Lampião, Cego Aderaldo, Camões, Seu Lunga, Assis Brasil e Antonio Conselheiro. Essa informação reflete o espaço que o gênero ocupa na biblioteca sem que haja conflito na convivência com as obras canônicas e mostrando a força e a relevância da literatura popular e a sua recepção na comunidade,

Em princípio, não negamos o cânone, antes, achamos que ele necessita ser ampliado, incluindo em seu corpus, entre outras manifestações, parte

---

<sup>39</sup> LUZ, Cecília. **Entrevista X**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

significativa da literatura de origem popular. Mais especificamente, no caso da literatura brasileira, defendemos a presença da denominada literatura de cordel no rol das vertentes da literatura que mereciam ser levadas à escola, espaço canônico por natureza. (PINHEIRO, 2013, p. 36)

A BPA é coordenada por profissionais que concebem a leitura numa perspectiva alinhada ao pensamento de Jauss e de Barthes como algo “muito além de ser hobby, uma coisa prazerosa, embora comece com o gosto pela leitura, sacia a necessidade de (auto) conhecimento, é a melhor maneira de redimensionar a vivência cultural.”, endossa o auxiliar Luz Couto<sup>40</sup> (informação verbal).

Inquiridos sobre o último livro que haviam lido ou que estavam lendo, um respondeu *Voo do flamingo*, de Mia Couto, e o outro disse estar lendo *Mistério do Punhal Estrela*, de Assis Brasil.

A obra de Assis Brasil também encontra ampla receptividade entre os auxiliares de biblioteca que, ao serem perguntados sobre os livros que mais marcaram suas trajetórias de leituras citaram: *A fala da cor na dança do beija-flor*, *O Mistério da caverna da coruja vegetariana*; *O Cantor Prisioneiro e Beira rio, beira vida*, todos do escritor Assis Brasil.

A BPA munida de um acervo significativo e de ações de mediação se consolidou como centro catalisador da cultura local e os mediadores que nela trabalham aradam o terreno de forma a provocar reflexões, discussões e rupturas dos horizontes dos leitores vilanovenses.

Por compreender o seu papel de mediadora de leitura literária, a BPA se percebe enquanto parte de um circuito que inclui outros atores sociais, dentre os quais as famílias e os professores, que dispõem dos mecanismos necessários para fortalecer o elo entre autor, leitor e texto literário conforme veremos no próximo tópico.

---

<sup>40</sup> LUZ, Couto. **Entrevista II**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

### 3.3 A Literatura Juvenil de Assis Brasil na voz de seus leitores

Literatura é a emoção do conhecimento por vários caminhos.  
 É a forma de ver o mundo holisticamente  
 e aprender a pensar, falar, escrever, sentir.  
 É o que dá ‘sustança’ para que a gente possa  
 galgar o conhecimento e contribuir para a  
 formação de outras pessoas.  
 Literatura se traduz em conhecimento, prazer e sabedoria.

Olga Goff <sup>41</sup>(informação verbal)

Os horizontes de expectativas dos leitores jovens podem ser redimensionados quando os mediadores de leitura concebem a literatura na sua dimensão humanizadora, social e como algo que dá “sustança” para que possam trilhar os mais diversos caminhos e contribuir para a formação de leitores que pensem, falem, escrevam e sintam, como bem nos posiciona a professora Olga Goff na epígrafe acima.

Compreendendo-se composta por sujeitos históricos-sociais a comunidade vilanovense fortalece a sua existência e a sua atuação na sociedade criando e adentrando no mundo da literatura numa perspectiva que se coaduna com a asserção de Candido de que,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

No caso em estudo, ficou evidenciado que os auxiliares de biblioteca e os professores são leitores críticos, com trajetórias distintas, porém, com um ponto em comum: não tiveram incentivo à leitura e contato com a literatura durante a infância e a adolescência, mas em determinado momento de suas trajetórias a figura de um mediador mudou o curso de suas histórias.

Um dos professores disse ter despertado o interesse pela leitura com as aulas de Literatura durante o período que cursou o Ensino Médio; outro afirmou que despertou para a literatura na graduação em Letras; uma professora atribui os seus primeiros contatos com a literatura à sua militância no movimento social no qual encontrou duas amigas leitoras que lhe

---

<sup>41</sup> GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.



indicavam livros: uma (italiana!) que sugeria muitos livros da literatura brasileira e a outra que indicava autores piauienses, afirma ainda que teve contato com a literatura infantil e juvenil depois que se tornou mãe. A professora Olga Goff<sup>42</sup> (informação verbal), uma das entrevistadas, revela que se tornou leitora a partir da experiência docente em Vila Nova, nos planejamentos, nos momentos de formação continuada em serviço, mostrando que o caminho para formação do leitor é contínuo e envolve o formar-se, formando, numa relação dialética entre educador e educando na qual ambos aprendem juntos e se emancipam. A professora enfatiza:

Comecei a me tornar leitora com a mediação da assessoria pedagógica da SEME, nos meus primeiros anos de docência, e depois em ações articuladas com os projetos da Biblioteca Patativa do Assaré, que proporcionam o contato com as obras literárias. Nem sempre tínhamos recursos e acesso para comprar os livros (numa época em que não contávamos com a internet), a biblioteca assegurou um legado literário, o direito ao livro, à leitura e à literatura, e com as pesquisas sobre leitura realizadas nas minhas turmas, eu comecei lendo junto com os alunos. A relação literatura e cinema também foi decisiva, os filmes me levaram às obras, em princípio para saber se eram fiéis, depois para estabelecer um diálogo entre as duas linguagens, porque aprendi que o entrecruzamento discursivo amplia os horizontes dos estudantes e os meus. A minha maior influência foi a Biblioteca Patativa do Assaré. (informação verbal)

Os estudantes egressos também reconhecem que as ações dos mediadores os influenciaram a gostar de ler e referenciam como protagonistas nesse processo: a mãe, o/a professor/a, parentes (tia, primos), a biblioteca, amigas, o professor de teatro e a cidade leitora. Um dos depoimentos que fazem menção à cidade leitora como principal influência para a paixão nutrida pela literatura nos remete à relevância de buscar os interesses dos jovens e manter o foco nas ações coletivas, visto que a relação entre iguais é um dos focos da adolescência, diz a estudante egressa Clarice Vila Nova<sup>43</sup> (informação verbal):

Minha maior influência para ler é a minha cidade. Vila Nova é uma cidade de leitores, são muitos eventos, muitas atividades, muitos projetos e todos os jovens se envolvem muito porque sempre estamos participando de algo interessante: uma palestra, lançamento de livro, congresso, aniversário da BPA. Cada vez que chega um livro novo e o pessoal da biblioteca posta no face a gente corre pra ler e depois conversar sobre o que leu. A biblioteca é o lugar mais especial da cidade, eu amo estar aqui. A minha família, a escola e

---

<sup>42</sup> GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

<sup>43</sup> NOVA, Clarice Vila. **Entrevista XV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (03 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação.

meus professores também incentivam muito, afinal somos a Cidade Poesia.  
(informação verbal)

Nessa perspectiva Colomer (2007) endossa a importância de investir em ações que propiciem o compartilhamento das leituras realizadas pelos jovens com outras pessoas para que se sintam integrantes de uma comunidade que “fala a mesma língua”, que tem os mesmos referenciais, se identifica com os mesmos personagens, para que a recepção individual se entrelace à recepção coletiva.

Estudiosos da recepção ao texto literário juvenil ressaltam que o local de moradia pode facilitar a entrada na cultura letrada. A asserção geral é que quanto mais sólida for a parceria e o diálogo entre a biblioteca, professores, estudantes e suas famílias mais amplas serão as possibilidades de experimentar a literatura em sua dimensão socializadora. O sentimento de pertencimento a uma comunidade de leitores expresso na fala da estudante nos dá a dimensão das políticas públicas desenvolvidas na Cidade Poesia que trazem em seu bojo a concepção de que a leitura,

[...] enquanto ação, não se resolve apenas no ato individual, se não que reflete uma opção política do estado e de seus cidadãos. Porque, se leitura é um processo individual inaugurado a partir da alfabetização, o acesso a esta última depende da organização, da sociedade e do estado que ainda ajuda a mantê-la e a reproduzi-la (SILVA, 1988, p.9).

Alguns pontos comuns permeiam os depoimentos de estudantes egressos e professores e nos possibilitaram entender que o trabalho para formação do leitor literário é concebido como uma complexa e necessária tarefa que perpassa aspectos que vão desde o diálogo entre a Biblioteca Municipal e as famílias, aos critérios de seleção das obras literárias, a definição das atividades a serem desenvolvidas que possibilitam uma abordagem adequada da obra literária, postura que vai ao encontro dos estudos de Jauss (1994).

Sobre a função da literatura no trabalho com os adolescentes os professores destacaram diversos aspectos, nas palavras do professor Nefelibata Ramos<sup>44</sup> (informação verbal):

A literatura é imprescindível, o contato com o texto literário traz o universo necessário para o desenvolvimento humano e profissional, para todo ser humano é importante e principalmente para o adolescente que está começando seu caminho pelo mundo e precisa aperfeiçoar o senso da beleza.  
(informação verbal)

---

<sup>44</sup> RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

A acepção de literatura revelada no depoimento acima transcrito se harmoniza com a fala dos estudantes egressos, tal como manifesta Lorenza Madeira<sup>45</sup>

A literatura traz a liberdade de se expressar e traz ideias que não precisam necessariamente estar organizadas, é a expressão da cultura, da vontade de falar...a literatura traz a beleza, a leveza. (informação verbal)

No fragmento, a estudante destaca a liberdade criativa que a literatura proporciona aos jovens e que os conecta à beleza e à leveza, especificidades de um texto que humaniza e que apresenta mecanismos compositivos que, conforme Aguiar (2012), mobilizam os leitores para comportamentos criativos e criticidade para ler e interpretar o mundo e como posto pelo professor Nonnon Terceiro<sup>46</sup> (informação verbal): “literatura é quando você se sente desafiado.”

A pertinência da presença da literatura na vida de crianças e adolescentes guiou a decisão da BPA em orientar a SEME no processo de adoção, a partir de 2007, da obra infantil e juvenil de Assis Brasil nas escolas vila-novenses, consoante depoimento da professora Mecenas Luz<sup>47</sup> (informação verbal),

A escolha de Assis Brasil deveu-se ao fato de que a produção literária dele move o leitor a lidar com sua interioridade, tem caráter libertador e dialógico tanto nas abordagens dos temas que tratam de questões sociais contemporâneas que levam o leitor a um processo de identificação, quanto na inovação da técnica narrativa e devido à qualidade e a quantidade de obras voltadas para o público-alvo das escolas da rede municipal. E, sendo aquele o ano do Congresso em homenagem ao Assis Brasil queríamos que fosse o momento da culminância de um intenso diálogo entre autor, leitor e obra literária. Com a adoção das obras incentivamos professores, trabalhadores da educação, estudantes e suas famílias, e a comunidade de um modo geral, a conhecer a sensibilidade que a sua obra transmite e sua importância no cenário da literatura piauiense e brasileira. O processo, conduzido de forma interdisciplinar, provocou uma efervescência cultural. Procurou-se, para tanto, motivar todos os envolvidos no projeto a ler Assis Brasil e todos se apaixonaram. (informação verbal)

---

<sup>45</sup> MADEIRA, Lorenza. **Entrevista XI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (07'30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta dissertação.

<sup>46</sup> TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

<sup>47</sup> LUZ, Mecenas. **Entrevista V**. [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

Essa perspectiva vai ao encontro do que afirma Ceccantini (2001), de que as situações concretas de leitura aliadas ao valor estético da obra literária e ao acompanhamento das condições de recepção são decisivas para a formação do leitor. No universo da pesquisa encontramos um cenário que valoriza a prática social e aproxima literatura e vida, e, alinhado com os pressupostos da Estética da Recepção, os textos literários de Assis Brasil são considerados objeto estético em função do valor atribuído pelos leitores vila-novenses.

Perguntamos aos entrevistados sobre quais as leituras mais significativas em suas trajetórias de leitores, aquelas que haviam deixado marcas indeléveis na memória e mais uma vez o escritor Assis Brasil desponta liderando a lista. E dentre as respostas obtidas, selecionamos algumas que traduzem o sentimento revelado em grande parte dos depoimentos:

A obra que mais me marcou foi *Beira rio, beira vida*, um livro tenso, o mais duro e o mais sensível da literatura do Assis Brasil, trata de um tema que dá voz aos marginalizados, aqueles que a sociedade “civilizada” não olha com bons olhos e o autor é bem enfático em suas convicções sobre o fato de que os marginalizados não são incluídos dentro da cadeia produtiva, vítimas da discriminação, do preconceito, o que me toca no livro é o caráter humano, a sensibilidade e a decisão do autor de dar voz a pessoas tão esquecidas. (Nefelibata Ramos<sup>48</sup> – informação verbal)

*Os que bebem como os cães* é um retrato muito forte do que é viver na ditadura, muito importante de ser lido no momento atual pelo qual o país passa, no entanto, o que mais me tocou foi *Mensagem às Estrelas* por mostrar a labuta do nordestino. Mas *Beira rio, beira vida*, *O Gavião Vaqueiro*, *O Cantor Prisioneiro*, *Ponciá Vicêncio* também são muito marcantes. (Olga Goff<sup>49</sup> – informação verbal)

Meus autores preferidos são Assis Brasil e Machado de Assis, tudo o que já li de ambos foi extremamente marcante, eles conseguem me inserir na história, eu passeio pelos espaços, interajo com as personagens. Se for pra citar as obras opto por *Zé Carrapeta*, *o guia de cego* e *Dom Casmurro*. (Mecenas Luz<sup>50</sup> – informação verbal)

Leio tudo o que posso do Assis Brasil e do Patativa do Assaré, tenho muito apego a eles, me identifico muito com o que eles escrevem, gosto da linguagem simples que toca em questões complexas com muita sensibilidade. Gosto muito de como o Assis Brasil dialoga com o leitor, a gente fica íntima das personagens, o cenário se torna familiar e ele sempre

<sup>48</sup> RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

<sup>49</sup> GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

<sup>50</sup> LUZ, Mecenas. **Entrevista V**. [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

deixa o final aberto...eu amo e odeio isso! (Cecília Luz<sup>51</sup> – informação verbal)

Ao perguntarmos sobre como a literatura de Assis Brasil havia entrado em suas vidas encontramos referências ao papel decisivo dos mediadores. Dentre os professores, um teve contato com a obra durante o Ensino Médio e os outros quatro professores e os auxiliares de biblioteca mergulharam na obra assisiana através da mediação da BPA com as atividades desenvolvidas a partir de 2007.

Dentre os estudantes egressos o vínculo com a obra assisiana se revelou categórico, ao longo de uma década, a iniciativa da BPA de adquirir o acervo infantil e juvenil de AB e desenvolver ações para que a obra circulasse, tivesse a mediação adequada e fosse adotada nas escolas vila-novenses foi decisiva para a recepção e mostra resultados positivos quanto à formação de leitores perenes. Embora não estejam mais nas escolas municipais e mesmo sem imposição, permanecem leitores assíduos da obra de Assis Brasil, são frequentadores da BPA com uma média de leitura que oscila entre 20 e 32 livros lidos por ano. E, ao responderem sobre como a obra assisiana havia entrado em suas vidas citaram as ações desencadeadas pela BPA:

Assis Brasil entrou na minha vida durante a minha infância, quando ele veio aqui, me apaixonei pelos livros dele e por ele também, ele é um escritor e um ser humano incrível. (Dora Maravilha<sup>52</sup> - informação verbal)

Entrou na minha vida no Congresso: *A Cidade Poesia apresenta Assis Brasil*, li muito, li tudo o que tinha na BPA. (Fontes Campelo<sup>53</sup> - informação verbal)

Assis Brasil entrou na minha vida com *O Cantor Prisioneiro*, a partir desse livro nós ganhamos luz, o professor Nonato é meu grande espelho. O melhor ano da história de Vila Nova foi o ano do Congresso sobre o Assis Brasil, ele nos emocionou e demonstrou emoção ao assistir a nossa peça e ao conversar conosco sobre o que tínhamos lido, fico arrepiada quando lembro. E lembro de tudo...até do lugar que o Assis Brasil estava sentado e de como ele nos olhava, lembro de tudo o que ele disse. (Joana Montenegro<sup>54</sup> - informação verbal)

---

<sup>51</sup> LUZ, Cecília. **Entrevista X**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>52</sup> MARAVILHA, Dora. **Entrevista XII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice M desta dissertação.

<sup>53</sup> CAMPELO, Fontes. **Entrevista IX**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

<sup>54</sup> MONTENEGRO, Joana. **Entrevista XIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

Ahhhh...através do teatro... o *Cantor Prisioneiro*, literatura e teatro contribuíram para o encantamento. Uma coisa é ler e outra é vivenciar a história, ser personagem. Unir teatro e literatura torna a leitura inesquecível. (Jean Potter<sup>55</sup> - informação verbal)

Nas aulas de teatro lemos muito o Assis Brasil e o que marcou minha vida foi *O Cantor Prisioneiro*, ele transformou a minha vida, com AB me apaixonei pelo teatro e pela leitura, AB faz parte da minha vida, é um escritor sensacional. (Cecília Luz<sup>56</sup> - informação verbal)

Os depoimentos dos estudantes egressos apontam também para o significativo papel que o teatro exerce no processo de mediação entre os leitores/ espectadores e a obra literária assisiana que ao ser adaptada passa por um processo de recriação. Cada montagem, cada apresentação é única e propicia uma atualização da obra literária sem protelar a recepção e no caso da literatura juvenil assisiana contribuiu para aproximar obra literária e leitores e ampliou a recepção na comunidade vila-novense.

Diversas são as atividades desenvolvidas pela BPA com a obra juvenil de Assis Brasil que predominam na fala de professores e estudantes egressos, nas quais se percebe a urdidura teórica e dentre as quais figuram as leituras compartilhadas nas rodas de leitura, que acontecem nos encontros que a biblioteca realiza. Resende (2001) atesta que por meio dessa estratégia, a leitura torna-se interessante, “Conversar sobre o que se ouve, se lê, se vê, se toca é importante, e o encantamento com o livro pode crescer, [...] a partir do encontro de vozes que convergem para uma mesma obra, diferenciando-se opiniões, emoções, enfim a leitura”. (RESENDE, 2001, p. 20).

Manifesta o professor Nefelibata Ramos<sup>57</sup> (informação verbal) “o trabalho discursivo, oral e escrito, é imprescindível para a análise da obra, para a construção de texto e para que os estudantes possam expor sobre o sentimento em relação à história lida”. A compreensão de que a literatura emociona, humaniza e tem a função *gratia sui*, conforme propõe Eco (2003), permeia os depoimentos dos professores e aponta para a ampliação dos propósitos de um texto literário. A professora Olga Goff<sup>58</sup>(informação verbal) reafirma em diversos momentos da entrevista que ao abordar a obra literária nas aulas,

<sup>55</sup> POTTER, Jean. **Entrevista XVI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (06 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice Q desta dissertação.

<sup>56</sup> LUZ, Cecília. **Entrevista X**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

<sup>57</sup> RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

<sup>58</sup> GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

Considero primeiro o prazer da leitura, o que dela vai fluir, o que ela proporciona, o que ela traz pra vida da gente, não vinculo às análises literárias. Trabalho a obra do Assis Brasil porque ele fala de nossa realidade, traz o universo juvenil para as nossas discussões. A análise literária, por exemplo, só faço às vezes. Tenho uma aluna que em quatro meses leu 46 livros e que faz questão de compartilhar o prazer em ler, pra mim é o mais importante, pois a quantidade gera qualidade. (informação verbal)

Outras atividades reiteradamente citadas pelos entrevistados são: as oficinas de leitura, realizadas pela BPA e pelo PCCP; os roteiros de leitura a partir dos quais realizam as análises literárias; a adaptação dos textos para o teatro; o bate-papo com o autor e a participação de um congresso na qual as obras foram abordadas de diferentes formas; exposições; jograis; peças, reescrita da história; feira de livro; produção de vídeo sobre o livro lido para postar nas redes sociais; concursos de leitura.

O trabalho dos mediadores incide diretamente sobre o perfil leitor dos jovens vilanovenses e quanto aos gêneros e autores preferidos, e a quantidade de obras lidas. O contato com diversos gêneros textuais gera um diálogo mais intenso com as obras literárias ampliando o horizonte de expectativas, na perspectiva de Jauss (1994). No decorrer das entrevistas para a pesquisa extravasou uma familiaridade muito forte entre os estudantes egressos e a poesia, o cordel e uma diversidade de narrativas como a crônica, o conto, romances e obras juvenis de Assis Brasil.

No período da pesquisa presenciamos na BPA momentos de discussão, de reflexão teórica e momentos de vivências nos quais eram formadas rodas de conversa sobre obras literárias juvenis, dentre as quais figuravam obras de AB, com a mediação dos auxiliares da biblioteca e dos professores. A BPA realizou exposições nas duas escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino do seu acervo da obra juvenil assisiana, numa atividade integrante do Projeto Biblioteca Móvel. No SGL, a atividade ficou circunscrita aos estudantes do 9º ano. No ZMS, a atividade envolveu estudantes, professores, funcionários e a direção da escola que aproveitaram a ocasião para fazerem empréstimos de livros juvenis de AB, a repercussão foi positiva e a direção da escola solicitou que a BPA voltasse à escola em outra ocasião com a exposição para que a comunidade pudesse ter acesso.

Com o propósito de provocar o diálogo dos leitores com as obras literárias a BPA, à luz do que preconiza Ceccantini (1993), planeja a abordagem da obra literária partindo do princípio de que “é preciso considerar sempre os três níveis do processo de comunicação literária – produção, texto e recepção, seja no campo da ‘literatura adulta’ ou infanto-juvenil” (CECCANTINI, 1993, p.287). A inclusão da recepção na abordagem da literatura juvenil na

Biblioteca Municipal vila-novense contribui de forma efetiva no processo de formação de leitores uma vez que considera o valor estético e as condições de recepção respaldadas no experienciar da obra literária.

Ao indicar os critérios de seleção de obras literárias para os adolescentes, os professores consideram o perfil dos leitores e seus horizontes de expectativas, conforme posto por Jauss (1994), e elencaram: a faixa etária, o nível de maturidade intelectual, capacidade de discernimento e temática. A professora Olga Goff<sup>59</sup> (informação verbal) destacou,

Preciso conhecer a obra e verifico se está disponível na BPA, procuro livros que abordem temáticas relacionadas ao que eu estiver trabalhando nas aulas de História para que haja a oportunidade de ampliarmos o olhar com o apoio da obra literária, sem a obrigatoriedade de uma atividade de avaliação que tenha a nota como fim. Incluo o Assis Brasil no meu planejamento pelo valor estético da sua produção para jovens, porque o acervo está disponível na BPA, temos acesso à obra do Assis Brasil e ao próprio escritor, o que é magnífico! (informação verbal)

O lugar da literatura juvenil na BPA é demarcado, os auxiliares de biblioteca compreendem a relevância e a função social do trabalho que desempenham no processo de formação para o exercício da cidadania e comungam do pensamento que a literatura é um direito que humaniza, emancipa e proporciona a fruição estética.

Outro aspecto sobre o lugar da literatura juvenil na Cidade Poesia diz respeito à abordagem que traz à tona o diálogo entre diversos segmentos sociais, das diversas áreas, aproximando literatura e vida. A literatura revela-se múltipla, sobre esse assunto pronuncia-se Amarilha:

É na literatura que nossa memória está melhor preservada porque, lá, os fatos da realidade associada à imaginação têm sangue, suor, emoção é através dela que podemos observar em retrospectiva a trajetória da vida como múltipla e plena de virtualidades inesperadas. As muitas situações pelas quais passam as personagens, as decisões que toma e aquelas que não toma nos dão essa dimensão memorialista da realidade que viveu e que se poderia ter vivido. A memória situa-nos do ponto de vista tanto da história social quanto individual, somos marcados por acontecimentos que tiveram impacto e eloquência para que eles nos lembrassem. O historiador registra o que mais socialmente julga de maior força, o escritor registra aquilo que a si mais impressiona (AMARILHA, 2012, p.77).

A escolha da obra assiana para conhecermos como ocorre o processo de formação de leitores literários na biblioteca vila-novense e quais os horizontes de expectativas estão

---

<sup>59</sup> GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.



presentes na obra literária e nos jovens leitores deu-se por inúmeros fatores. Em princípio, porque da produção literária assisiana emana uma sensibilidade capaz de estabelecer o diálogo com os jovens leitores, critério decisivo para que a BPA sugerisse à SEME que adotasse a obra juvenil assisiana nas escolas da rede municipal e, a partir de então, desenvolvessem uma série de atividades voltadas à sua circulação e ao acesso ao livro determinantes para a recepção de uma obra, que precisa circular em uma comunidade de leitores.

Outra questão concerne ao fato de que Assis Brasil é o autor mais lido na Biblioteca Municipal da Cidade Poesia, o que nos foi possível ratificar a partir dos depoimentos dos auxiliares de biblioteca baseados nos documentos que registram os empréstimos do acervo e a partir das entrevistas nas quais constatamos que a obra literária juvenil assisiana atinge diversas gerações com as quais mantem um forte vínculo afetivo. Outro fator diz respeito à ausência de trabalhos acadêmicos voltados ao estudo da recepção da literatura juvenil assisiana, que, por seu valor literário, nos impele a tentar contribuir nessa direção.

A produção literária juvenil de Assis Brasil teve início em 1953 e o último lançamento do autor no gênero em questão ocorreu no ano de 2013, perfazendo um total de 60 anos, período no qual publicou 56 obras infantis e juvenis. Algumas obras ultrapassam 30 edições o que revela que os livros são lidos, relidos, publicados, reeditados e encontram ampla recepção entre os leitores brasileiros.

A obra assisiana atende aos critérios propostos por Martha (2011), segundo a qual, as narrativas juvenis tem se apresentado com linguagem questionadora, inovação na caracterização das personagens, atuação do narrador e tipos de desfechos frutos de técnicas narrativas mais complexas, das quais são exemplos *Zé Carrapeta, o guia de cego* (1984), *Os habitantes do espelho* (1994), *Nemo, o peixinho filósofo* (2009), dentre outras obras nas quais o autor se mostra afinado com os temas do século XXI.

A diversidade temática e a abordagem de temas que apresentam a realidade com seus problemas sociais, políticos e econômicos, a injustiça social provocada pela centralização de poder e pela falta de demarcação das terras indígenas, a necessidade de haver direitos iguais entre as pessoas e uma relação harmônica entre o ser humano e a natureza contribuem para que o adolescente amplie seu olhar sobre a realidade que o cerca. Outra vertente presente na obra juvenil assisiana está relacionada à fantasia, à fabulação, ao fantástico, ao maravilhoso elementos essenciais à vida do ser humano. Da práxis literária juvenil assisiana emerge um toque de beleza que aflora emoções, desperta a curiosidade e amplia os horizontes de leitura

desde *Verdes Mares Bravios* (1953) até *O Gato Maluquinho que amava uma Borboleta* (2013), em uma vida dedicada à literatura.

Discutirmos a questão da recepção, ainda que numa visão bem específica, por meio da análise dos depoimentos dos entrevistados sobre as atividades realizadas com a obra juvenil assisiana no âmbito da BPA, atende ao proposto por Ceccantini (2000), sobre a inclusão da recepção no estudo da literatura juvenil enquanto mecanismo que auxilia a conjugar literariedade e condições de recepção a partir de situações concretas de leitura.

A questão do experimentar da obra literária por parte dos leitores com forte influência do momento histórico constitui a primeira das sete teses elaboradas por Jauss (1994) e nos ajuda a compreender que AB é o autor mais lido na BPA e o autor preferido de grande parte dos entrevistados em função das políticas públicas de leitura que garantem o acesso aos livros e das ações dos mediadores que propiciaram o contato com a obra.

Os critérios utilizados pela BPA ao selecionar as obras a serem experienciadas pelos estudantes se coaduna com a teoria, proposta por Jauss na segunda tese, que sugere observar o horizonte de expectativas dos leitores, visto que conforme assertiva de Bamberger, “só se atinge o objetivo do ensino da leitura – o desenvolvimento do gosto literário e da capacidade crítica – quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte” (BAMBERGER, 1995, p.58)

No rol das obras assisianas mais lidas na BPA algumas, concomitantemente, atendem e rompem com os horizontes de expectativas dos leitores, como se mostra o caso de *Zé Carrapeta, o guia de cego*, publicado em 1984, que a despeito de apresentar uma estrutura narrativa complexa atende aos horizontes de expectativas dos leitores, contudo provoca a ruptura dos horizontes ao passo em que apresenta um final trágico, com a morte do seu Tinoco, o que desencadeia um processo de desautomatização dos leitores.

A obra apresenta uma temática delicada que deve estar presente na literatura, visto que “Na atualidade, em que a violência e a morte são, muitas vezes, tratadas de forma banal pelas mídias, os livros literários tornam-se uma alternativa para a humanização da vida e também da morte do homem” (TURCHI; SOUZA, 2010, p.99). O autor discute a questão da seca, da miséria e das condições sub-humanas às quais muitas famílias são submetidas e que atinge o ápice quando a mãe resolve entregar um filho ainda criança na esperança de que trilhando outro caminho ele consiga o suficiente para se alimentar.

Dentre as obras assisianas mais lidas pelos jovens que frequentam a BPA, desponta também *Os habitantes do espelho* (1994). Nelinho, protagonista da história assisiana, vive um rito de passagem, transforma-se durante a história e essa transformação é uma aprendizagem,

uma superação de traumas, um amadurecimento intelectual e emocional no momento em que ele, assim como a figura paterna, passa a ser um habitante do espelho e amplia o seu olhar sobre o seu entorno. Através dessa personagem AB transporta o leitor paradoxalmente a duas dimensões: realidade e fantasia.

Nas referências que os jovens fazem sobre as obras assisianas foi possível encontrar o que Jauss propõe na terceira tese, o momento histórico é decisivo para a recepção de obras como *Tonico e Carniça*. A história da recepção revela que o horizonte de expectativas da obra literária foi contemplado através da história de amizade entre os dois protagonistas. Apesar disso, a rejeição ocorreu em função do garoto negro não ter direito a um nome, apenas a um apelido depreciativo: Carniça. O momento histórico no qual a obra foi publicada difere do momento atual e contraria as expectativas do público hoje imerso em estudos sobre a história e a cultura afro-brasileira, mostrando que a distância estética adentrou as expectativas do leitor e de seu tempo numa perspectiva dialética.

A obra apresenta uma abordagem do preconceito e do racismo numa perspectiva sintonizada com o conceito social vigente na época em que foi escrita e que agora encontra outro cenário e passa a ter uma nova recepção repercutindo no comportamento social do leitor, de acordo com Jauss, em que “a relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio a reflexão moral.” (JAUSS, 1994, p. 53)

O efeito produzido por *Tonico e Carniça* deixa-se objetivar pelo espectro da rejeição e do choque de encontro aos valores circulantes na comunidade vila-novense e fortalecidos pelas ações de formação que foram desenvolvidas ao longo do tempo e, desde 2003, com o amparo legal da Lei 10.639.

Na análise de *Tonico e Carniça* a diferença hermenêutica perpassa a recepção da obra em função das lutas travadas nas últimas décadas pelo respeito à diversidade étnico-racial que, à época de lançamento da obra, não tinha a força e a conotação que encontra hoje no cenário nacional. O livro integrou o catálogo da série Vaga-Lume, da editora Ática, sendo adotado em diversas escolas do país o que se harmoniza com as premissas estabelecidas pela Estética da Recepção de que o valor de uma obra oscila com o tempo e a recepção nunca é linear.

Conforme os postulados da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura, nas atividades com as obras literárias a integração dos elementos intrínsecos e extrínsecos à obra mostram-se fundamentais para a apreensão da obra, por unirem sentido e forma. *Tonico e Carniça* foi inserida num contexto no qual, conforme posto por Jauss na quinta tese, a

experiência literária, social, intelectual e ideológica provocou a rejeição ao que foi considerado como limitador dos horizontes de expectativas dos leitores, embora haja uma adesão ao conjunto da obra juvenil assisiana que se revela emancipadora e sobre a qual os leitores reconhecem o valor estético.

Os leitores jovens mudaram e a recepção à obra mudou também, o conhecimento prévio dos leitores permite, conforme postula Jauss, discordar da perspectiva da narrativa, em alguns casos os distanciando da perspectiva do autor. A distância estética que ampliou a compreensão dos leitores percorreu um longo caminho e no momento de atualização da obra, após 36 anos da publicação, não encontrou eco na comunidade de leitores vila-novenses. Segundo Jauss, o diálogo entre o passado e o presente de uma obra estabelece uma fusão de horizontes que possibilita a recuperação do momento em que a obra surgiu para constituir história da recepção.

A função social da literatura ganha relevo na experiência da Cidade Poesia e foi largamente recolhida pelos instrumentos utilizados para a “colheita dos frutos” expressos na metodologia da pesquisa, dentre os quais se destacam as entrevistas realizadas que nos permitiram captar aspectos não delineáveis quantitativamente e que revelam como a experiência do acesso à literatura assisiana adentrou o horizonte de expectativas da vida prática dos leitores, fazendo-os retroagir sobre o seu comportamento social e no qual literatura e vida aparecem intimamente imbrincadas.

A obra juvenil assisiana ora atende os horizontes de expectativas dos leitores, ora os amplia ao possibilitar a análise crítica fundamentada na experiência de vida e na formação do senso estético num ângulo humanizador, ora redimensiona e provoca rupturas que dizem respeito à luta pelos direitos humanos e ao protagonismo juvenil alavancado pela imersão no mundo da leitura, da literatura e da participação social e cultural.

Nas obras assisianas mais citadas pelos entrevistados, prevalece a preocupação de formar o leitor para ser capaz de resolver seus conflitos íntimos, vivenciar os ritos de passagem como parte do amadurecimento emocional e refletir sobre a realidade social, nas palavras de Candido (2011) características essenciais para que o leitor possa reconhecer-se como um ser multifacetado que encontra na literatura uma aliada para organizar o caos interior e buscar uma harmonia entre seu eu e o mundo circundante. O livro *O Cantor Prisioneiro*, o mais lido na BPA e citado por todos os entrevistados, de acordo com a

estudante egressa Formiga Neves<sup>60</sup> (informação verbal) é a leitura mais marcante “porque ele nos ensina a ser mais humanos”. Os livros lidos estão na memória afetiva dos leitores vilanovenses e têm cheiro, cor, sabor...o que torna a experiência demasiadamente humana.

---

<sup>60</sup> NEVES, Formiga. **Entrevista XIV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice O desta dissertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

... O que importa não é que os alvos sejam ou não atingíveis  
concretamente na sua sonhada integridade.  
O essencial é que nos disponhamos a agir como  
se pudéssemos alcançá-los, porque isso pode impedir  
ou ao menos atenuar o afloramento  
do que há de pior em nós e em nossa sociedade.

Antonio Candido

Ao elaborarmos o presente estudo, a nossa expectativa é a de que ele venha contribuir para um maior conhecimento sobre a recepção literária da obra juvenil do escritor piauiense Assis Brasil e o processo de formação de leitores literários e suscitar novos estudos sobre a obra deste autor, destinada aos jovens, uma vez que esta dissertação apenas recorta uma pequena amostra da contribuição da produção literária assisiana ao processo de formação de leitores emancipados e perenes.

Sem a pretensão de termos atingido integralmente nossos objetivos, asseveramos que no universo da pesquisa há um forte movimento com o intuito de retomar a relação autêntica da literatura com a vida, enquanto efetiva prática social. Os resultados da pesquisa não podem ser considerados verdades absolutas, pois trata-se do recorte de uma parte da realidade, entretanto, nos permitem aferir que os referenciais da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura consistem em um importante arcabouço para compreendermos as ações voltadas para o processo de formação de leitores literários perenes e à recepção à obra juvenil do escritor Assis Brasil.

No que tange aos marcos legais, foi possível identificar algumas lacunas e inconsistências, no entanto, constatamos os impactos positivos gerados pelo PPPE, PME e PMLL a partir da fundamentação teórica dos documentos e da construção coletiva que deram o tom e definiram os caminhos a serem trilhados. Indubitavelmente as políticas públicas de promoção à leitura, ao livro e à literatura traçadas nos últimos dez anos aliada ao trabalho de mediadores que são leitores, qualificados e comprometidos e que estabelecem a ponte para o diálogo entre a biblioteca, as escolas, os jovens e suas famílias contribuem de forma incisiva para a formação de leitores literários perenes, para a recepção da obra assisiana e delinearam um novo perfil para a Cidade Poesia.

As informações obtidas através dos questionários e das entrevistas revelam que a biblioteca investe em ações que promovem o livro com foco na socialização da leitura e mantêm uma relação intrínseca com o seu entorno sendo planejadas, executadas, monitoradas e avaliadas de forma contextualizada, reafirmando o compromisso de assegurar o direito à

literatura juvenil. As atividades que fomentam as trocas de experiências e a socialização das leituras são as consideradas mais importantes pelos participantes.

Os mediadores são leitores e têm boa fundamentação teórica e metodológica o que se reflete na integração das atividades que envolve auxiliares de biblioteca, professores, jovens e suas famílias de forma sistematizada a partir de um planejamento previamente construído de forma coletiva e garante que a literatura juvenil seja considerada em sua dimensão estética, cultural e social.

A iniciativa da BPA para que a SEME priorizasse a leitura literária e adotasse a obra de Assis Brasil foi decisiva para a circulação e recepção da obra assisiana. A consistência das ações empreendidas nos últimos dez anos aliada à condução dos mediadores de leitura são fundamentais à produção de sentidos, à formação do gosto literário e de leitores literários perenes e à ampla recepção à obra de Assis Brasil que permanece sendo o autor mais lido da BPA (com duas obras em 1º e 2º lugar) e o autor mais citado por professores, auxiliares de biblioteca e estudantes egressos.

Declarações como a da estudante Fontes Campelo<sup>61</sup> (informação verbal) “Assis Brasil é uma referência importante para minha vida”, traduzem o sentimento de muitos participantes da pesquisa e ajudam a entender o porquê de ele ser o autor mais lido na BPA.

Parece salutar destacar a contribuição da literatura para o aflorar do sentimento de pertencimento dos participantes que no decorrer das entrevistas extravasaram o orgulho em ser vila-novense, a relação de afetividade com a BPA e com a obra do escritor Assis Brasil, a emoção ao reviver os momentos de mediação literária, numa clara constatação de que a literatura humaniza.

Na Cidade Poesia o livro é objeto de culto para muitos jovens, que leem sem que haja imposição da escola, e as práticas individuais e sociais de leitura reservam à literatura o valor de bem incompressível, os depoimentos estão permeados da revelação do sonho de ter uma biblioteca pessoal. O papel desempenhado pela BPA e a função social dos mediadores de leitura são elementos que contribuem para delinear o perfil da cidade.

A fruição da obra literária deve ser oportunizada a todo o ser humano como um direito. O texto literário, por seu conteúdo e o efeito que produz sobre o leitor, torna-se importante componente de conservação ou alteração da ordem social, o que se coaduna com

---

<sup>61</sup> CAMPELO, Fontes. **Entrevista IX**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

as palavras da professora Mecenaz Luz<sup>62</sup> (informação verbal), proferidas durante a entrevista: “Literatura humaniza, traz informação, forma um cidadão mais crítico, participativo e poderíamos ter uma sociedade melhor se todos tivéssemos o direito à literatura como direito fundamental.”

A análise dos dados da pesquisa, à luz da teoria da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura, possibilitou-nos constatar que em Vila Nova há um terreno propício para a formação do leitor literário e os livros são uma necessidade cultural da comunidade vila-novense que desencadeia através da BPA importantes ações de fomento à experiência estética vinculada à formação para o exercício da cidadania. Nas palavras do professor, escritor e poeta Cineas Santos:

Num país em que a improvisação é a regra, Vila Nova ministra lições de racionalidade e competência. Em Picos, onde ficamos hospedados, alguém afirmou, em tom jocoso: “Vila Nova cabe inteirinha num olhar”. Peço permissão para discordar; Vila Nova do Piauí, com sua gente luminosamente livre, tem a dimensão exata do coração de quem se dispuser a visitá-la, ou seja, cabe inteirinha num coração. (SANTOS, 2007, p.2)

Contrariando o que apontam as pesquisas brasileiras sobre leitura, a Cidade Poesia ousa ser uma cidade de leitores mesmo fincada no semiárido piauiense e com todas as adversidades largamente conhecidas. No universo de Vila Nova do Piauí encontramos uma comunidade que valoriza o papel que a biblioteca exerce enquanto mediadora de leitura que contribui para resistirmos aos processos de massificação e homogeneização do pensamento mesmo que a conjuntura nacional seja de cerceamento de liberdade e restrição de direitos, pois, a Cidade Poesia com sua gente “luminosamente livre” concebe o acesso aos diferentes níveis de cultura e à literatura como um direito inalienável, sem medo de ser feliz.

---

<sup>62</sup> LUZ, Mecenaz. **Entrevista V**. [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.



## REFERÊNCIAS

### I – SOBRE O ASSIS BRASIL

ANDRADE, Samária. **Assis Brasil, 80 anos**. In: Revista Revestrés. Teresina, Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda, n. 01, p. 6-13, fev. 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49 ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL, Assis. **Memória e aprendizado**: entrevista concedida à Francigelda Ribeiro. Teresina: EDUFPI, 2010.

CLEMENTINO, Raimundo. **Cordel Assis Brasil**. Alegrete: Biblioteca Assis Brasil, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 5 ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

FERREIRA, Sílvia Maria de Souza Ferreira. **Uma leitura semiológica de Beira Rio Beira Vida**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

FOGGETTI, Maria Janaína. **Fado e morte na Tetralogia piauiense: uma estética da miséria humana**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.

JÚLIA, Alice. **Diamante Negro**. Teresina: Nova Aliança, 2011.

LEOPOLDINO, Maria Solange Almeida de Deus. **Beira rio beira vida de Assis Brasil: no discurso regionalista (des)articulado na fala da prostituta o (des)velamento da violência social da existência marginalizada**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. **A contribuição do escritor piauiense Assis Brasil para a literatura brasileira destinada ao público jovem**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 3., 2012, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <http://www.ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/INDEX.htm>  
Acesso em: 18 março. 2016.

MEDEIROS, Elizabeth Carvalho. **A filha do meio-quilo: a presença simbólica do mito de Lilith e a construção mítica da personagem Cota**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2008.

REGO, Ana Maria Pereira do Rego Monteiro. **Deus, o Sol, Shakespeare: exorcizar pela arte**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.

RIBEIRO, Francigelda. **Caminhos da crítica e da literatura sob a perspectiva de Assis Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

RIBEIRO, Francigelda. **Tetralogia piauiense de Assis Brasil: interface entre o literário e o social**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro. **A Fantasia e o Real na Literatura Infantojuvenil de Assis Brasil:** por uma função emancipatória. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, 2013.

SAPIÊNCIA. **Assis Brasil:** um piauiense que transformou a literatura brasileira. Teresina, FAPEPI, n. 11, p. 6-7, mar. 2007.

SOUSA, Soraya de Melo Barbosa. **A dialética do poder na relação entre resistência e repressão na obra Os que bebem como os cães, de Assis Brasil.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, 2007.

THE WHITE RAVENS 1986: a selection of international children's and youth literature. München, Germany: Erasmus Grasser Verlag, 1986.

VELOSO, Marli Maria; CARVALHO, D.B.A. **A Recepção da Literatura Infantil e Juvenil de Assis Brasil.** In: 7º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e II Seminário Internacional de Literatura Infantil e Práticas de Mediação Literária, 2016. Anais eletrônicos, Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: <http://www.slij.com.br/7-SLIJ-2016-Anais.pdf> Acesso em 09 novembro. 2017.

## II – GERAL

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura.** 8. ed. Coimbra: Almedina, 1988.

AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L.; MARTHA, A. A. P.. (Org.). **Heróis contra a parede:** estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo; Assis: Cultura Acadêmica; ANEP, 2010.

AGUIAR, Vera Teixeira de, (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores.** Belo Horizonte: Formato, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O leitor competente à luz da teoria literária. **Revista Tempo Brasileiro.** Rio de Janeiro, 124:23/34, Jan. – mar., 1996.

AGUIAR, Vera Teixeira de. A voz do gênero na literatura juvenil: lugar do narrador. In: MENDES, Algemira de Macêdo; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de (Org.). **Literatura e Gênero: relações de poder e representações literárias.** Teresina: Edufpi, 2014.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira.** 10 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira:** ensaio de preliminares para sua história e suas fontes. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARROS, Eneas. **Piauí, terra querida!** Brasília: Gráfica Ipiranga, 2007.

- BRASIL, Assis. **Cinema e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BORGES, Jorge Luís. **Cinco Visões Pessoais**. 2. ed. Brasília: UNB, 1985.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANDAU, V. M. F. (ORG.). **Magistério: Construção Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil**. Teresina: EDUFPI; Curitiba: CRV, 2014.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Pentead. **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p. 127-141.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais**. Teresina: EDUFPI, 2011.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia e BEZERRA, José Arimatea Barros (orgs). **Biografias, Instituições, Idéias, Experiências e Políticas Educacionais**. Fortaleza: Editora UFC, 2003.
- CECCANTINI, João Luís Tápias. **Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978-1997)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira**. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1985.

COELHO, Tarciso. Vila Nova – Cidade Poesia. IN: VELOSO, Marli Maria; ROCHA, Núbia Josefa da (Org.). **Vila Nova – Cidade Poesia**. Vila Nova do Piauí: Pires, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta da. Acesso à leitura no Brasil: considerações a partir da pesquisa. In: **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró- Livro: 2007. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em 13/09/2017.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

ECO, Umberto. **Obra aberta: formas e indeterminações nas poéticas contemporâneas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1969.

FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 30 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler** (ou a “pedagogia da leitura” versus a “pedagogia da censura”). Coleção leitura: teoria & prática. Campinas, Ano 1, Nov, 1982. p. 16-17.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura**. São Paulo: Loyola, 1992.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e histórias das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7a ed. São Paulo: Editora DP&A, 2002.

ISER, W. **A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção**. Trad. Maria Ângela Aguiar. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS: série traduções, Porto Alegre, v. 3, n.2, mar. 1999.

ISER, W. A. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KANDEL, Eric. R. **Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente**. São Paulo. Companhia das letras. 2009.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas Exigências Profissionais e Profissão Docente**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; 67).

LIMA, Luiz Costa (coord). **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real**. Teresina: EDUFPI, 2001.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense – Horizontes de Leitura e Crítica Literária (1900 – 1930)**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

MAGNANI, M. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARQUES NETO, José Castilho (org.) **PNLL: textos e histórias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. No olho do furacão: situações-limite na narrativa juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org.). **Heróis contra a parede**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11 Petrópolis: Vozes, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, Mercado de Letras, 2002.

MOURA, João. **Coisa Humana**. Picos: Gadêlha, 2006.

MOURA, João. **Mundo Distante**. Teresina: Nova aliança, 2010.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Teresina: FUNDAPI; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é literatura infantil e juvenil? Com a palavra, o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

OLIVEIRA, Ieda de. (Org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o educador**. 1ed. São Paulo: DCL, 2011, v. 1, p. 151-167.

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986. 160 p. (Educação crítica).

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PINHEIRO, Hélder (Org.). **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA. Mapa das ações. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br>. Acesso em 03 março 2018.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia (Org.). **Questões de literatura para jovens**. Passo Fundo: UFP, 2005.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2012.

RÖSING, Tania M.K.; BECKER, Paulo.(Org.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo: UPF, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Cineas. Os encantos da Vila. **Jornal O Dia**, Teresina, 22 de dezembro de 2007. Coluna semanal de domingo.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Os (des) caminhos da escola: traumatismos educacionais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos**. Goiânia: UFG, 1994.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica.

SOARES, Magda; PAIVA, Aparecida. (Org.). **PNBE na escola: literatura fora da caixa**. Brasília: MEC, 2014., v. 1, p. 27-46.

SOUSA, Francisco de Assis. **A Margem Esquerda do Rio**. Picos: Gadêlha, 2007.

SOUSA, Francisco de Assis. **Sorria, enquanto é tempo**. Vila Nova do Piauí: O autor, 2011.

SOUZA, Roberto Acízelo. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 1991.

SCHUCKING, L.L. **Sociologia do Gosto Literário**. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1950.

TURCHI, Maria Zaira; SOUZA, Flávia de Castro. A face obscura da violência na literatura juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Aurea Penteadó (Orgs.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2010, p. 99-119.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003.

VELOSO, Marli Maria (org.) **Encantando a Cidade Poesia**. Picos: Print Serigrafia, 2009.

YUNES, Eliana. (Org.) **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

### III - Leis:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. vol.2.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. BRASÍLIA: SENADO FEDERAL, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. LEI 10.639, DE 09 DE JANEIRO DE 2003. ALTERA A LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, QUE ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, PARA INCLUIR NO CURRÍCULO OFICIAL DA REDE DE ENSINO A OBRIGATORIEDADE DA TEMÁTICA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, 2003.

BRASIL. LEI N. 9394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, BRASÍLIA, P. 027833, COL. 1, 23 DEZ. 1996.

VILA NOVA DO PIAUÍ. Plano Municipal de Educação, 2015.

VILA NOVA DO PIAUÍ. Plano Municipal do Livro e Leitura, 2015.

VILA NOVA DO PIAUÍ. Projeto Político Pedagógico: U. E. Sabino Gomes de Lima, 2013.

VILA NOVA DO PIAUÍ. Projeto Político Pedagógico: U. E. Zacarias Manoel da Silva, 2013.

#### **IV - Sites:**

FUNAI. **Catálogo: O índio na literatura infanto-juvenil no Brasil**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>> Acesso em: 17 abril. 2018.

IBGE. **ESTATÍSTICAS**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=2211605>>. Acesso em: 12/03/2018.

UNESCO. **Manifesto da Unesco para bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/manifestos/manifesto-da-unesco-sobre-bibliotecaspublicas/>> Acesso em: 16 jan. 2018.

#### **V – DAS ENTREVISTAS AOS AUXILIARES DE BIBLIOTECA**

BRASIL, Coruja. **Entrevista I**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (13 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta dissertação.

LUZ, Couto. **Entrevista II**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

#### **VI – DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES**

BAGNO, Leal. **Entrevista III**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.



GOFF, Olga. **Entrevista IV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

LUZ, Mecenaz. **Entrevista V**. [abril.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (26 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta dissertação.

RAMOS, Nefelibata. **Entrevista VI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (19 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta dissertação.

TERCEIRO, Nonnon. **Entrevista VII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta dissertação.

## **VII – DAS ENTREVISTAS AOS ESTUDANTES EGRESSOS**

BRANCO, Castelo. **Entrevista VIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta dissertação.

CAMPELO, Fontes. **Entrevista IX**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (05 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta dissertação.

LUZ, Cecília. **Entrevista X**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (12 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta dissertação.

MADEIRA, Lorenza. **Entrevista XI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (07'30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta dissertação.

MARAVILHA, Dora. **Entrevista XII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice M desta dissertação.

MONTENEGRO, Joana. **Entrevista XIII**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (14 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice N desta dissertação.

NEVES, Formiga. **Entrevista XIV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (04 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice O desta dissertação.

NOVA, Clarice Vila. **Entrevista XV**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (03 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice P desta dissertação.

POTTER, Jean. **Entrevista XVI**. [maio.2018]. Entrevistadora: Marli Maria Veloso. Vila Nova do Piauí, 2018. 1 arquivo .mp3 (06 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice Q desta dissertação.

**ANEXOS**

## ANEXO A: CATÁLOGO FUNAI



### O ÍNDIO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

CLEIDE DE ALBUQUERQUE MOREIRA  
HILDA CARLA BARBOSA FAJARDO

Brasília - DF  
2003

DEPOIS  
FUNAI

**LIJ 024**

BRASIL, Assis. *Os desafios de Kaito*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.

Descreve a história de Kaito, um indiozinho Kamayurá, muito esperto e corajoso, que é escolhido para conhecer a longa história de seu passado, e assim tornar-se a memória viva de seu povo, dando continuidade à tradição dos mais velhos.

**LIJ 025**

BRASIL, Assis. *O destino é cego: aventura de gavião vaqueiro*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1985.

Focaliza o ambiente rural nordestino. Raramente podemos ter contato com personagens tão tipicamente brasileiros como o Gavião Vaqueiro e a Minaia, que representam a cultura indígena.

**LIJ 026**

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Yakima, o menino-onça*. 5.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

Conta a história de dois aventureiros, Quizila e Gavião, que se embrenham na floresta amazônica à procura de Jonas, o filho mais velho de um rico fazendeiro, desaparecido durante uma caçada, há quase dois anos. A aventura os leva à aldeia do temido tuxáua Inapricio, raptor do menino, onde Jonas deverá ser resgatado.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO-CULTURAL DOS ESTUDANTES EGRESSOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1- IDADE: \_\_\_\_\_

2 - ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_

3 - Qual o grau de instrução que seu pai possui?

( ) Analfabeto. ( ) Ensino Fundamental Incompleto. ( ) Ensino Fundamental Completo. ( ) Ensino Médio Incompleto. ( ) Ensino Médio Completo. ( ) Ensino Superior Incompleto. ( ) Ensino Superior Completo. ( ) Pós-Graduação.

4 – Qual o grau de instrução que sua mãe possui?

( ) Analfabeto. ( ) Ensino Fundamental Incompleto. ( ) Ensino Fundamental Completo. ( ) Ensino Médio Incompleto. ( ) Ensino Médio Completo. ( ) Ensino Superior Incompleto. ( ) Ensino Superior Completo. ( ) Pós-Graduação.

5 - Sua casa é: Própria ( ) Alugada ( )

6 - Em sua casa há conexão com internet: Não ( ) Sim ( )

7 - Possui automóvel ? Não ( ) Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_

8 - Faça um “X” nos itens que há em sua casa:

( ) televisão ( ) rádio ( ) vídeo game ( ) dvd

( ) computador ( ) telefone ( ) celular

9 - Você trabalha fora? ( ) Não ( ) Sim. Onde?

10 - Você cuida dos afazeres domésticos? Não ( ) Sim ( )

11 - Quem trabalha fora em sua casa?

12 - O que elas fazem?

13 - Você participa de algum grupo de jovens? ( ) Não ( ) Sim. Qual?

14 - Gosta de assistir a filmes? Não ( ) Sim ( )

15 - De qual filme mais você gostou?

16 - Você frequenta o Cine Mais Cultura “Flor do Sertão”? ( ) Não ( ) Sim. Por quê?

---

---

17 - Gosta de escrever? ( ) Não ( ) Sim. O quê?

---

18 - Você participa das atividades realizadas no Ponto de Cultura “Cidade Poesia”?

( ) Não ( ) Sim. Por quê?

---

---

19 - Que atividades realizadas no Ponto de Cultura “Cidade Poesia” mais lhe interessam?

( ) shows musicais

( ) oficina de karatê

( ) espetáculos teatrais

( ) oficina de capoeira

( ) espetáculos de dança

( ) oficina de música / técnica vocal

( ) exposições de artes plásticas

( ) oficina de dança

( ) exposições de fotografias

( ) oficina de teatro

( ) outra atividade: \_\_\_\_\_

---



## APÊNDICE B CORUJA BRASIL

1 - E quem costuma doar livros pra Biblioteca?

Geralmente são pessoas civis mesmo, estudantes, alguns empresários também e na maioria das vezes são instituições mesmo de ensino como algumas faculdades, como no caso da universidade federal que já doou vários livros e pessoas assim como eu falei, pessoas civis que às vezes têm alguns livros já não querem mais e até por vontade própria mesmo e alguns professores já doaram também livros durante esses dois anos por exemplo até mesmo o atual prefeito também já doou livros e pessoas também que vem pra alguma festividade algum evento, alguma palestra e alguns por exemplo se forem poetas ou desse meio ai da cultura, eles deixam geralmente algum livro pra o arquivo, pra biblioteca até também

2 - Que atividades são desenvolvidas pra despertar nos estudantes o prazer e o valor da literatura?

Olha geralmente aqui é mais, eu acredito que através da própria escola mesmo, elas no início do ano elas ver todo o plano de ação das escolas e tal e assim elas fazem juntamente com a gente tipo um calendário durante o ano todo para visitas, visitas mesmo assim em momentos de eventos mais também visitas de outra forma também assim como por exemplo porque assim de repente pode ter vamos supor a biblioteca está de aniversário então alguma coisa relativa mesmo da parte da cultura eles também são convidados e tudo mais pelo lado assim da educação por exemplo, da secretaria de educação também eles trabalham essa questão aí dar turmas visitarem aqui a biblioteca com objetivo de incentivar mais as crianças a leitura a ler melhor onde a gente também tem até professores aqui que é poetas como por exemplo, pode citar o De Assis, Francisco de Assis que ele incentiva muito principalmente as obras de autores piauienses, vila-novenses, também inclusive agora mesmo ele tomou emprestado alguns livros pra trabalhar com o 7º e 8º ano aqui do escritor Assis Brasil ele levou vários livros e assim sempre incentiva eu num sei se são todos os professores mais eu vejo que alguns têm essa preocupação e a escola também no todo ela tem também esse calendário essa agenda para o ano todo as turmas todas as turmas passarem por aqui inclusive agora na semana do livro foram expostas obras de Monteiro Lobato dentre outras obras e os alunos vieram todos com exceção do ensino médio, todas as escolas do município inclusive até o EJA elas passaram por aqui e os alunos leram com certeza os professores as professoras

programar algum tipo de atividade relacionada a questão de literatura mesmo questão do dia da semana do livro, dia do índio, sobre Monteiro Lobato também.

3 - Quais são os gêneros literários mais procurados na biblioteca?

As crianças e os pré adolescentes até adolescentes mesmos eles se interessam mais pela parte da literatura infantojuvenil mesmo já os alunos digamos de 8º ou 9º ano até o ensino médio eles se interessam muito pela parte mais literatura brasileira, aquela parte mais clássica

4 - Mais quais são os gêneros?

Romance é comum, poesia, cordel, quadrinhos. Bom é assim eles, o pessoal mais jovem ainda mesmo sendo do ensino fundamental ou do ensino médio eles procuram muito assim essa parte de romance e poesia, são os que mais eles procuram eu num sei se é porque tem também alguns no sentido do professor, ele pede alguns livros mais eu sei que eles procuram muito essa parte de romance, poesia acho que talvez poesia até mais que romance.

5 - Qual é o autor mais lido na biblioteca? É até difícil assim porque tem uma parte dos alunos, os alunos como eu falei, chegando ao ensino médio, do 9º ano ao ensino médio eles procuram mais a literatura brasileira onde são mais procurados livros de José de Alencar, Machado de Assis esses dois são bem, mais ultimamente mesmo se for pra escolher um eu acho que eu escolheria José de Alencar no caso pra o ensino mais você quer só num todo mesmo, mais assim essas turmas de alunos de ensino fundamental vamos dizer assim eles estão procurando ultimamente mais os livros de Assis Brasil.

6 - Você sabe dizer qual é o livro mais lido na biblioteca?

Na realidade como são vários livros pra escolher um assim no momento em se falando por exemplo de Assis Brasil eu acho que hoje já tá assim todo mundo até, todo mundo já leu tanto que você já se sente enfadonho que eu acredito O cantor prisioneiro é até então esse ano não deu pra mim perceber ainda mais assim até então acho que é um dos livros mais que o pessoal lia.

7 - Qual foi o último livro que você leu ou que está lendo?

Bom tô lendo agora o mistério do punhal estrela inclusive eu já até terminei mais eu só digo que leio quando eu leio pelo menos umas três vezes pra centralizar mesmo, pra absorver mesmo a história né.

8 - E que é o autor do Mistério do punhal estrela?

Pois é, é de Assis Brasil. Inclusive se for pra eu falar mais um pouquinho de Assis Brasil eu posso até acrescentar alguma coisa. As obras de Assis Brasil uma coisa que deu pra mim perceber eu num sei se são todos os autores mais assim as obras dele eu acho muito interessante porque é um linguajar vamos dizer assim, é uma linguagem acessível eu acredito que para todos os públicos impressionante porque tem alguns livros principalmente se for livros mais clássicos outros tipos de livros que principalmente se for livro muito grande, às vezes pode fugir um pouco do raciocínio da pessoa quando tiver lendo não acompanhar bem direito que às vezes têm um nome estrangeiros mais os livros mesmo em si do Assis Brasil o que eu achei interessante é que é acessível é uma linguagem boa e assim a gente vai se encantando aos poucos você vai lendo e você vai tendo mais aquela curiosidade de ir lendo mais então por isso que eu tô dizendo que desde a primeira vez que eu comecei ler algum livro dele que eu comecei perceber, que mesmo não tendo muito tempo pra leitura que deveria ter eu percebi que são todos os livros de fácil entendimento, fácil compreensão não é enjoativo então eu acho que com essa ajuda dos professores acredito que tá dando mais aquela aguçada no aluno e hoje mesmo a gente já ver o aluno chegar e já vai direto, eu quero um livro de Assis Brasil.

9 - O que representa pra você a biblioteca?

Olha pra mim é como se fosse uma espécie de uma segunda casa eu me sinto bem as pessoas aqui que a gente convive aqui são pessoas maravilhosas é como se fosse uma família e é um ambiente agradável porque digamos que alguém possa dizer que talvez seja, preciso fazer alguma coisa da uma melhoria na reforma mais exceto isso daí é uma coisa que às vezes é melhor que na casa da gente, na casa da gente às vezes têm um vizinho brigando de um lado tem um menino zoando fazendo alguma coisa e aqui não, aqui as pessoas vêm já com um objetivo de ler ou de tomar emprestado um livro ou de devolver um livro e aí a gente termina também tendo aquele carisma aquela preocupação aquela responsabilidade se a gente ver alguma coisa errada a gente quer retificar se a gente ver uma coisa fora do lugar também a gente tenta organizar da melhor forma possível e assim por isso que eu digo que é uma espécie de uma segunda casa pra mim eu me sinto muito bem.

10 - E na sua casa você tem espaço pra os livros?

A minha casa da qual estou morando agora ela é muito apertada não tem muito espaço mais a gente sempre procura um cantinho pra tentar inclusive eu tô tentando organizar melhor porque livro, papel desorganizados fica ruim não tem como a gente então estou vendo esta questão até porque eu tenho dois filhos que estudam e também tem os materiais dele e numa casinha pequena fica tudo muito limitado os espaços.

11 - E você costuma comprar livros?

Olha eu já comprei mais, pode ser até uma falta minha mais eu não tenho muito talvez o hábito de comprar mais também já recebi vários livros também de doação de presente mesmo também, livros de literatura nem tanto também, mais livros no geral, livros eu daqui pra outra residência ali minha eu tenho uma infinidade.

12 - O que eles procuram nessas visitas?

Pois é, então eu queria ressaltar que por exemplo em questão de leitura as pessoas procuram muito também a literatura de cordel muito mesmo desde as crianças até os mais idosos inclusive os idosos sempre que eles querem um livro eles já perguntam logo se tem cordel né e cordéis eles procuram mais cordéis por exemplo próprio relativo a Patativa do Assaré, Lampião, Assis Brasil e outros mais e também só pra lembrar as revistas que eles são chegados Veja, Revestrés e também outros tipos de revistas as pessoas procuram muito procuram bastante leem querem até levar para casa.

## APÊNDICE C LUZ COUTO

1. Quais os critérios para aquisição de obras literárias para as/os adolescentes?  
Vão desde a importância das obras para o enriquecimento da biblioteca desde a questão em que pontos essa obra contribui para o conhecimento dos usuários, qual a relevância dela para nossa literatura, da literatura piauiense quando vamos adquirir o cuidado com autores piauienses para que as pessoas tenham contato com essa literatura que não aparece nos livros didáticos e que precisa ser difundida principalmente entre nós piauienses.
2. Vocês têm acervo de livros voltados para adolescentes? Que percentual é voltado para jovens?  
Entre 30 e 40% do acervo é de literatura juvenil
3. Que atividades são desenvolvidas para despertar nas/os estudantes o prazer e o valor da literatura?  
Eventos datas comemorativas – dia do livro, aniversário de autores, exposição de obras, recitais de poesia, eventos que envolvam a literatura, divulgação das obras, visitas das escolas à biblioteca para leitura e análise, ida até a escola levando livros para alunos e promovendo debates com eles.
4. O que as/os adolescentes leem sem que haja obrigatoriedade imposta pela escola?  
Principalmente aquilo que chama mais a atenção deles, mas à medida que visitam a biblioteca vão descobrindo o acervo, despertando a curiosidade de analisar outras obras.
5. Quais os gêneros literários mais procurados?  
Contos, romances, literatura de cordel, infantojuvenis.
6. Quais são, na sua opinião, as razões disso?  
Desde a questão de serem gêneros com linguagem mais acessível, mais pequenas, curtas, temáticas como as tratadas por Assis Brasil com suas temáticas relacionada ao universo juvenil.
7. Por quais autoras/es as/os estudantes se interessam mais? Quais são, na sua opinião, as razões disso?
8. Qual o autor mais lido na biblioteca Patativa do Assaré?

Assis Brasil.

9. Qual o livro mais lido na biblioteca Patativa do Assaré?

O cantor prisioneiro, Yakima são os dois mais lidos

10. Você considera que as/os estudantes desenvolveram uma leitura autônoma (compreendida sem ajuda de terceiros), crítica (capaz de perceber equívocos, estabelecer as intenções do autor e as relações com outros textos, por exemplo) e espontânea (feita por interesse próprio, e não para a escola)? Que indícios sustentam sua resposta?

A maioria percebe-se que é satisfatória, ler, entenderam, analisaram, leram a obra completa.

11. E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

Voo do flamingo (Mia couto)

12. Por que o(a) sr(a) está lendo este livro?

Depois que fiz a especialização em literatura africana, surgiu o interesse, comecei por Terra Sonâmbula.

13. O que significa leitura para você?

Vai além de ser um hobby, de ser uma coisa prazerosa, embora comece pelo gosto pela leitura, a necessidade de conhecimento, a melhor maneira de adquirir conhecimento, bagagem cultural e desenvoltura textual. É fundamental.

14. O que representa para o(a) sr(a) a biblioteca?

Imprescindível para todos nós, pra mim que trabalho nela e para comunidade em geral, porque ela é como se fosse uma grande janela q se abraça para todos nós.: conhecimento, prazer da leitura, se não existisse a biblioteca em Vila Nova, Vila Nova não era Vila Nova. A biblioteca faz toda a diferença para todos nós. É um ambiente muito agradável e que deve ser cada vez mais valorizado. Faz a diferença na vida de quem frequenta regularmente e até na vida de quem vem uma vez ou outra.

15. Qual é o livro (de Assis Brasil) que mais marcou o(a) sr(a) ou que o(a) sr(a) mais gostou de ler?

Cantor prisioneiro, Yakima, Gavião Vaqueiro, Beira rio, beira vida, (leitura mais elaborada)

16. Qual a média de visitas a biblioteca recebe por mês?

300 visitantes

17. Espaço em casa p livros?

Tenho.

18. Costuma comprar livros?

Sim. É quase um vício, tenho que me controlar, compro sem ter lido os últimos que comprei.

## APÊNDICE D LEAL BAGNO

1. De maneira geral, você gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler?

Gosto muito de ler porque entendo que através da leitura você se liberta e consegue enxergar o mundo de uma maneira diferente, abre os olhos para o que está ao seu redor e com isso abre um leque de oportunidades para sua vida e para a vida dos que estão ao seu redor.

2. Alguém o influenciou ou incentivou a gostar de ler livros? Qual foi a pessoa que mais te influenciou ou incentivou?

Sim, principalmente meus primos que já são formados, já são professores.

3. Qual é a principal razão para você ler, na hora de escolher um livro ou autor para ler?

A principal razão é a paixão pelo novo aprender, conhecer aquilo que é novo, conhecer aquilo que eu ainda não sei, que pode me engrandecer intelectualmente.

4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Ambos, eu leio tanto digital, em pdf no meu computador como o material impresso, prefiro o impresso porque eu toco, sinto o cheiro, sinto em minhas mãos, tenho prazer em folhear. Gosto mais do impresso

5. Em qual lugar costuma ler livros?

Dentro do meu quarto com a porta trancada, de preferência, para não ter barulho, no momento que eu tô lendo eu aprofundo muito na reflexão, faço uma análise do que o livro está me falando com o mundo com aquilo que me rodeia. Eu gosto de ler dentro do meu quarto, trançadinho, e caio de cabeça dentro do livro.

6. Quais os gêneros literários gosta de ler?

Gosto de ler muita notícia, drama, novelas, leitura épica, são os que mais gosto entendeu. Agora eu gosto muito de ler a parte que diz respeito ao meu curso Letras-Português, eu sou muito apaixonado pela Linguística, pela Gramática, eu gosto muito de ler sobre preconceito linguístico, ler sobre análise textual, ler sobre o texto é a unidade privilegiada do estudo da língua portuguesa.

7. E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

Preconceito Linguístico, de Marcos Bagno, Beira rio, Beira vida, de Assis Brasil e Memórias de um sargento de milícias.

8. O que representa para o(a) sr(a) a BPA?

A BPA na minha opinião é uma oportunidade imensa daqueles que não têm acesso a livros de buscar o conhecimento, porque conversando com meus tios, conversando com meus pais e com o pessoal mais antigo eles diziam que muitas vezes não estudavam porque não tinha livro pra ler, naquela época quarenta, cinquenta anos atrás



não tinha a facilidade que tem hoje para adquirir um livro e ler e hoje existem muitos livros impressos, digitais só que a comunidade carente, o pessoal mais carente eles muitas vezes não têm condições de comprar um livro, tem livro que é cinquenta reais, oitenta reais muitas pessoas não tem condição de comprar. Uma biblioteca com um acervo enorme é um prato cheio pra quem quer estudar, pra quem quer adquirir conhecimento e se libertar, a leitura é um ato de libertação. A BPA é um dos lugares mais importantes, senão o mais importante que tem dentro da Vila Nova. Na minha opinião é o lugar mais importante deve ser conservado, o acervo deve crescer mais, apesar de já ter muito, principalmente os jovens do ensino fundamental e médio, quando eu tava na minha graduação vim muito aqui pegar livro pra ler e a BPA é o melhor lugar para se estar.

9. Você disse que leu Beira rio, beira vida. Como a obra de Assis Brasil entrou na sua vida?

A literatura piauiense ela, apesar de ser uma literatura muito rica, muito gostosa de se ler, ela não é tão valorizada, no ensino fundamental e médio eu não vi, eu não li nenhum livro de AB. Quando eu cheguei na universidade foi que eu comecei a ler os livros de Assis Brasil e tomei gosto pela leitura porque você se identifica com o autor, você se vê no livro do autor, linguagem simples, linguagem de fácil entendimento e muito bom. É pouco valorizada pelos piauienses

10. Que atividades são desenvolvidas para despertar nas/os estudantes o prazer e o valor da literatura?

Interpretação de texto, ler e debater oralmente, exercícios e principalmente reflexão oral em grupo.

11. Alguém da sua família lia pra você durante a sua infância?

Não lia. Eu não tive esse auxílio familiar, minha mãe sempre teve aquela preocupação de estar observando se eu tava tirando nota boa ou não e também fui alfabetizado por ela, o básico aprendi a ler e a escrever com ela, antes mesmo de eu entrar na escola na primeira série, mas só isso mesmo, não tive esse auxílio de ver minha mãe lendo livros, meu pai lendo livros, não tive.

12. Alguém da sua família, algum amigo já te deu livro de presente?

Principalmente gramáticas. Por isso eu despertei esse gosto pelas letras da gramática passei para a interpretação de textos fui conhecendo a literatura. Por isso me apaixonei pelas Letras e hoje sou formado em Letras

13. Quais os escritores mais gosta de ler?

Ariano Suassuna, Jorge Amado, AB, Cecília Meireles, são os que mais leio.

14. Tem livros em casa? Como estão organizados?

No meu quarto, tem a prateleira com meus livros, com meu material pra eu preparar minhas aulas, estudar pra concurso, estudar pra minha especialização que estou concluindo, tem um espaço, tem um lugarzinho prontinho.

## APÊNDICE E OLGA GOFF

1. De maneira geral, você gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler?

Gosto muito de ler, minha formação da faculdade foi muito pouco, o que adquiri foi com a leitura eu acho que o ponto de partida do ser humano é a leitura para ter o conhecimento, o conhecimento necessário que a gente deve ter principalmente em sala de aula. Os livros didáticos são muito resumidos para cada parte da história tem que vir casado com a literatura senão você não vai conseguir os objetivos, também o desafio maior é gostar de ler e muito maior ainda fazer com que os alunos leiam para que a gente possa de fato conhecer novos horizontes, novos mundos, para que a gente possa ter uma educação, ensino-aprendizagem com mais resultados, mais formação, tanto formação pessoal precisamos ler, ter formação, quanto a formação dos nossos alunos.

2. Alguém o influenciou ou incentivou a gostar de ler livros? Qual foi a pessoa que mais lhe influenciou ou incentivou?

Minha influência, minha formação leitora partiu quando eu fui concursada em Vila Nova em 1997, porque antes eu lia mas não era assim com tanta frequência, leio em torno de um a dois livros por mês. A partir da minha formação pedagógica nos planejamentos em Vila Nova e com uns trabalhos de pesquisa, comecei a ler junto com os alunos, minhas primeiras turmas eu comecei fazer projetos de leitura e a partir desses projetos eu ia lendo com os alunos e descobrindo o prazer da leitura. Aí vem outros projetos que a própria SEME fazia e a BPA teve uma influência assim 100% em minha vida porque uma coisa é você comprar os livros, a gente nem sempre tem recursos pra comprar livros, infelizmente, a BPA dispõe desse legado literário para que a gente possa ter acesso. E a partir dos filmes, o filme é um livro, os filmes davam curiosidade para saber se eram fiéis e a partir daí comecei a ler livros, de forma organizada ou desorganizada o certo é que a gente tira o tempo para a leitura diária. A influência maior foi a Biblioteca Patativa do Assaré e com a obra de AB foi uma influência muito positiva a gente teve acesso à obra e ao próprio AB no município uma ação muito afirmativa, tudo isso me influenciou o espaço, a biblioteca, o incentivo da secretaria, muito positivo na minha vida. Graças a Deus eu acho que leio.

3. Qual é a principal razão para você ler, na hora de escolher um livro ou autor para ler?

O recorte temporal também, cada leitura o objetivo é o conhecimento. Estou trabalhando, estou estudando a fundamentação da história e cada pesquisa, ou seja, a

literatura em relação a esse assunto, busco quem tem mais produção, mais pesquisa, no Brasil gosto de Sérgio Buarque de Holanda. Tento fazer uma pesquisa sobre o autor e tento conhecer a obra pra ver o que vai acrescentar em meus conhecimentos e na minha prática pedagógica.

4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Leio livro digital, mas não gosto muito. Eu gosto de livros em papel, pra onde eu vou eu levo livro, às vezes, eu sou até mal educada no lugar que eu estou. Eu ando com livro, menos na sala de aula, mas até no recreio eu deixo marcado os livros que eu gosto de ler eu ando com livro. Gosto de mostrar pras pessoas: Ei estou lendo esse livro, olha como ele é bom.

5. Em qual lugar costuma ler livros?

À noite, quando estou no interior, na casa da minha mãe, na realidade sempre que eu tenho tempo eu leio.

6. Quais os critérios de seleção de obras literárias para os adolescentes que são seus alunos?

Eu fiz uma escolha de livros paradidáticos para uma turma do 9º ano e não deu muito certo. Eu tento escolher de acordo com nível da turma, de acordo com o assunto que eu trabalho, e de acordo com a escrita porque tem autores que escrevem de uma maneira muito prazerosa e fácil. Por exemplo, nosso 8º ano está lendo agora Mensagem às estrelas, do AB, e está dando muito certo. Eu comecei, tem outra turma que estou trabalhando O Pequeno Príncipe, assim é uma leitura para todas as idades, não é só infantojuvenil, deu muito certo. Os miseráveis, dizem que todo mundo que estuda comigo lê Os miseráveis. O critério primeiro é eu conhecer a obra, segundo ver se está de acordo com a idade, porque tem que ter essa questão de preparação do público que vai ler, se o livro é acessível eu não posso passar uma obra que os alunos não têm acesso. Busca de qualidade.

7. Selecionados os livros, que atividades são desenvolvidas para despertar nos estudantes esse prazer e para descobrirem o valor da literatura?

Roda de leitura, feira de livros. Eu não posso também entregar o livro com uma análise literária como se fosse uma grade. Primeiro é o prazer da leitura, o que dela vai fluir, que conhecimento, o que ela vai acrescentar pra vida da gente, por exemplo, a poesia do Patativa do Assaré quando eu trabalho, o que ela acrescenta, em que tempo ele escreveu, eu cobro a partir da identificação nossa com Patativa do Assaré, é como se ele tivesse falando da nossa vida. Em relação aos outros, a roda de leitura, a roda de

conversa, a feira cada um vai falar, vender a sua história, é uma forma. Outra forma, agora eu estou pensando cada aluno vai produzir um vídeo resumindo, na era digital, o ano passado eu fiz e deu muito certo, o aluno que leu Vitor Jara, eu estava trabalhando a ditadura no Chile, Vitor Jara foi um ícone na história do Chile, aí tem um livro, cada aluno ia produzir um vídeo com a sua fala, ilustrar pra que gente postasse no grupo da escola. Foi um sucesso. A análise literária, a ficha, eu também cobro mas não é sempre, o mais importante é entender a importância da leitura, que todo mundo leia e que leia por prazer.

8. Você acompanha o que os alunos leem sem que haja obrigatoriedade da escola?

Percebo, porque tenho uns alunos que graças a Deus eles se sobressaem muito bem. Eu tenho uma aluna \*\*\*\*\*ela começou a ler, eu sempre tentava trabalhar de leitura com ela e nunca tinha dado certo, ela começou a ler o ano passado e até agora já leu 56 livros, ela chega pra mim “Professora, eu estou lendo A menina que roubava livros, professora estou lendo O Extraordinário”, não são muitos casos assim, às vezes eles gostam de ler Mensagem às estrelas, tudo bem é literatura, eles gostam de ler livros do dia a dia da juventude.

9. Quais gêneros literários você mais utiliza nas aulas?

Conto, eu uso muito conto, nas turmas menores fábula, romance, agora tem uma turma que nós estamos querendo trabalhar Canudos, a notícia estamos tentando fazer um jornal.

10. E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

Ponciá Vicêncio e Historiografia e Memória, Le Goff.

11. O que significa literatura para você?

Literatura é a emoção do conhecimento por vários caminhos. É a forma da gente de fato ter o conhecimento, ver o mundo de forma holística de aprender falar, escrever, e ter visão de mundo. É o que dá ‘sustança’ para que a gente possa galgar o conhecimento, com resultado e contribuir para a formação de outras pessoas. Adquirir conhecimento. Literatura se traduz em conhecimento, prazer e sabedoria.

12. Qual dos livros do AB foram mais marcantes para você?

Dois livros dele ganhou o prêmio Walmap: Os que bebem como os cães e Beira rio, beira vida, os dois têm uma leitura muito forte porque Beira rio, beira vida mostra a questão da prostituição às margens do rio Parnaíba, e Os que bebem como cães é muito forte porque fala muito da ditadura, o que é de fato viver na prisão, na ditadura. O que eu mais gostei de todos é Mensagem às estrelas, é um pouco infantil, mas eu

não posso...porque é uma saga, é o nosso nordeste, como se diz a vida, a labuta do nordestino, a conquista, a sensação de você ver uma família que cresceu, que chegou no Rio, que conseguiu diante de tantos desafios. No mês de dezembro eu li cinco livros dele O gavião Vaqueiro é muito interessante, eu li pra ver se meus meninos gostavam, O cantor prisioneiro também muito interessante. Eu preciso ler Ana Jovita, que está na minha pauta de ler. Mas os livros do AB não tenho palavras.

13. Tem livros em casa? Como estão organizados?

Tem uma sala de livros. Na minha casa não tem outros espaços, mas para os livros tem, não tem as cadeiras pra ninguém sentar (risos), mas os livros têm tratamento especial!

## APÊNDICE F MECENAS LUZ

1. De maneira geral, você gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler?

Eu gosto de ler, mas eu não sei se é porque eu sou muito exigente eu não acho que eu sou uma pessoa...eu deveria ler muito mais do que leio, mas acho a leitura fantástica.

2. Alguém a influenciou ou incentivou a gostar de ler livros? Qual foi a pessoa que mais lhe influenciou ou incentivou?

A influência que eu recebi, infelizmente, não foi da escola, foi dos movimentos sociais que eu participei quando eu era jovem, adolescente. Quando eu vim despertar pra leitura eu já tinha mais... já estava mais...acho que no Ensino Médio, então eu perdi assim a fase melhor né!? Porque eu realmente não tive nenhum tipo de incentivo nas séries iniciais na alfabetização como a gente morava no interior e a escola naquele tempo era muito precária a gente não tinha nenhum contato com a leitura e depois nas séries iniciais, no final do ensino fundamental, quando eu comecei o ensino médio que tinha literatura no primeiro ano do curso técnico em contabilidade no Premen. Clássicos infantis eu vim ler depois que tive filhos, olha aí a minha precariedade na leitura

3. Qual é a principal razão para você ler, na hora de escolher um livro ou autor para ler?

Eu gosto de literatura clássica brasileira, porque eu sou uma pessoa muito bairrista, pra ler eu preciso me familiarizar, eu sou muito regionalista, eu gosto de ler coisas que pareçam com minha realidade. Hoje em dia todo mundo lê auto-ajuda e eu não consigo, não consigo. Eu gosto de ler eu prefiro os autores que eu acho fantástico, que você vê assim tanta arte na escrita, é isso que me motiva ainda é a beleza como AB, Machado de Assis, a beleza, a forma como eles escrevem que deixa a gente tão encantado.

4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Em papel, armaria, eu não consigo ler digital, papel porque assim a gente lê, pega, o livro fica amassado, fica sujo, a gente marca, faz um pontinho.

5. Em qual lugar costuma ler livros?

Eu gosto de ler deitada mesmo, o problema é que eu durmo (risos).

6. Teve um período que você ficou à frente da SEME, quais as políticas públicas de leitura que foram realizadas no período, que você considera mais importantes?

Projetos de leitura, a criação da BPA, com 20 anos depois podia estar melhor. depois podia estar melhor, porém, temos muitos resultados positivos, congressos marcantes na história da cultura e da educação de Vila Nova, os concursos de poesias, a publicação de livros, a recepção de alunos e da comunidade. A biblioteca foi muito importante para os professores,

que não tínhamos o costume da leitura literária e a formação de leitores foi fruto dos projetos por ela desenvolvidos. Essas ações deram uma cara diferenciada para Vila Nova.

7. E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

O vermelho e o negro, de Stendhal, e O Pequeno Príncipe. E os doutrinadores do Direito.

8. O que você acha da literatura como direito?

Há uma tendência a relativizar a importância do direito à literatura. Falta o alimento e o acesso ao atendimento médico e as pessoas esquecem que muitas doenças estão relacionadas à doença da alma, a depressão, doenças psicossomáticas e se a gente tivesse o direito à literatura assegurado viveríamos melhor e evitaríamos muitas doenças emocionais. Falta uma visão maior para compreender que assegurar o direito à literatura melhora até a qualidade de vida, a saúde do povo. Literatura humaniza, traz informação, forma um cidadão mais crítico, participativo e poderíamos ter uma sociedade melhor se todos tivéssemos o direito à literatura como direito fundamental.

9. O que representa a BPA pra você?

Dentre os nomes discutidos, sobressaiu-se o do poeta Patativa do Assaré porque sua obra é voltada para questões sociais, regionais e a comunidade se identifica com a obra por retratar a vida de quem mora no campo, enfim, por falar da nossa vida.

10. Você costuma comprar livros?

Gosto de comprar livro, às vezes eu não leio, gosto de ir às livrarias, comprar o livro, tomar o café, gosto de ver os livros, eu sempre compro, eu comprava mais.

11. Tem livros em casa? Como estão organizados?

Sempre teve o espaço reservado, eu gosto de organizar os livros.

12. Quais os seus autores preferidos?

Assis Brasil, Machado de Assis.

A escolha de Assis Brasil deveu-se ao fato de que a produção literária dele move o leitor a lidar com sua interioridade, tem caráter libertador e dialógico tanto nas abordagens dos temas que tratam de questões sociais contemporâneas que levam o leitor a um processo de identificação, quanto na inovação da técnica narrativa e devido à qualidade e a quantidade de obras voltadas para o público-alvo das escolas da rede municipal. E, sendo aquele o ano do Congresso em homenagem ao Assis Brasil queríamos que fosse o momento da culminância de um intenso diálogo entre autor, leitor e obra literária. Com a adoção das obras incentivamos professores, trabalhadores da educação, estudantes e suas famílias, e a comunidade de um modo geral, a conhecer a sensibilidade que a sua obra transmite e sua importância no cenário da literatura piauiense e brasileira. O processo, conduzido de forma



interdisciplinar, provocou uma efervescência cultural. Procurou-se, para tanto, motivar todos os envolvidos no projeto a ler Assis Brasil e todos se apaixonaram.

## APÊNDICE H NONNON TERCEIRO

1. De maneira geral, você gosta muito, gosta pouco ou não gosta de ler?

Se eu gosto de leitura, gosto sim, e de uma maneira geral mesmo. Eu gosto de um bom livro e de uma boa informação. Cresci no meio dos livros, porque eu tinha irmãos, tios que já escreviam, já tinha poetas, romancistas na família, tinha um leitor muito bom leitor de gibis que me incentivou também a ler esses gibis e também a viver no comércio do gibi em porta de cinema, eu vendia, eu trocava gibis e fui aprendendo a ler com gibis e depois fui crescendo e aprofundando mais com a poesia, o romance, e me apaixonei pela leitura desde quando fui aprendendo a conhecer esses grandes escritores, os grandes romancistas, os grandes poetas e me considero um apaixonado por leitura.

2. Alguém o influenciou ou incentivou a gostar de ler livros? Qual foi a pessoa que mais lhe influenciou ou incentivou?

Tive, tive sim muitos incentivadores. Meu irmão que lia e me emprestava livros, os gibis como eu falei, quando eu não podia comprar ainda, muito pequeno, ele me emprestava os dele, eles me pedia que eu fosse trocar ou vender e ele também me arrumava os gibis pra ler e me incentivou a começar na leitura. Também poetas como um que eu trabalhei que era tio, eu era criança, adolescente já, trabalhei com ele e ele gostava muito de ler e me presenteou com um livro do irmão dele, do Fontes Ibiapina, essa pessoa é o Antonio de Moura Ibiapina, a gente conhecia ele por Pebinha, apelido carinhoso que ele gostava muito, eu trabalhei bastante tempo com ele, ele me arrumou alguns livros inclusive de Fontes Ibiapina que ainda hoje eu guardo comigo, ele foi um grande incentivador também. E também mais à frente, eu já falei que cresci no meio de poetas, romancistas, e teve um poeta, um grande poeta picoense, ele com a biblioteca dele lá também deu um grande incentivo, primeiro por ter vários livros, segundo por ter o conhecimento já de leitura também que ele tinha e foi me indicando alguns livros e esses livros ele me emprestava, quando eu não tinha e não conseguia em outro canto ele me emprestava e ia indicando aqueles livros bons pra leitura, o poeta Vilebaldo Rocha, ele até uma brincadeira que eu peguei eu pedi a ele, eu vi ainda na escola ouvi falar muito de Memórias Póstumas de Brás Cubas e foi o primeiro livro que eu pedi a ele, só que ele achando ele vai iniciar a leitura logo por Memórias Póstumas? Aí me ofereceu outro livro e eu recusei eu disse não eu quero Memórias Póstumas. Ele me emprestou, eu li, ele foi um grande incentivador, foram

vários que eu lembro, estou falando desses aqui, mas foram vários incentivadores e eu tenho muito a agradecer a eles porque me apaixonei por leitura.

3. Qual é a principal razão para você ler, na hora de escolher um livro ou autor para ler?  
É quando eu sei da notícia de um autor favorito lançando um livro, a gente sempre quer ver o novo livro, eu como leitor sempre quero ver o novo livro, esse é um fator que influencia muito. Outro é quando eu vejo um comentário de um bom leitor, de um colega, de um amigo, que ele fala sobre um livro eu fico com aquela coisa, uma vontade grande de poder ter contato com esse livro.
4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?  
Ambos, a leitura no papel ela é bem mais envolvente, mesmo porque a gente pode escolher o lugar melhor, mais aconchegante pra uma leitura, pra uma concentração. Mas, como nem todos os livros nós temos acessíveis, então eu procuro bibliotecas como domínio público a gente pode encontrar obras excelentes, a obra completa de Machado de Assis, Fernando Pessoa, e eu fico viajando entre a biblioteca domínio público e o livro de papel.
5. Em qual lugar costuma ler livros?  
Na minha casa, no lugar destacado. Digamos assim, quando é o livro digital e quando o de papel, quando é o de papel eu tenho um lugar reservado, um lugar bem legal que é uma árvore que dá uma sombra muito boa, ajuda na concentração, porque estou distante do barulho de dentro de casa, estou distante, ainda tenho sorte de estar distante um pouco de outras casas, a minha fica um pouco distante e sem falar a sonoplastia dos passarinhos que ajuda na concentração, faz a gente viajar, muito bom quando você está com um bom livro. E no domínio público é na sala. A gente divide com a esposa e com as crianças, mas um bom livro a gente se concentra mesmo e também costumo ler quando posso na BPA, é um local tem um acervo muito grande de livros, tem muitas opções, muitos autores piauienses que eu gosto muito e gosto também de lá.
6. Quais os critérios de seleção de obras literárias para os adolescentes que são seus alunos?  
O critério principal é a faixa etária, uma obra que seja de acordo com a faixa etária da turma que está na aula de teatro. Porque o objetivo, pra mim o maior objetivo da aula de teatro é o incentivo à leitura, nada melhor do que você procurar fazer o máximo para escolher a obra que seja acessível a essa turma, que eles gostem, que

chame a atenção deles. Outro critério é de acordo com o evento para não tirar o foco do evento.

7. E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

Biografia e vida eclesiástica de dom Alfredo, escrito pelo Eneas Barros e lançado pela livraria Entrelivros.

8. O que significa literatura para você?

Você fica se sentindo desafiado, o escritor lhe desafia.

9. O que representa a BPA pra você?

O que seria de uma biblioteca como a BPA lotada de livros, com um acervo muito grande, o que seria dela se só ficasse aguardando aquelas crianças chegarem nela? Eu achei um trabalho lindo, um trabalho excelente das pessoas que trabalham na educação, na cultura e eles faziam com que a biblioteca chegasse até o leitor, chegasse até a criança, até as escolas, eu fui fazer uma apresentação numa escola lá e vi uns livros expostos lá e uma professora me informou que era a biblioteca itinerante, tirava uns livros, umas coleções ou seja, se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé, eu achei muito lindo aquilo, mas não era uma questão de que essas crianças não iam à biblioteca, elas iam, mas era a busca por mais, quanto mais leitores, mais crescimento intelectual, cultural nessa cidade a biblioteca foi crescendo, essas as crianças foram crescendo como diz o poeta “ em auto e profundo” passaram de leitores e já se tornaram adolescentes escritores, foram lançar livros, de leitores da biblioteca passaram a escrever poesias lançando seus livros lá, hoje quando a gente vê um evento em Vila Nova, quando se fala de um evento cultural você vê nas cidades vizinhas aqueles comentários “eu vou, eu vou, eu vou”. Eu vi a Vila Nova de antes e a de hoje que girou em torno, que cresceu em torno dessa BPA. Com essas crianças crescendo, esses adolescentes. Uma biblioteca que quando não vem ela vai atrás, uma grande força essa biblioteca.

10. Você costuma comprar livros?

Sempre que posso e às vezes até quando não posso, mas não são tantos livros assim, mas é um sonho, é um sonho que eu tenho é de ter um dia uma biblioteca que possa suprir as necessidades dos meus filhos com a leitura e que possa incentivar eles também à leitura.

11. Tem livros em casa? Como estão organizados?

Tenho uma minibiblioteca, agora organizados não. Acho que eles não estão bem organizados, estão ali lateralmente bem guardados, aliás bem guardados não, estão sendo usados também. Organizados não, aí eu preciso aprender um pouco com a BPA.

12. Que atividades a BPA desenvolve que você avalia que desperta o interesse dos adolescentes e a vontade de ler?

A biblioteca vive incentivando, os eventos são vários, mas a gente pode falar das poesias, dos recitais, do teatro que é onde eles buscam os autores. Por exemplo, eu levava a peça adaptada e eles iam buscar o conto completo e isso ajudava eles a criar o personagem perfeito. Foi o caso do Cantor Prisioneiro, de AB, eu levei adaptado, eu li, adaptei e quando cheguei lá que mostrei o conto no outro dia tava a disputa na biblioteca para levar o livro pra ler em casa, tanto que passamos uma semana ou duas eles buscando esse livro direto e depois quando passou eles já estavam me falando de outros contos de AB, olha só O Cantor prisioneiro que a gente tava ensaiando e eles falando dos outros que estavam gostando demais e também os Congressos que trazem grandes autores piauienses e o que eles fazem é correrem à biblioteca pra pegar as obras desses autores para lerem, para interagir com esses autores quando eles estiverem presentes aos eventos.

13. Como foi a recepção dos adolescentes em relação às obras do AB que você adaptou para o teatro e montou os espetáculos com eles?

Quem assistiu à peça poderia falar tanto quanto eu que trabalhei com eles. Falar da recepção é falar do sucesso dessa peça, quando um espetáculo sai numa perfeição como aquela a gente pode entender que, pode saber, pode ter certeza que aqueles atores, aqueles adolescentes, eles se aprofundaram bastante nessa obra, eles foram atrás desse autor, foram atrás das obras desse autor, foram conhecer esse autor profundamente para poder montar seus personagens, para poder fazer bonito, entrar na história, recriar a história como eles fizeram naquele dia, tão perfeito que o próprio autor confessou ter se emocionado, o próprio Assis Brasil [...] eles amaram o AB, eles amaram as obras do AB.

14. Quais os seus autores preferidos?

Assis Brasil, Machado de Assis, Eneas Barros, O.G.Rego, Fontes Ibiapina.

15. Qual o livro do AB que mais marcou sua trajetória de leitor?

Beira rio, beira vida, li três vezes por enquanto, que me emocionou muito quando fui apresentar justamente no Porto da Barcas.

## APÊNDICE I CASTELO BRANCO

1 - Alguém influenciou você ou incentivou a gostar de ler?

Sempre, meus pais tiveram esse incentivo, desde pequena, deles o incentivo da leitura, mas mais parte da minha vontade e o gosto pela leitura.

2 - Que fatores influenciam você quando você vai escolher um livro ou um autor para ler?

Eu me identifico com o pensamento de cada um, tipo a Clarice Lispector eu gosto do pensamento dela, o AB também gosto muito, escritor piauiense.

3 - Você costuma ler livros em papel digital ou ambos?

Eu gosto mais dos impressos, por causa da minha dificuldade de visão também fica melhor os impressos.

4 - Que atividades foram mais marcantes para você que a escola ou a BPA já fizeram despertaram em você vontade de ler?

Projeto muito importante da Biblioteca móvel, que dava livros às crianças, levava a biblioteca móvel pra escola e presenteava com alguns livros isso me influenciou muito.

5 - O que você costuma ler sem que seja obrigada pela escola?

Eu gostava muito de ler gibi, ainda gosto, mas não tenho mais tempo, a Turma da Mônica era o meu preferido.

6 - Além do gibi, que outros gêneros você gosta de ler?

Literatura infantojuvenil, literatura brasileira, contos, romances: Dom Casmurro, Cinco Minutos e a Viuvinha.

7 - Qual foi o último livro que você leu?

Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, esse ano já li oito livros de literatura brasileira.

7 - O que representa para você a biblioteca Patativa do Assaré?

Para mim é como uma mãe, sempre estive de portas abertas e sempre foi nela que eu gostava de passar meu maior tempo, depois da escola era aqui que eu vinha encontrar os amigos, me divertir, ler várias historinhas, sempre foi meu passatempo preferido vir à biblioteca, se não me encontrasse na escola era aqui meu passatempo preferido.

8 - Como Assis Brasil entrou na sua vida?

Entrou na minha vida a partir do Congresso de Cultura: *A Cidade Poesia apresenta Assis Brasil*, ele me encantou desde daquele momento que ele passou a interagir comigo.

9 - Quem gosta de ler na sua casa?

Meu pai, eu, minha mãe é porque ela não tem muito tempo, mas ela também é uma boa leitora, ela gosta muito dos livros de Augusto Cury e meu pai gosta de ler literatura brasileira.

10 - Seus pais, alguém na sua família ou algum amigo jate deu livros de presente?

Dos meus pais eu ganhava sempre.

11 - Alguém na sua família lia para você durante sua infância?

Liam, eles liam muito antes de eu dormir, meu pai mesmo contava muita história antes de eu dormir.

12 - Quais são os escritores que você mais gosta de ler?

Clarice Lispector, Cecília Meireles,

13 - Você frequenta a biblioteca?

Frequentava mais, mas ainda frequento.

14 - A biblioteca pode fazer alguma coisa que faria você vir aqui mais vezes?

Assinaturas de gibis, com certeza.

15 - Você costuma comprar livros?

Não, não tenho o hábito de comprar livros porque lá em casa já tinha bastante aí eu lia os que tinha lá mesmo.

16 - E na sua casa tem um espaço reservado para os livros?

Tem, uma biblioteca.

17 - E é um espaço bom? Você costuma ler lá?

É um espaço de leitura e de fazer as atividades escolares, também é onde meus pais planejam aulas, é um espaço reservado a isso.

## APÊNDICE J FONTES CAMPELO

1 - Você teve influência de alguém, incentivo de alguém pra gostar de ler?

Sim. Da escola né, porque como a gente vem de uma família que não tem o hábito de ler devido às gerações passadas não terem as mesmas oportunidades de hoje, é eu tive o incentivo da escola. A educação daqui é muito boa, os professores sempre foram muito bons, a biblioteca sempre ajudou muito, as oficinas sempre ajudaram muito, sempre as oficinas de tudo, meu incentivo foi esse, foi só a escola, os professores.

2 - Quando você vai escolher um livro pra ler quais são os fatores que influenciam você pra escolher um livro ou um autor?

É... Eu fui mãe muito jovem, depois que eu tive o \*\*\*\*\*, a gente se volta né, se volta pra criança, quando eu vou escolher alguma coisa eu sempre escolho alguma coisa sobre educação dos filhos, sobre como criar, o que que atrapalha, o que que influencia pro bem, o que que influencia pro mal, embora o tempo quando a gente tem filho o tempo é pouco né, principalmente o meu que é pequeno.

3 - Quais atividades foram desenvolvidas pela escola e pela biblioteca que você acha que foram importantes pra que você lesse?

A criação da biblioteca, foi sempre foi o ícone principal pra leitura, é as visitas a biblioteca, as... Eu lembro que eu tinha um professor, eu não sei se era a Ivanilda, quando a gente aprende alguma coisa quando a gente é criança aquilo fica gravado quando aquilo é importante. Ela passava pra a gente lê um livro, por férias a gente tinha que lê 3 livros e fazer o enredo desses 3 livros. Na época é claro que a gente achava ruim né, mais hoje eu vejo como foi importante, isso desenvolveu muito a vontade de lê, e agora, final do ano tem os alunos que ganham prêmios por ler mais, eu sempre incentivo muito a minha sobrinha Yasmin. Ó Yasmin tem que ir na biblioteca lê pelo menos 2 livros por noite, leia, note, anote o título, o autor, pra quando for no final do ano ó vai ter prêmios. No meu tempo num tinha prêmios eu lia, e agora tem e os meninos num quer ler.

4 - Quais os gêneros literários que você mais gosta de lê?

Sempre gostei muito de história teatrais, sempre li muito. Até porque quando eu, eu cheguei a dar oficinas, eu fui chamada pra dar oficinas em São Julião, Mandacaru, eu sempre, sempre li muito os teatros, teatros narrados, textos narrados.

5 - Qual foi o último livro que você leu?

O livro se chama museu.

6 - O que representa a biblioteca Patativa do Assaré pra você?



Representa muito. A biblioteca é muito importante na vida das crianças de hoje, dos jovens e na minha vida representa demais, realmente foge as palavras pra falar da biblioteca Patativa do Assaré. Tenho muitas recordações, hoje porque as minhas visitas diminuíram, mais eu sempre visitei muito a biblioteca, sempre li, aqui sempre foi o ponto de fazer trabalho, o ponto de descobrir, aqui sempre foi muito importante, pra mim representa muito, é muito importante a biblioteca Patativa do Assaré.

7 - E Assis Brasil, como foi que você encontrou na sua vida?

Ah Assis Brasil entrou na minha vida com O Cantor prisioneiro, foi a peça teatral que mais, assim que levantou a gente, a partir dessa peça eu lembro que na época eu era bem novinha, mais a partir dessa peça a gente ganhou foi como se ganhasse luz, eu fui chamada pra trabalhar em... Maria Cândida me levou pra trabalhar em Mandacaru, dar oficina lá, através dessa peça foi quando a gente fez essa peça com Nonato Fontes ensaiou com a gente que é um...pra mim é o meu grande espelho é o Nonato Fontes, ele, ele nos apresentou Assis Brasil. E no ano que Assis Brasil, até hoje eu falo que o melhor ano que teve aqui foi, foi quando Assis Brasil veio, que nós conhecemos, ele se emocionou, ele e a esposa dele se emocionaram muito com a nossa peça, chego a arrepiar quando eu lembro.

a partir desse livro nós ganhamos luz, o professor Nonato é meu grande espelho. O melhor ano da história de Vila Nova foi o ano do Congresso sobre o Assis Brasil, ele nos emocionou e demonstrou emoção ao assistir a nossa peça e ao conversar conosco sobre o que tínhamos lido, fico arrepiada quando lembro. E lembro de tudo...até do lugar que o Assis Brasil estava sentado e de como ele nos olhava, lembro de tudo o que ele disse.

8 - Seus pais, alguém da sua família ou algum amigo já te deu livro de presente?

Já. Eu faço parte de um grupo de casais que os presentes de lá são livros, eles sempre me dão livros, sempre dão livros em datas especiais, inclusive agora no meu aniversário eles mandaram um livro pra mim.

9 - Em sua casa quem mais gosta de lê?

Meu esposo gosta muito de lê, ele trabalha, mais geralmente o final de semana ele lê muito, só que as leituras dele são mais online.

10 - Além de Assis Brasil que você disse que foi muito importante pra sua profissão, que outros autores?

Patativa do Assaré, muito importante, porque nós fazíamos teatro, nós trabalhávamos muito com recitais e Patativa foi muito importante na minha vida.

11 - Você tem livros em casa num espaço reservado, como eles são organizados?

Tem um cantinho do quarto do Nicolas, eu não tenho um quarto exclusivo não, minha casa é pequena, mais eu tenho um cantinho no quarto do Nicolas que a lá a mesinha que, que eu to com um plano agora de colocar umas prateleiras e organizar que eles tão tudo amontoados os livrinhos dele.

## APÊNDICE K CECÍLIA LUZ

1 - Alguém influenciou você ou incentivou a gostar de ler?

Primeiramente, eu comecei a frequentar a escola eu tinha 6 anos, naquele tempo era multisseriado, primeiramente quem influenciou foi minha mãe e minha irmã porque eu já fui sabendo ler algumas coisinhas, algumas sílabas, e a escrever algumas palavras pequenas, mas a pegar o gosto as primeiras pessoas foi minha mãe e minha irmã mais velha. Quando eu comecei a frequentar a escola primeiro lá e depois no terceiro ano passei a vir para a o SGL, me deparei com a equipe da rede docente todos eles eu gostava muito e aí comecei a frequentar a biblioteca. O gosto por ler, primeiro é de mim, gostar muito de ler e escrever pde escrever poesia que eu gosto muito minha mãe tem um papel fundamental para que eu pudesse começar a escrever e acho que uma coisa está ligada a outra gostar de escrever tem como consequência gostar de ler base para vocabulário, conteúdo para se escrever, então, meu gosto pela leitura começou cedo e só vem aumentando tanto na parte de literatura em si, cordéis, e hoje mais minha leitura se centraliza na acadêmica no curso de enfermagem leio muito artigo que está ligado a minha área enfermagem mas leio todos os tipos, quando dá tempo, gosto de ler tudo principalmente de autores piauienses, acho que primeiro a gente tem que valorizar aquilo que é nosso pra depois começar a valorizar o estado, enfim, outros autores de outros países, principalmente os piauienses.

2 - Que fatores influenciam você quando você vai escolher um livro ou um autor para ler?

A gente vai sempre pelo renome, por exemplo, gosto de ler poesias de Patativa porque Patativa foi um grande nome e é um grande nome no nordeste, então, acho que essas influências de ser reconhecido, ter prêmios, de ter nomes, ser homenageados em escolas, em bibliotecas acaba que nos atraem para ler as obras deles, o histórico do autor a representação que ele tem dentro do estado ou da comunidade influencia a gente ter contato com as obras deles.

3 - Você costuma ler livros em papel digital ou ambos?

A maioria das vezes é digital. Leio por celular, notebook e na correria torna-se tudo mais fácil. A gente não abre mão de ter o contato com o livro, o contato físico, mas acaba que na tecnologia da gente não tem como a gente fugir, a maior frequência é digital.

4 - Que atividades foram desenvolvidas pela escola ou a BPA já fizeram despertaram em você vontade de ler?

Dia da poesia, aniversário da biblioteca.

5 - Que gêneros literários você mais gosta de ler? Sem dúvida, gosto muito de poesia, poemas, rimas. Gosto de romance, mas em primeiro lugar a poesia.

6 - Qual foi o último livro que você leu?

Cante lá, que eu canto cá, que foi base para a apresentação dos alunos e o outro foi Ispinho e Fulô, de Patativa do Assaré também.

7 - O que representa para você a biblioteca Patativa do Assaré?

Eu sou suspeita pra falar, foi como eu explanei num poema meu. Eu cresci aqui dentro, pra mim é a base onde quer que chegue, onde quer que eu eu vá, por ode quer que eu passe, levo o nome da BPA e ela comigo, foi a base pra mim porque foi que eu comecei os primeiros contatos com outros livros, o contato que a gente tem mais é com os livros didáticos oferecidos pela instituição que a gente está aqui temos um acervo enorme pra gente se jogar sobres eles. Os livros de medicina sempre me interessavam, mas os cordéis me chamavam: “Vem pra cá, seu cantinho é aqui”. Que faz com que eu não me esqueça da biblioteca e onde quer que eu passe quando alguém pergunta meu nome eu respondo meu nome e digo que sou da Cidade Poesia. Caracterizo muito Vila Nova pela biblioteca, se for pra caracterizar em uma palavra eu dizia: BPA. Todo mundo daqui que está realizando seus sonhos, estudando, trabalhando, passou pela biblioteca. Quando falo da influência e da importância da biblioteca não falo só dos livros específicos, falo das pessoas que aqui trabalham aqui, dos eventos, é uma rede de fatores que faz com que a gente se apegue e não solte mais.

8 – Como Assis Brasil entrou na sua vida?

Ele já veio em Vila Nova...a gente tem muito apego.

10 - Seus pais, alguém na sua família ou algum amigo já te deu livros de presente?

Minha primeira coleção de livros foi presente, o poeta João Moura também me presenteou com os livros dele, palavras de motivação, de correr, de navegar, trilhar

11 - Alguém na sua família lia para você durante sua infância?

Minha mãe e minha irmã era as que mais liam pra mim, por aí peguei gosto.

12 - Quais são os escritores que você mais gosta de ler?

Patativa do Assaré, Assis Brasil, João Moura, Alice Júlia, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade.

13 - Você frequenta a biblioteca?

Sim, direto e trago meus alunos.

14 - A biblioteca pode fazer alguma coisa que faria você vir aqui mais vezes?

Tem sim, para meu enriquecimento cultural e base para meus alunos.

16 - E na sua casa tem um espaço reservado para os livros?

Tem, uma mesinha, mas tem é um espaço, onde estudo... Faz parte da nossa história.

## APÊNDICE L LORENZA MADEIRA

1. De maneira geral, você gosta de ler?

Gosto muito de ler, acredito que a leitura nos leva a outros lugares sem sair do lugar.

2. Alguém a influenciou ou incentivou a gostar de ler livros?

Bem, as influências que eu sofri primeiro foi na minha própria família, a minha mãe Josefina que sempre nos incentivou a todos os filhos a estudar, a ler, e também os meus professores do ensino fundamental e médio, e claro duas pessoas bem marcantes na minha vida a Núbia que sempre me incentivou a ser uma pessoa estudiosa.

3. Que fatores mais influenciam na hora de escolher um livro ou autor para ler?

Atualmente, os fatores que me influenciam são os interesses de aprender as literaturas que estou lendo são mais científicas, mas também gosto de ler o que está em alta, empreendedorismo, questões culturais, vai muito do momento eu sempre gosto muito de estar bem, como diz atualmente, bem informada, então a curiosidade determinados temas, às vezes o título do livro influencia na hora da compra, mas muito raramente.

4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Atualmente, em ambos.

5. Que atividades a BPA desenvolve para despertar nas/os jovens o prazer e o valor da literatura?

As atividades são inúmeras, temos apresentações embasadas na literatura, em livros, na cultura popular brasileira, nordestina e piauiense, os círculos de leitura, a Caravana da Leitura, nós temos diversas atividades musicais que agregam valor e estimulam os jovens e as crianças à leitura.

6. O que representa para você a BPA?

Olha eu acredito que existe divisores de águas: Vila Nova sem a biblioteca e Vila Nova com a biblioteca. Então, assim, a biblioteca é um espaço rico, memorável que traz diversas oportunidades pra os jovens, adolescentes e crianças de ler, de entrar num mundo novo, num mundo no qual podem viajar sem sair do lugar.

7. Na sua trajetória você costuma frequentar a biblioteca Patativa do Assaré?

Sim, costume.

8. O que significa literatura para você?

Bem, a literatura é um assunto bem amplo e traz diversas compreensões, mas uma que me remete bastante é que esse estilo de texto traz a liberdade de se expressar e traz

ideias que não precisam necessariamente estar organizadas, é a expressão da cultura, expressão da vontade de falar...a literatura traz a beleza, a leveza.

9. Quais os gêneros literários você prefere?

Eu sou muito eclética, mas eu gosto de contos, crônicas, sonetos, texto dramático, narrativo.

10. E qual é o último livro que você leu ou está lendo?

Sessenta dias de neblina.

11. Em qual lugar costuma ler livros?

Costumo ler em praças, em casa, na escola, na biblioteca.

12. A BPA contribuiu para mudar o contexto sociocultural da cidade de Vila Nova?

Sim, acredito que contribuiu porque tem milhares de livros, de diversos assuntos, ela é acessível à população, para quem quiser, todos os dias da semana, ter acesso à informação que traz evolução, acredito que os indivíduos informados têm a capacidade de fazer melhores escolhas.

13. Quais escritores você mais gosta de ler?

Eu gosto de Assis Brasil, Machado de Assis, Pablo Neruda, José de Alencar.

14. Tem livros em casa? Como estão organizados?

Sim, tenho livros e estão organizados em prateleiras divididos por assunto.

15. Costuma comprar livros?

Sim, costumo.

16. Qual é o livro que mais marcou a sua trajetória de leitora?

Existem várias obras, mas recordo agora de Um preço pela vida.

17. Como Assis Brasil entrou na sua vida?

Meu contato com o AB foi através da BPA, ainda adolescente a biblioteca promoveu o lançamento não de um mas de vários livros do AB e eram momentos ricos de grande valia pra cultura da população, foi nesses momentos que eu conheci AB e despertou meu olhar para a leitura desse e de outros autores.

## APÊNDICE M DORA MARAVILHA

1 - Alguém influenciou você ou incentivou a gostar de ler?

Sim minha mãe juntamente com os professores que sempre apoiaram e eu sempre gostei de ler desde a infância e até hoje minha paixão ainda é a mesma.

2 - Que fatores influenciam você quando você vai escolher um livro ou um autor para ler?

O gênero eu gosto muito de história e também tem a questão de romance cada autor repassa um conhecimento diferente em cada livro mas assim eu gosto de conhecer um pouco de cada um.

3 - Você costuma ler livros em papel digital ou ambos?

Eu prefiro em papel porque eu posso fazer anotações colocar alguma frase, já sublinhar ler acho mais interessante.

4 - Que atividades foram mais marcantes para você que a escola ou a biblioteca já fizeram despertaram em você vontade de ler?

Que aluno estrela que destaca os alunos que leem mais durante o período letivo acho que incentiva bastante os alunos a ler.

5 - E das coisas feitas pela biblioteca?

Os aniversários da biblioteca que geralmente sempre vem livros novos ai isso me desperta curiosidade de ler mais e mais.

6 - Qual foi o último livro que você leu?

Ética, sociedade e política.

7 - O que representa a biblioteca Patativa do Assaré para você

Para mim ela representa algo que eu não consigo nem descrever, das coisas mais importantes da cidade é a biblioteca porque com a biblioteca as pessoas despertam o conhecimento de vir, de conhecer, desperta a leitura e através da leitura cada pessoa desperta um argumento diferente.

8 – Como Assis Brasil entrou na sua vida?

Desde criança na minha infância quando ele veio aqui para Vila Nova eu não lembro a data mas eu tirei uma foto com o Assis Brasil mas a partir dessa foto que eu tirei pronto apaixonei por Assis Brasil ele é um autor incrível e assim é incrível as obras dele.

9 - Quem gosta de ler na sua casa?

Minha mãe.

10 - Seus pais, alguém na sua família ou algum amigo jate deu livros de presente?

Já sim as coletâneas sempre quando tem algum evento na cidade as pessoas vem com aquelas coletâneas para vender de livro desde a minha infância naquele tempo era coletanêas agora já são livros maiores

11 - Alguém na sua família lia para você durante sua infância?

Só minha mãe.

12 - Quais são os escritores que você mais gosta?

Eu gosto de vários escritores.

13 - Você frequenta a biblioteca?

Frequento.

14 - A biblioteca pode fazer alguma coisa que faria você vir aqui mais vezes?

Poderia fazer assim algum evento e pra testar quem lia mais livros coisa desse tipo dava tipo uma opção de livros para cada pessoa e quem quisesse participar ganhasse um prêmio para cada pessoa que quisesse participar acho que isso não influenciava não só a mim mas várias pessoas do município.

15 - Você costuma comprar livros?

Sim.

16 - E na sua casa tem um espaço reservado para os livros?

Tem.

17 - Como são organizados?

Eu tenho uma escrivaninha ai tem meu notebook e um lado são só os livros da escola e os outros livros que eu costumo ler quando tenho tempo livre.

18 - E que tipo de livro você tem em casa?

Eu tenho livros de romance, tem vários tipos de livro, tenho livros grandes livros pequenos, livros de história em quadrinho que eu também gosto muito da Turma da Mônica ainda hoje gibi do Maurício e também outros tipos de livros da escola e de conhecimentos gerais.



## APÊNDICE N JOANA MONTENEGRO

1 – Você gosta de ler?

Sim, leio, eu gosto.

2 - Você costuma ler livros em papel digital ou ambos?

Ambos. E hoje em dia como o mundo está muito digital leio muito no próprio celular.

3 - Que atividades foram desenvolvidas pela escola ou a BPA já fizeram despertaram em você vontade de ler?

Projetos sobre sexualidade um tema bem abrangente, pertinente, adequado à idade e à época, e nos motivou procurar mais, saber mais, a gente fez um trabalho sobre globalização com a professora Maria Cândida que ficou pra história que marcaram muito, dentre outros.

4 - Que fatores influenciam você quando você vai escolher um livro ou um autor para ler?

A gente vai sempre pelo renome, por exemplo, gosto de ler poesias de Patativa porque Patativa foi um grande nome e é um grande nome no nordeste, então, acho que essas influências de ser reconhecido, ter prêmios, de ter nomes, ser homenageados em escolas, em bibliotecas acaba que nos atraem para ler as obras deles, o histórico do autor a representação que ele tem dentro do estado ou da comunidade influencia a gente ter contato com as obras deles.

5 - Você costuma ler livros em papel digital ou ambos?

A maioria das vezes é digital. Leio por celular, notebook e na correria torna-se tudo mais fácil. A gente não abre mão de ter o contato com o livro, o contato físico, mas acaba que na tecnologia da gente não tem como a gente fugir, a maior frequência é digital.

6 - Qual foi o último livro que você leu?

Comer, rezar e amar.

7 - O que representa para você a biblioteca Patativa do Assaré?

A pergunta até arrepiei, nossa ... a biblioteca... fuge até as palavras... Vila Nova ganhou uma nova cara com a biblioteca, quando você vê várias crianças e jovens lendo, pegando o gosto pela leitura é muito gratificante para nós mães, profissionais, é uma das poucas cidades do Piauí que tem uma biblioteca tão ampla, um acervo tão bom, atividades tão interessantes, eu particularmente sou fã, incentivo demais meu filho a ler, muito muito. A biblioteca em si transforma vidas e tenho certeza que a Biblioteca Patativa do Assaré já transformou muitas vidas em Vila Nova, é uma forma de lazer, temos uma cidade pequena sem muitas opções de lazer das crianças, a prova disso é que nós temos crianças que lêem 20, 25 livros por mês ou a cada dois meses e isso é gratificante pra nós, é bom, o resultado é sempre bom, quem lê

renova a alma. A literatura precisa estar presente em nossas vidas. A leitura tem que estar presente em nossas vidas.

8 – Você já leu alguma obra do Assis Brasil?

Já, na época que eu fazia teatro eu li uns livros de Assis Brasil, no momento eu não recordo o nome desses livros, mas eu lembro que eu li inclusive o que marcou minha vida que foi *O Cantor Prisioneiro*, esse transformou a minha vida, foi onde eu peguei gosto pelo teatro, pela leitura e o teatro fez parte da minha vida, o AB fez parte da minha vida, transformou parte da minha vida, não é à toa que eu sou fã dele, sou fã das obras dele, ele é um ícone, um autor, um escritor sensacional.

9 – Na sua casa tem outras pessoas que gostam de ler?

Lá em casa só eu e meu filho...mas lemos todos os dias antes de dormir, não quero que fuja da nossa rotina.

10 - Alguém na sua família lia para você durante sua infância?

Não. Minha família, mãe, pai, não tinha esse hábito, até mesmo porque eram analfabetos, eu sofri muito cedo a questão do meu pai ser alcoólatra, então assim a minha vida quando eu morava dentro de casa minha infância eu não gosto nem de lembrar pai bêbado, aquela briga, aquela perturbação dentro de casa, pra falar a verdade eu não gosto nem muito de falar da minha infância em casa, mas mãe com sua força de vontade, seu interesse, sempre incentivou nós estudar, ela não estudou, não teve oportunidade, ela sempre falava que o único bem que ela poderia deixar pra nós filhos era o estudo, no início pai não queria, não deixava, ela sempre enfrentou barreiras pra nos colocar pra estudar e graças a Deus hoje eu sou formada, minha irmã é formada e devemos tudo isso a mãe, um exemplo de mulher, um exemplo de mãe.

11 - Quais são os escritores que você mais gosta de ler?

Assis Brasil, que é maravilhoso, não tenho nem palavras pra falar, o poeta Patativa do Assaré, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade.

13 – Fala um pouco mais sobre o teatro...

O teatro ... falar do teatro é falar de algo que mudou a vida de muitas crianças e jovens vilanovenses, inclusive eu. Antes do teatro e da literatura eu era aquela pessoa totalmente desnordeada, não tinha um rumo, uma direção. Com o teatro e com a literatura eu pude me encontrar. E *O Cantor Prisioneiro* meu Deus foi uma obra sensacional, que nós encenamos muito bem, que nos levou para o palco e nos rendeu muitos prêmios, troféus, medalhas em festivais de teatro. Quando você está no palco você esquece todos os seus problemas, naquele momento não era eu, o próprio teatro está nas minhas veias, quando você sobe no palco não

vê ninguém, é algo inusitado, quando você vê a plateia e se perguntar: como vou entrar no personagem? É algo emocionante o personagem entra em você e é impressionante a forma como a gente se entrega e isso nos deixa lisonjeados... Não tenho palavras para descrever o que o professor de teatro Nonato fez na minha vida e a BPA proporciona essa transformação... a literatura nos torna um ser humano melhor e é uma experiência que vou levar para o resto da minha vida.

14 - Você frequenta a biblioteca?

Pouco, não tanto quanto antes. Mas sempre leio, sempre compro coletânea de livros.

16 - E na sua casa tem um espaço reservado para os livros?

O sofá, depois que eu mudei de casa tenho um quarto cheio de livros, mas o nosso ponto de ler é o sofá. Em cima da cama tem livro, no rack tem livros...Eu não vou dizer que não dou outros brinquedos, mas principalmente livros.

## APÊNDICE O FORMIGA NEVES

1. De maneira geral, você gosta de ler?  
Sim, sim, adquirimos muito conhecimento.
2. Alguém a influenciou ou incentivou a gostar de ler livros?  
Muito. Minha mãe, minha tia, meus professores e todos ao meu redor.
3. Que fatores mais influenciam na hora de escolher um livro ou autor para ler?  
Costumo procurar pelos autores, pelo resumo que tem na capa atrás eu gosto de ler sempre antes de começar a ler o livro por inteiro.
4. Costuma ler livros em papel, digital ou ambos?  
Mais em papel.
5. Em qual lugar costuma ler livros?  
Em lugares calmos, silenciosos, principalmente na minha casa, no meu quarto.
6. Que atividades a BPA desenvolve para despertar nas/os jovens o prazer e o valor da literatura?  
Ah, a biblioteca é maravilhosa, a quantidade de acervos, a diversidade, é...a organização faz com que a gente se encante e se sinta muito bem em estar ali e procure o livro que estiver querendo no momento e leia muito feliz.
7. Quais os gêneros literários você prefere?  
Eu gosto muito de enciclopédias e também romance.
8. E qual é o último livro que você leu ou está lendo?  
O último que li foi Morte e Vida Severina.
9. O que significa literatura para você?  
A literatura é muito importante, ajuda no conhecimento em geral no vocabulário, ajuda a ser uma pessoa mais intelectual em todos os aspectos.
10. Qual é o livro que mais marcou a sua trajetória de leitora?  
O Cantor prisioneiro, por que ele nos ensina a ser mais humanos.
11. O que representa para você a BPA?  
É um espaço maravilhoso e eu fico muito feliz por ter essa biblioteca na minha cidade, eu sou muito, muito feliz em sair propagando que na minha cidade tem uma biblioteca maravilhosa, com muitos livros, de todos os gêneros, de todo tipo que você precisar tem na biblioteca. É muito importante e por ser um lugar legal com uma grade diversidade de livros influencia crianças e adolescentes a praticarem a leitura.

12. Na sua trajetória você costuma frequentar a biblioteca Patativa do Assaré?

Sim, frequento.

13. Costuma comprar livros?

Gosto e também ganho vários.

14. Tem livros em casa? Como estão organizados?

Sim, tenho vários livros e estão organizados em prateleiras acessíveis num local legal pra ler.

15. Quais escritores você mais gosta de ler?

Assis Brasil, Machado de Assis, José de Alencar, Patativa do Assaré entre outros.

## APÊNDICE P CLARICE VILA NOVA

1 - De maneira geral você gosta de ler? Sim. A leitura sempre esteve muito presente em minha vida minha maior influência para ler é a minha cidade. Vila Nova é uma cidade de leitores, são muitos eventos muitas atividades muitos projetos e todos os jovens se envolvem muito porque sempre estamos participando de algo interessante uma palestra um lançamento de livro congresso aniversário do BPA a cada vez que chega um livro novo o pessoal da biblioteca posta no Face e a gente corre lá para ler e depois conversar sobre o que leu a biblioteca é o lugar mais especial da cidade eu amo estar aqui, a minha família, a escola e meus professores também incentivam muito, afinal, somos a Cidade Poesia.

2 - Você costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Eu costumo ler mais em papel. Eu gosto mais dessa leitura mais, mais clássica digamos assim, mas eu também leio digital só que eu gosto mais do contato direto com o livro de sentir o livro, o cheiro de livro me agrada muito.

3 - Em qual lugar você costuma ler?

Aqui na Biblioteca Patativa do Assaré, em casa, na verdade eu leio em todos os lugares eu sempre ando com um livro disponível na bolsa, então assim, qualquer lugar é lugar pra ler.

4 - Que atividades são desenvolvidas pela Biblioteca Patativa do Assaré pra despertar em você o prazer e o valor da literatura?

Bom, aqui são desenvolvidas muitas atividades, é na semana do aniversário da biblioteca, nós temos concursos de redação, nós temos leituras, roda de conversa, de debate e assim a biblioteca sempre está promovendo coisas novas, ela sempre expõe livros novos que são doados, está sempre se atualizando pra despertar o interesse dos leitores.

5 - Qual o último livro que você leu ou está lendo?

O cantor prisioneiro, de Assis Brasil.

6 - Como foi que a obra de Assis Brasil entrou na sua vida?

Então eh as obras de Assis Brasil elas começaram a se fazer presente em minha vida recentemente fiquei encantada com os livros de Assis Brasil, principalmente O Cantor Prisioneiro.

7- Quais os seus autores preferidos?

Bom eu tenho vários, mais assim os que eu mais costumo ler é Assis Brasil, Clarice Lispector, Victor Hugo, gosto muito também Patativa, Patativa do Assaré, eu leio um pouco de tudo, William Shakespeare, têm vários, Cecília de Meireles, Augusto Cury, Carlos Drummond de Andrade.

8 - Você costuma comprar livros?

Sim, costumo comprar livros e sempre tô me atualizando, lendo de tudo, aqui na Biblioteca eles sempre dispõe muitos livros, mas eu costumo complementar as minhas leituras com outros livros também.

9 - Você tem livros em casa, como é que eles são organizados?

Sim, tenho vários livros em casa inclusive eu tenho até um sonho de criar uma biblioteca na minha própria casa, no meu quarto, então eu organizo assim por autores, autores brasileiros, autores nacionais né que tenho vários e tem também da literatura universal de todos os autores.

## APÊNDICE Q JEAN POTTER

1 - Alguém influenciou, incentivou você a gostar de lê?

Meus professores. Através deles que eu comecei a ler.

2 - Quando você vai escolher um livro pra ler. o que é que influencia você escolher um livro ou um autor?

Eu sempre pergunto a quem lê bastante, peço algumas referências interessantes que eles já leram, já viram, aí, aí eu vou começo ler através dessas pessoas que já leram também que são leitores ativos.

3- Você costuma ler livros em papel, digital ou ambos?

Papel. Num gosto de digital não.

5 - Que atividades você acha que foi desenvolvido pela escola e pela biblioteca que foram importantes para que você gostasse de ler?

Eu acho que a questão das análises literárias que eles trabalhavam nas escolas, influencia bastante a questão tanto da aprendizagem como também porque você através das análises você começa conhecer os livros e acaba gostando também.

6 - Quais são os gêneros literários que você mais gosta de lê?

Eu gosto muito de ficção.

7 - Qual foi o último livro que você leu?

Foi de Assis Brasil, Os habitantes do espelho.

8 - E quantos livros você já leu esse ano?

Esse ano só uns 3 livros. Eu lembro que eu reli é o livro Os Miseráveis, que eu sempre, é um dos livros que eu mais gosto, aí esse de Assis Brasil e li um da Ana Maria que eu tenho em casa que eu gosto muito.

9 - O que representa a Biblioteca Patativa do Assaré pra você?

Conhecimento. Eu acho que é onde você se encontra, porque todas as dúvidas que você tiver, se você vir a biblioteca você vai tirar sua dúvida e, e aprendizado também porque você sempre acaba aprendendo um povo mais.

10 - Como foi, você disse que leu o livro de Assis Brasil, como foi que o Assis Brasil entrou na sua vida?

Ah... Através do teatro. Foi emocionante. A gente pegou, a gente começou fazer parte do teatro, aí o professor trabalhou com a gente a peça O Cantor Prisioneiro, que foi um dos livros



também que eu me encantei bastante, também por causa do teatro, porque uma coisa é você lê e uma coisa é você sentir, vivenciar aquela, aquela história que você leu e foi esplêndido.

11 - Quem gosta de lê na sua casa? A minha irmã, a Thayane ela gosta muito de lê, ela assim, ela sempre gosta de tá cobrando livros e acaba que influenciando também, ela gosta muito.

12 - Seus pais, alguém da sua família ou algum amigo já te deu algum livro de presente? Já. Eu já ganhei de amigos, livros.

13 - E alguém da sua família lia pra você quando você era criança? Não. Não que eu me recorde, nunca, a gente nunca teve esse hábito não, a questão de leitura até porque assim não tinha o recurso que hoje a gente tem, porque hoje você vê uma biblioteca numa cidade pequena que nem Vila Nova repleta de livros e tipo antigamente num tinha isso, a gente num tinha.

14 - Além do que você já citou, quais são os escritores que você mais gosta de lê?

Ah eu num, num tenho escritor específico que eu goste mais.

15 - Qual foi o último livro que você leu? O do Assis Brasil. E Jane Austen o que você tem a dizer? Ah... Eu comecei lê é Orgulho e Preconceito, aí eu parei, aí eu assisti o filme, aí agora tô lendo Razão e Sensibilidade, aí eu quero, porque assim eu começo lê um aí paro, aí vou pro outro pra tentar lê pra vê se dá pra lê todos dois juntos, apesar que um é maior do que o outro, mais é expectativa.

16 - Você frequenta a Biblioteca Patativa do Assaré? Frequento sim.

17 - Alguma coisa faria você frequentar mais a biblioteca, tem alguma coisa que você acha que ela deveria fazer?

O que ela deveria fazer pra que a gente viesse mais, eu acho que a questão de trabalhar mais com os adolescentes, a questão da leitura pra que eles possam vir mais a biblioteca, porque eu acho que é um dos problemas que a gente vê, questão da leitura mesmo, então proporcionar mais é eventos, alguma coisa relacionada a leitura bem interessante.

18 - Você costuma comprar livros?

Não, não sou muito de comprar livros, isso aí ficou mais pra minha irmã, ela gosta muito de comprar livros, aí eu acabo...Já ganhei muitos, até ela as vezes compra e me dá, mais não tenho esse hábito.

19 - Na sua casa os livros têm um lugar reservado?

Têm, tem uma prateleira que a gente coloca os livros. E que tipo de livros vocês tem em casa? São diversificados, a gente tem romance, são todos variados.